REVISTA DA SEMANA

N.º 1 ★ 6-1-51

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



NO TEXTO: A TRADICIONAL FESTA DE NAZARÉ EM BELEM DO PARÁ
REINADO DE RAINHAS -- MERGULHO NO PASSADO



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

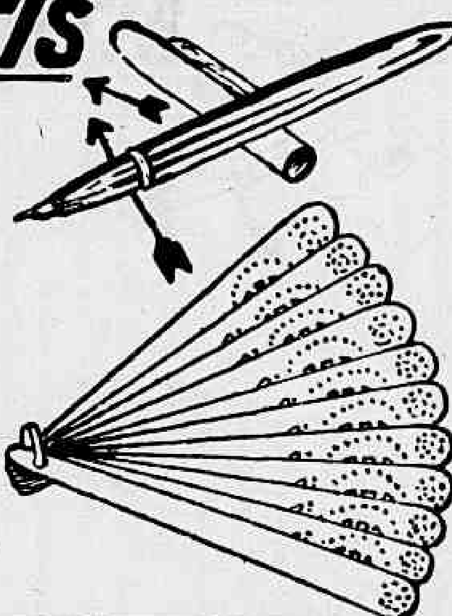
GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso

CASAS ROULIEN

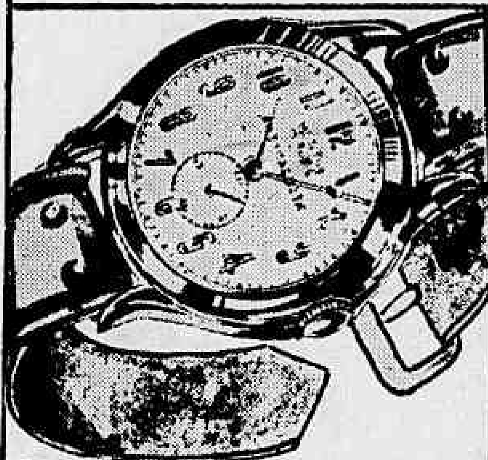
Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950, por preço de reclame.

GRATIS



Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artístico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.



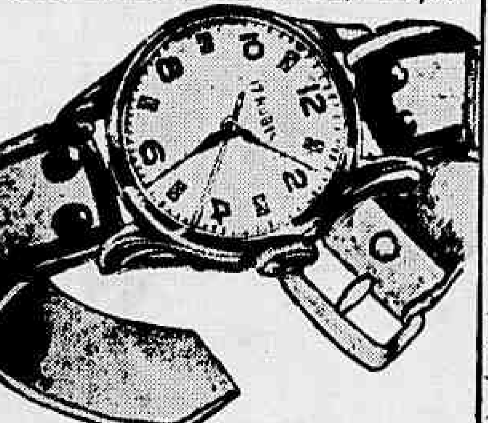
24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



24189 CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



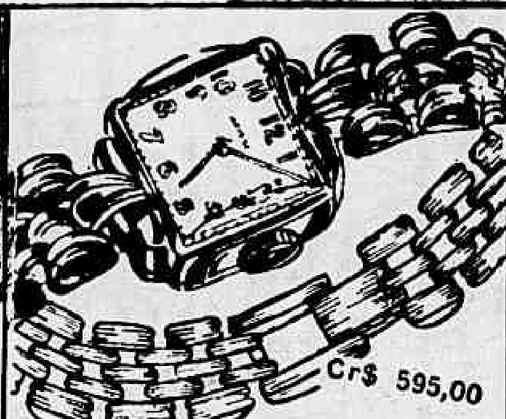
24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!.. Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00



24191 DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia — Cr$ 575,00



Cr$ 595,00

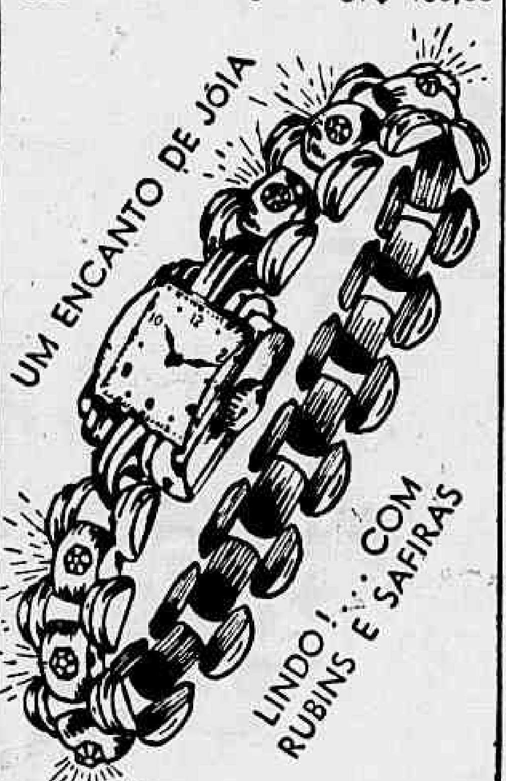
24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada. Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



24185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



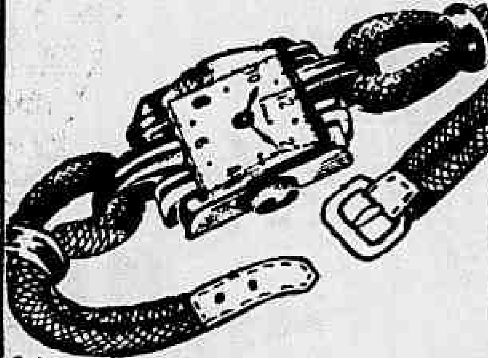
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envie-nos medida do pulso. Cr$ 489,00



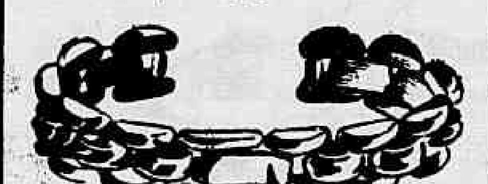
24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ Cr$ 655,00



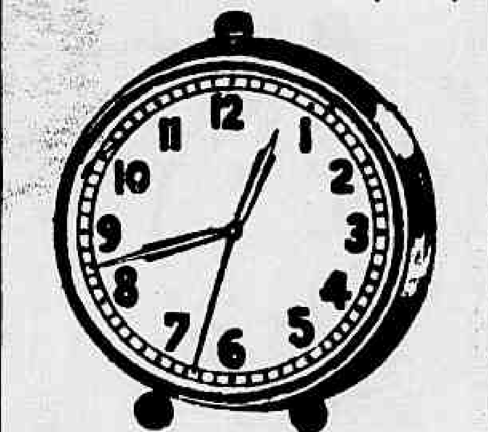
24139 Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



24183 MARAVILHOSO, ANTI-MAGNÉTICO, para senhora, Suiço ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envie-nos a medida do pulso. Cr$ 133,00



24144 - DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00

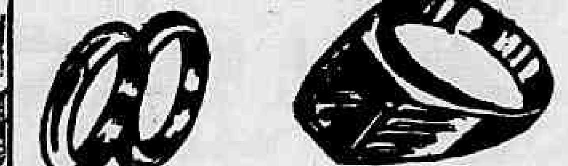


24100 DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



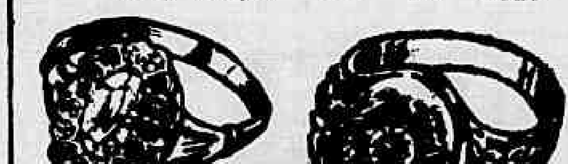
24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



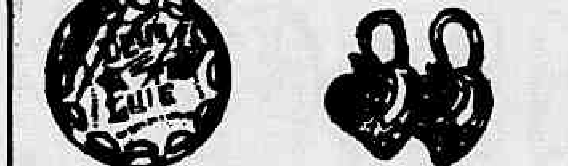
24172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



24165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo, em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da República em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00

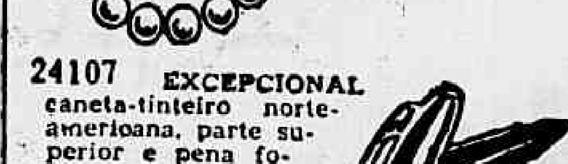


24163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

24170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00



24140 COLARES DE PÉROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legítimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00
24141 Com duas voltas Cr$ 89,00
24142 Com três voltas Cr$ 136,00



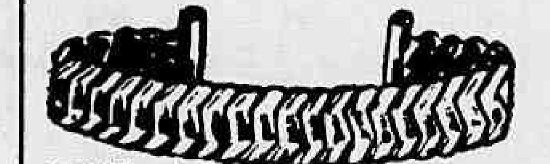
24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM ÓTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



24203 - DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00.

EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



21167 — DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeiríssima qualidade — Cr$ 95,00



24192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00



24169 — BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.



24693 — MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis. Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.





24108 — VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável e perfeita aparência de legítimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As **CASAS ROULIEN** Garantem aos seus fregueses, preços mínimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1.° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo há mais de 15 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM A DOMICILIO — FONE 49-0419

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

A tradicional festa de Nazaré (Edgard Proença) 4/6
Reinado de Rainhas (Abdias Rodrigues) 11/14
Uma história real parecida com romance (A. Pacheco) 20/21
A mais sensacional reportagem radiofônica .. 23/25
Mergulho no passado (Sabino Canalini) 30/33

★

LITERATURA

O queima da Lapinha (Mário Sette) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 16/17
Papai Noel tem bom coração (Helcindo Clark) 22
A pista do cigarro (Lysa Castro) 34

★

ATUALIDADES

Divina 26/29

★

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cerebro 7
A Semana em Revista 10
Palavras cruzadas 14
Tudo isto aconteceu 47/49
A saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 40

★

HUMORISMO

(Théo) 15
Vida nova (Nicodemus) 18

★

FEMININAS

Cabelos curtos 35
Numa tarde assim (Lyse) 35
Modelos duas peças 36
Modelos de Jacques Fath 37
Week-End na cosinha 38/39

★

FOLHETIM

Sua primeira conquista 46

★

ILUSTRAÇÃO

Oswaldo da Cunha

★

BONECOS

Rafael

★

FOTOGRAFIAS

Brito Pinto — Walter Sales — Curt Gunther
Sabino Canalini — Dino Gonçalves.

★

NA CAPA:

Piper Laurie

(Universal - International)

O queima da Lapinha



NA noite de Reis uma música me acordou. Era já bastante tarde. Madrugada, talvez. A princípio fui ouvindo essa música mesmo na cama, numa sensação de sonho, num limite de realidade, para, depois, num estado de nitidez consciente, perceber que estava desperto de verdade e que aquêles sons melodiosos vinham da rua, vinham da vizinhança. Então, me levantei. Vim à janela.

Era de fato um queima de lapinha. Como os de outrora, como os do meu tempo?

Admirei-me tanto quanto me enternecera. Ainda havia disso?! No século do futebol, do fox, do rádio?... Mas, tinha de me convencer. A melodia era a mesma. E, na imaginação, já perto, a caminho da igreja local, eu divisava o grupo festivo, os balõezinhos, a folhagem, os vestidos brancos, o metal dos instrumentos, o zum-zum do acompanhamento, até uns vivas entusiastas à "mestra" ou "à segunda do azul"... Tudo como dantes, tudo!

Passavam de repente pela minha imaginação os presépios de trinta anos atrás. Um na rua Imperial, um na rua da Mangueira, outro na Capunga ou no Monteiro... O tablado, com arregaços de palmeiras e flores de papel, as cadeiras em volta, as famílias conhecidas, as pastôras bonitas e entoadas, os saiotes coloridos, os pandeiros vibrando... E as jornadas numa seqüência invariável e numas toadas que de tão repetidas e suaves não perdiam o encanto nem o poder de acalorar. Faziamos versos para a contramestra ou a diana recitar. Compúnhamos "bouquets" de cravos para atirar-lhes. E púnhamos roupas novas para mais agradar-lhes. E quanto casamento, já passado das "bodas de prata", não saiu de um presépio dêsses?

O pastoril, de entrada paga, constituia o "pecado", mas o presépio, nos lares, com "mocinhas-donzelas", era o romântico idílio do olhar, da florzinha em segrêdo, da conversa de contrabando e, depois, ou o "corte" ou o noivado... Duravam, às vêzes, tôda a temporada da Festa, dançando-se aos sábados. E, na noite de Reis, a derradeira, o "queima".

Cantadas com maior esméro e mais vivo aplauso tôdas as jornadas de sempre, desde o "Boa-noite, meus senhores" até o "Já rompeu a aurora", entremeadas de recitativos, modinhas e cançonetas, faziam-se os preparativos para o queima. E êles se revestiam de um ritual tão cheio de lentidão, de tristeza e de saudade que os próprios espectadores se comoviam também e havia quem chorasse. Tiravam da "lapinha" a imagem do Menino-Deus, que era levado para o santuário ou a redoma do "quarto dos santos". Desprendiam da parede a armação de folhagens meio sêcas, em arco, e um grupo das pastôras carregavam-na, tomando lugar no cortejo. Outras pastôras à frente. A orquestra na retaguarda. Os assistentes, os admiradores, as famílias tôdas da vizinhança em seguida. Archotes, velinhas, castiçais de mangas de vidro, tudo servia para alumiar as ruas escuras do arrabalde. E partia-se cantando:

A nossa lapinha
Já se vai queimar...

Com aquêle tom que nenhum ouvido de pernambucano desconhece.

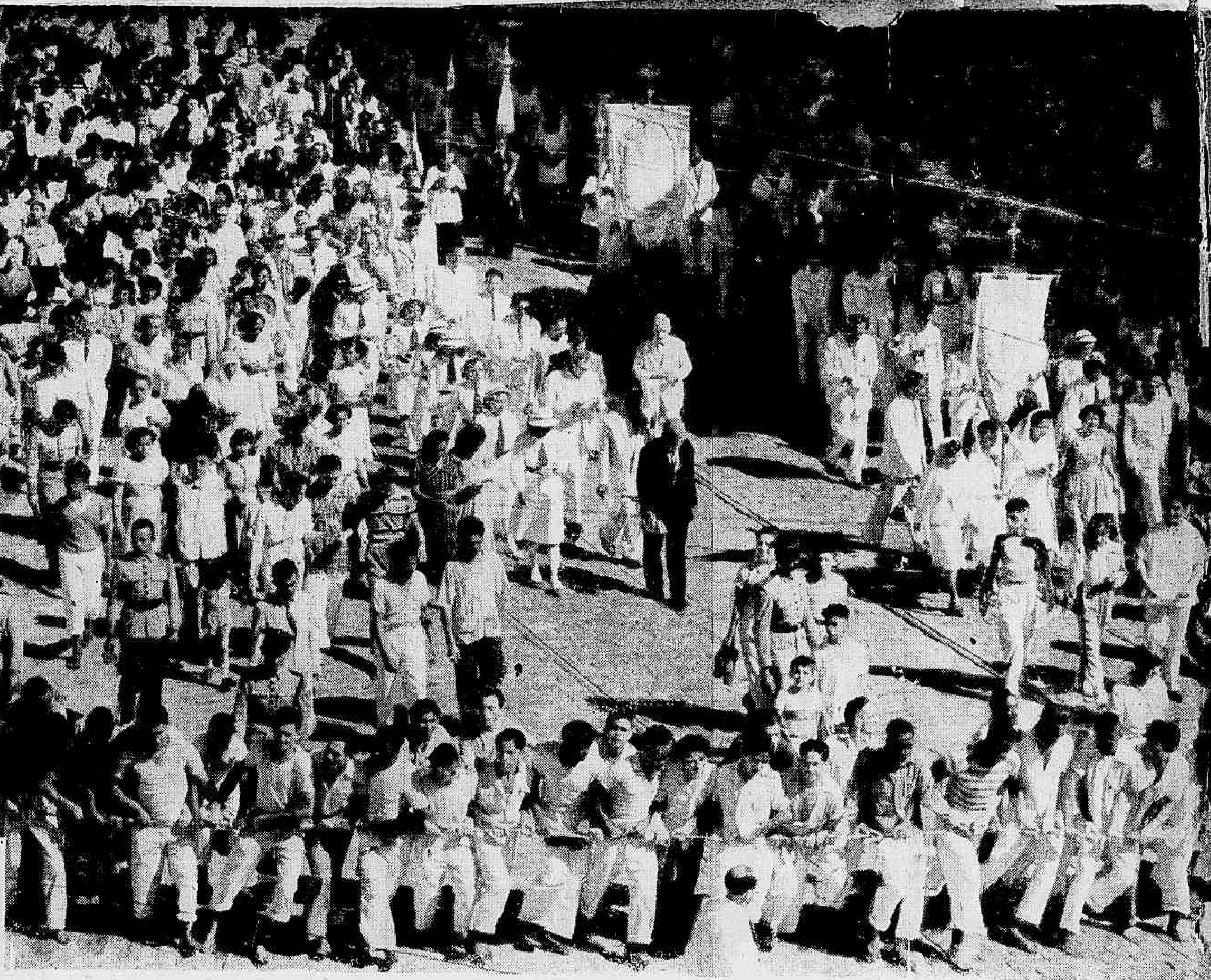
Ninguém experimentava sono nem cansaço. Embora o pátio da matriz ficasse distante. Ao contrário, para muitos a felicidade seria o infinito do trajeto. Iamos tão perto de quem queríamos! Janelas se abriam. Caras mal acordadas vinham ver "a lapinha". Muitos acompanhavam-na. E, afinal, desembocava-se no largo da igreja. No adro, depunha-se o arco de folhagens. Botavam-lhe fogo. As chamas principiavam a subir, a estender-se, a devorar, nuns estalidos impiedosos para os corações de muita gente.. As pastôras, em roda, dançando ainda e ainda tangendo os pandeiros, entoavam:

A nossa lapinha
Já tôda queimou.
Até para o ano
Se nós vivas formos...

Depois, o fim. A dispersão, os adeuses, os "até amanhã", os comentários, o silêncio, a saudade. Quando muito, retardatário, pensativo, com uma flor nas mãos e uma moça na cabeça, vai de rua afora, melancólico, um rapaz... Por outro caminho, para avivar talvez recordações, um clarinete repete o "Correi pastorinhas"... Nada mais. "Até para o ano se nós vivos formos".

A lapinha da última noite de Reis também passou. Mas, diferentíssima da de outrora. As pastôras não iam em filas, nem mantinham aquêle ar de graça e de ingenuidade das suas avós ou mamães. Umas de braços dados com os namorados. Outras falando alto em artistas de cinema. Pouca gente. Nem um viva. E um passo apressado de quem deseja logo acabar com aquilo. Talvez para dançar um samba ou uma rumba... Apenas a música era a mesma. E, por si só, serviu para reviver, aos olhos dos que punham os seus cabelos grisalhos à carícia da madrugada, as cantigas, o pitoresco, o perfume dos presépios de trinta anos que já se foram...

MARIO SETTE



NÃO HÁ PARAENSE que não goste de "pegar na corda", pois além de ser divertido, dá uns ares de grande serviço pela ordem



VELHINHA HUMILDE que vem de longe, descendo rios e igapós, para rogar à Virgem

A TRADICIONAL FESTA DE NAZARÉ

Texto de EDGARD PROENÇA ★ Fotos de BRITO PINTO

QUANDO se aproxima a festa de Nazaré não há paraense, perto ou longe da terra natal, que não sinta brotoejar o coração de alegria. Não sòmente o que nasceu na santa cidade de Maria de Belém; o que vive aqui e o que já residiu aqui, sente as mesmas vibrações de fé e alacridade. E' o periodo mais risonho da cidade e aquêle em que tudo é vida, emoção nova e jocunda. Há, certamente, qualquer coisa de sobrenatural nessa expansão jubilosa de um povo. Belém, que já foi linda e jovem como as mulheres donairosas, hoje guarda apenas a compostura de uma tradição social e civilização que a faz resistir às hecatombes do momento. E' sempre acolhedora e jovial para os que chegam e que, prêsa à boa hospitalidade, não querem mais deixá-la ou dela, longe embora, nunca mais se esquecem.

A festa de Nazaré mexe, pois, com a sensibilidade de todos. Mas, contemos, servindo-nos de preciosos depoimentos, como o de Raimundo Proença, o que foi e o que é a tradicional festa que tem como pedra angular o Cirio de Nossa Senhora de Nazaré.

NO ANO DE 1793...

Há cento e cinquenta e seis anos realizou-se pela primeira vez o Cirio. Essa denominação, segundo os historiadores, nasceu das velas que acompanhavam o préstito.

Aquêle saudoso historiador paraense assim descreve:

"Várias lendas se formaram em tôrno dêsse acontecimento. A tradição oral, po-



AUTORIDADES ECLESIÁSTICAS ladeando o Bispo de Belém, acompanhadas por altas patentes militares do Pará, aproximam-se do centro dos festejos que empolgam todo o Estado

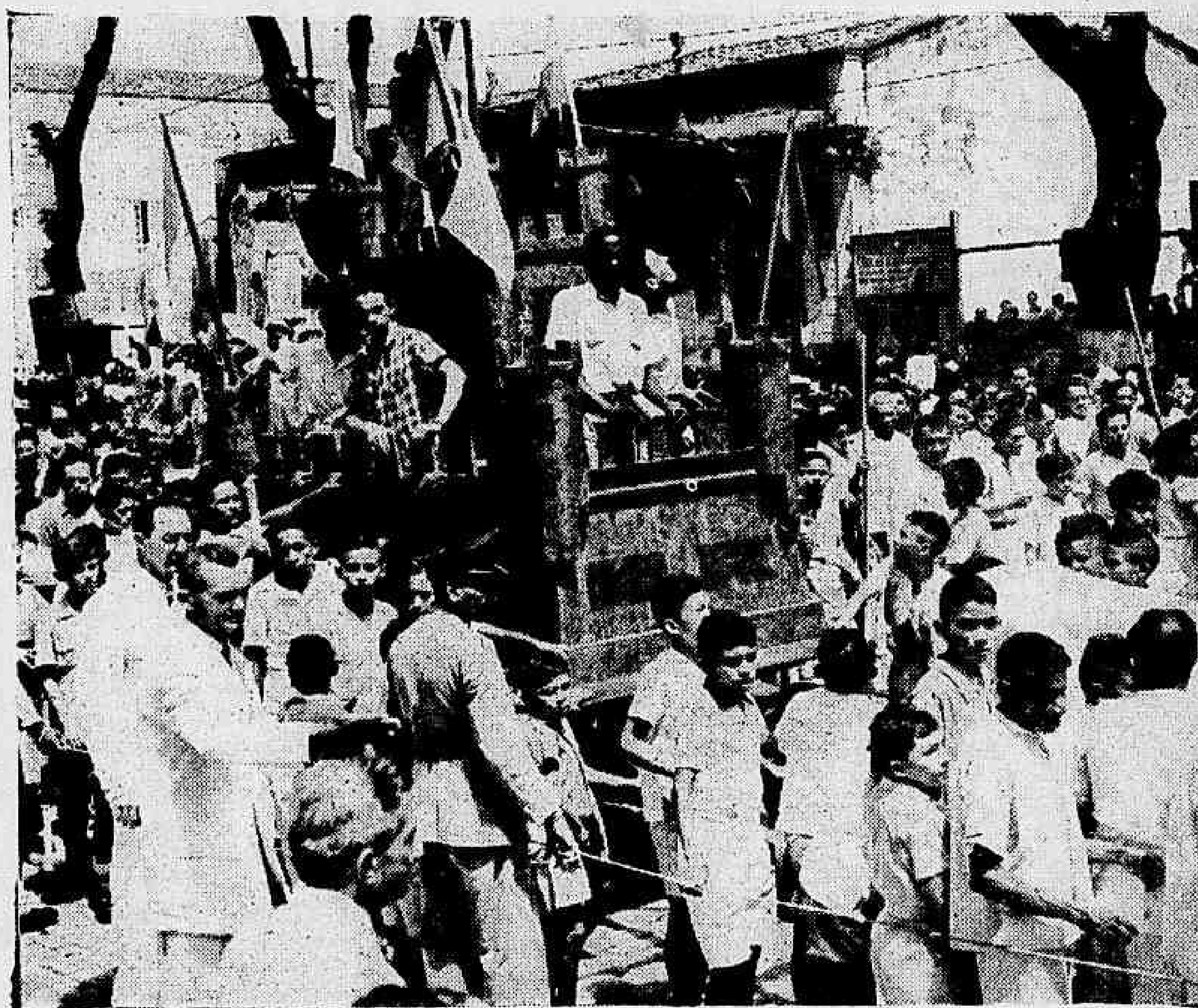


CENAS QUE se desenrolam durante o magnífico cortejo religioso, com o carro do Anjo cercado de anjinhos de carne e osso, enquanto a multidão estruge no grande dia da Santa

A TRADICIONAL FESTA DE NAZARÉ . . .



CENAS DE RUA durante os dias do "Círio", vendo-se devotos com as suas promessas. Ao lado: oceano de povo inundando as ruas emangueiradas de Belém, para louvar a Virgem



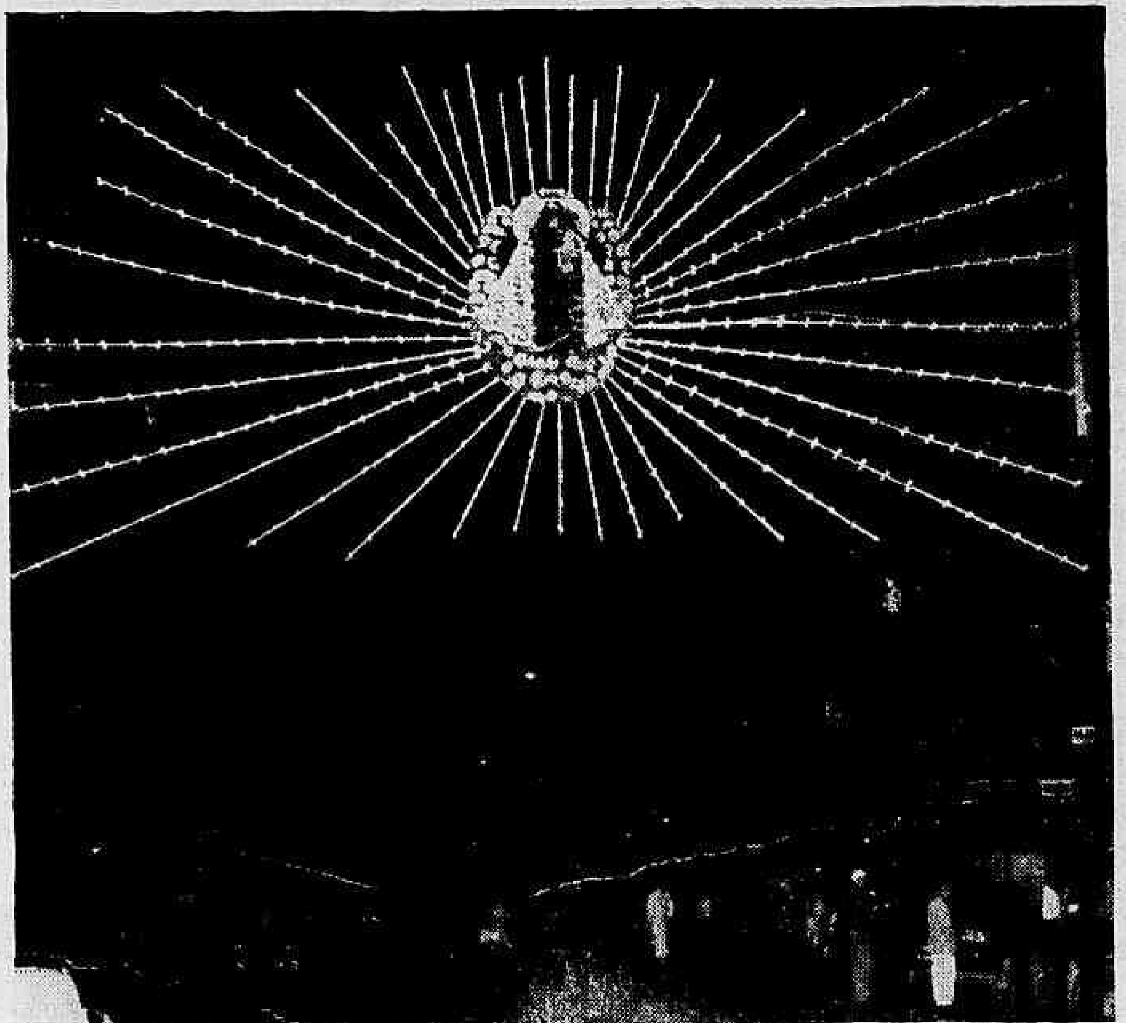
UM DOS CARROS alegóricos do cortejo, mostrando a fortaleza, simbolizando a Fé em que se acastela o povo na defesa de sua Santa e das tradições paraenses, há quase dois séculos



TIPOS POPULARES, gente do povo, a grande massa que enche de graça e tradição as ruas de Belém, muitos de descendência cabocla, descalços, por promessa ou por necessidade



do cortejo dos fiéis pelas ruas de Belém, convertida em Meca ou sede da Fé iluminada



UMA VISÃO DAS imediações da praça em que está situada a Basílica de onde sai o cortejo do "Círio de Nazaré", por onde se pode ver o elevado grau de fé e entusiasmo dos paraenses por sua padroeira. Em baixo, a imageh da Virgem que dá origem ao "Círio", realizado anualmente desde 1793

EM BELEM DO PARÁ

rém, e os documentos da época informam que, em 1700, vivia em um sítio à estrada do Utinga um mulato de nome Plácido, conhecido pela sua piedade.

Era conhecido pela denominação da estrada do Utinga um caminho irregular, que comunicava o largo da Campina (depois largo da Pólvora, praça Pedro II e praça da República), onde terminava a cidade, com um engenho que Theodureto Soares possuía à margem direita do igarapé Murutucu. Essa estrada (ou melhor, caminho), passou, mais tarde, a ser chamada estrada de Nazaré, avenida Independência e estrada do Marco (avenida Tito Franco).

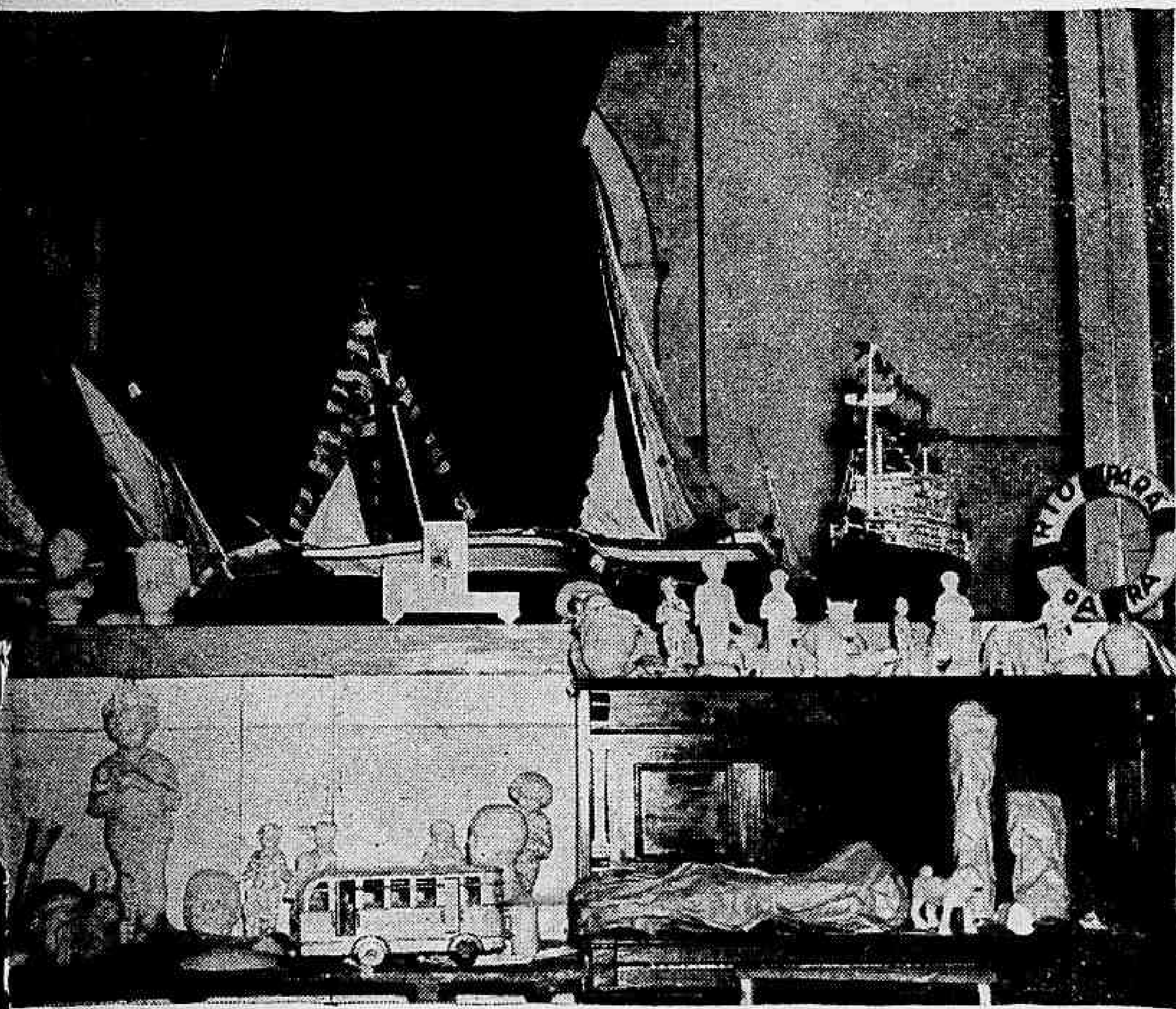
Em sua palhoça, erguida no local onde agora é a praça Justo Chermont, possuía Plácido, em um tôsco oratório, uma imagem de N. S. Nazaré, que se diz ter sido trazida da Vigia, de onde, parece, era natural aquêle humilde lavrador.

Dedicou-lhe Plácido verdadeiro culto, atribuindo à Santa dons miraculosos, que aos poucos se foram tornando conhecidos.

A princípio, algumas pessoas, e depois dezenas, centenas e milhares, obtinham graças, por intercessão da Santa, levan-

(Cont. na pág. 42)





"EX-VOTOS" ENTREGUES à Santa de Belém pelos fiéis que, em horas de aflição, recorreram à sua misericórdia para que escapassem à morte. São o documentário dos milagres

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — A MALVA É PLANTA MEDICINAL:

Emoliente?
Laxativa?
Aperitiva?

2 — QUAL A PARTE DO CORPO QUE A PNEUMONIA ATACA:

A pleura?
Os pulmões?
O fígado?

3 — A LUXAÇÃO É:

Ferimento?
Deslocação?
Distorsão?

4 — QUE QUER DIZER ANTÍDOTO:

Instrumento de suplício?
Vento contrário?
Contra-veneno?

5 — EM QUE DATA SE DEU O GRANDE TERREMOTO DE LISBOA:

1 de novembro de 1755?
13 de abril de 1870?
10 de maio de 1872?

6 — QUAL O MONARCA PORTUGUÊS MAIS DISSIPADOR E PERDULÁRIO DAS RIQUEZAS NACIONAIS:

D. Sebastião?
D. João VI?
D. João V?

7 — QUANTAS EXPEDIÇÕES MILITARES REALIZOU D. SEBASTIÃO CONTRA OS MOUROS AFRICANOS:

Uma?
Três?
Duas?

8 — QUEM SUBSTITUIU A FERNÃO DE MAGALHAES NA PRIMEIRA VIAGEM DE CIRCUNAVEGAÇÃO DO MUNDO:

Duarte Pacheco?
Sebastião de Elcano?
Américo Vespúcio?

9 — A QUE NAÇÃO PERTENCIA FERNÃO DE MAGALHAES QUANDO EMPREENDEU SUA ESPANTOSA EXPEDIÇÃO MARÍTIMA:

Ao Govêrno de Castela?
A Portugal?
À República de Veneza?

10 — QUE NOME TEVE O TRATADO QUE DIVIDIU O MUNDO ENTRE ESPANHA E PORTUGAL:

De Alcaçovas?
De Tordesilhas?
De S. Germano?

11 — A QUEM PRIMEIRAMENTE SE OFERECEU CRISTÓVÃO COLOMBO PARA ENCONTRAR O CAMINHO DAS INDIAS PELO OCIDENTE:

Ao Govêrno francês?
Ao espanhol?
Ao português?

12 — EM QUE PALÁCIO DA EUROPA FOI ACLAMADO GUILHERME I, COMO IMPERADOR DA ALEMANHA:

No de Potsdam?
No de Versalhes?
No de Viena?

13 — QUAL O ESTADISTA ALEMÃO QUE CONSEGUIU UNIFICAR O IMPÉRIO GERMÂNICO:

O conde de Bismarck?
O barão Stein?
O general Scharnorst?

14 — QUANTAS NAÇÕES SE ALIARAM À GRÉCIA PARA ARRANCÁ-LA DO jugo da Turquia, tornando-a independente:

Cinco?
Duas?
Três?

15 — QUANTOS ANOS DUROU A GUERRA DA INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS:

Dois?
Sete?
Três?

16 — QUEM FOI O GENERAL EM CHEFE DAS FÔRÇAS AMERICANAS DA LUTA DA INDEPENDÊNCIA:

Abraão Lincoln?
Lafayette?
George Washington?

17 — COMO DEVEMOS ESCREVER E PRONUNCIAR A PALAVRA CZAR:

Tsar?
Csar?
Tzar?

18 — QUAL O SOBERANO CONSIDERADO O FUNDADOR DA NAÇÃO RUSSA:

O Tzar Aleixo?
Nicolau I?
Pedro, o Grande?

19 — COMO SE CHAMOU O SOBERANO FRANCÊS QUE DEU SEU NOME AO SÉCULO EM QUE VIVEU:

Carlos V?
Luiz XIV?
Luiz XV?

20 — A QUEM SE DEVE A IMPLANTAÇÃO DO PROTESTANTISMO NA SUIÇA:

A Lutero?
A Calvino?
A Zwinglio?

(Resposta na página 58)

Os Sofrimentos das Mulheres



Os médicos sabem as graves conseqüências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem **ser respeitadas.**

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitada pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**



Aspecto do "lunch" oferecido aos presentes pela diretoria do Jardim de Infância, quando confraternizaram diretores do Jockey Clube Brasileiro, convidados, alunos e professôres

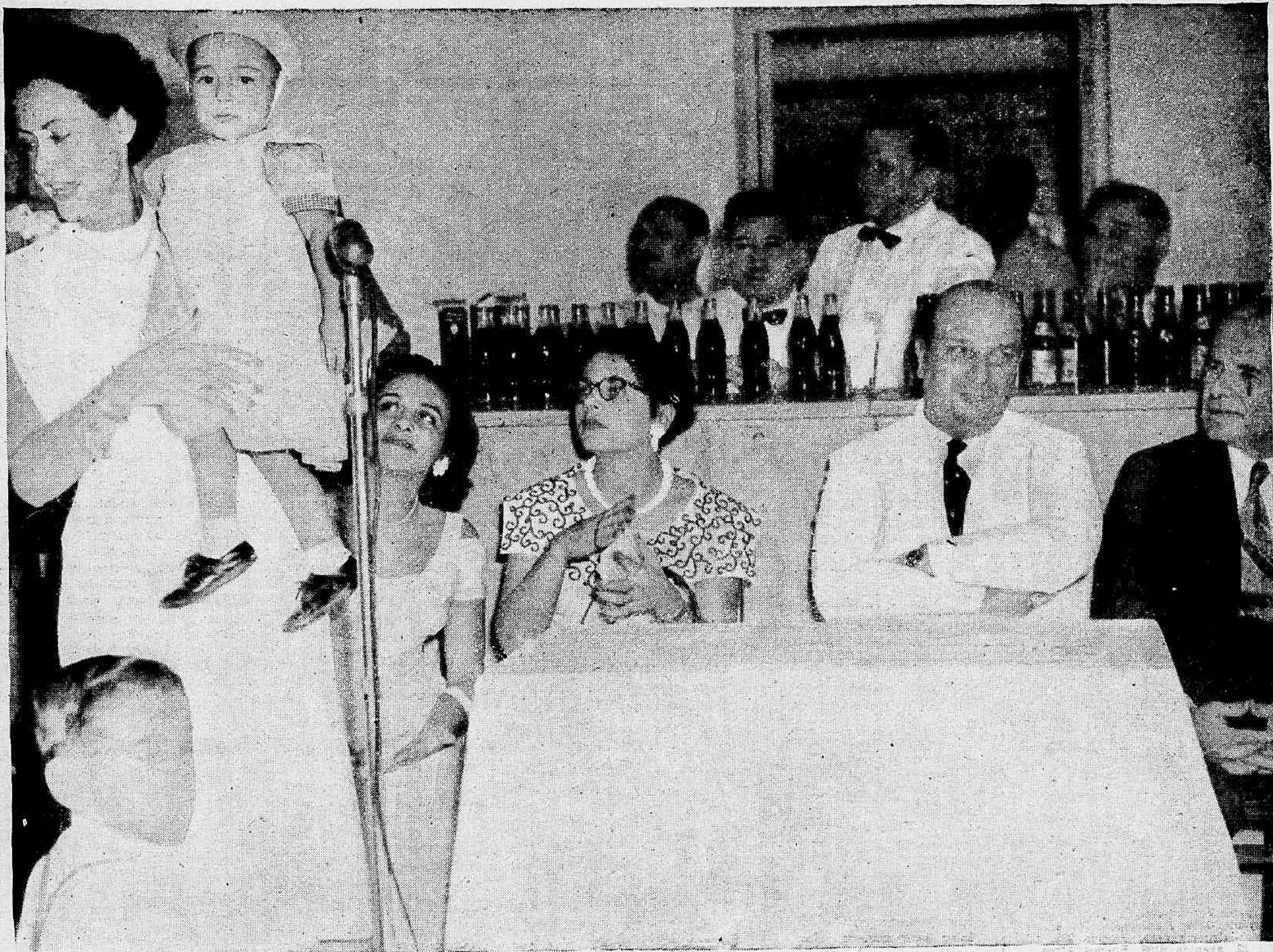
JARDIM DE INFÂNCIA DO JOCKEY CLUB

O ENCERRAMENTO DAS AULAS DO ANO LETIVO DE 950

UMA festividade simples e expressiva marcou, êste ano, o encerramento do ano letivo de 1950 no Jardim de Infância do Jockey Club Brasileiro, a esplêndida obra social que viceja nos magníficos jardins do Hipódromo Brasileiro, e da qual REVISTA DA SEMANA, tem se ocupado em sucessivas reportagens. Como nos anos anteriores, grande número de convidados e diretores da nossa



Professôras e funcionárias do Jardim de Infância posam para esta foto em companhia de alguns convidados



A professôra Mauricéa Feliz da Silva, diretora do Jardim, apresentando o mais novo aluno do curso. Aparecem na foto, entre outros, os Srs. Arthur Pires e Alonso Soares Dutra

tradicional agremiação turfista estêve presente à cerimônia, destacando-se o Sr. João Borges Filho, presidente; Arthur Pires e outros membros da Diretoria, decorrendo os festejos dentro de um ambiente de intensa alegria.

Os alunos que se destacaram nas diversas séries do Jardim de Infância e do Curso Primário, receberam interessantes mimos, tendo a diretora da Escola, Srta. Mauricéa Feliz da Silva, saudado a direção do Jockey Club pelo apoio cada vez mais decisivo que vem prestando àquela realização de valor inestimável para os filhos dos empregados da grande sociedade carreirista. Após os festejos, foi servida aos presentes lauta mesa de doces finos e refrigerantes.





À esquerda, o Dr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club, entrega um prêmio a um dos alunos distintos. À direita — a diretoria do Jardim de Infância do Jockey Club saudando a diretoria do Jockey Club pelo muito que têm feito em prol do desenvolvimento daquela notável obra de assistência social

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 1 ★ 6-1-1951

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A décana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

RELÓGIO DE PONTO

..Com as belas remunerações a deputados e vereadores por êsse grande Brasil a fora, não há quem resista à tentação de "sacrificar-se" pela Pátria e assumir seu pôsto numa cadeira de legislador, seja de Municipalidades, seja dos Legislativos estaduais ou federais. De todos os recantos do Brasil nos chegam notícias da animação que reina por aí acêrca dos aumentos que vão ser aprovados nos subsídios dos legisladores. Há, é verdade, algumas exceções, apontando-se mesmo, Câmaras de Vereadores que suprimiram os tais subsídios ou os diminuíram sensivelmente. Mas isso é lá uma ou outra. No geral, não há quem não se entusiasme para passar de dois mil, sem maiores trabalhos, sem empregar capital, sem correr risco, sem pagar impôsto sôbre a renda, sem depender de chuva, de sol, de praga de gafanhoto e de calotes comerciais. De Goiânia, porém, nos veio esta notícia curiosa: o sr. Germano Beriz, da capital de Goiás, visivelmente indignado com a negligência dos senhores vereadores que não comparecem ao recinto augusto da Câmara para votar o orçamento da Capital, teve esta idéia salvadora: instalação no Legislativo da Capital, de um relógio de ponto. Todo vereador que não registrar na "hora H" sua chegada e ali não permanecer até ao final das sessões, será descontado de seus vencimentos. Muito bem! Goiânia nos dá excelente prova de defesa do povo, e êsse exemplo merece ser imitado pelo resto do Brasil. Ao menos os agentes de relógios de ponto venderão mais alguns...



O DIA DA BÍBLIA



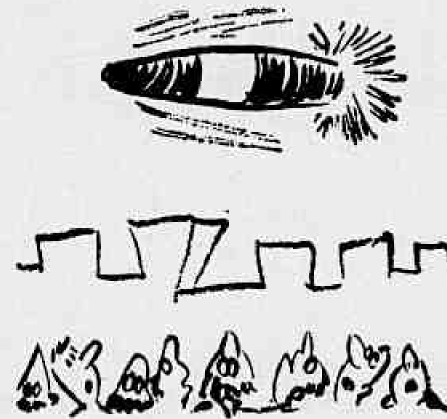
Passou a 10 de dezembro, o Dia da Bíblia. Em São Paulo, Salvador e Recife, essas manifestações em louvor ao Livro dos Livros, se revestiram de grande significação, graças ao programa que a Sociedade Bíblica do Brasil organizou sob o lema: "Em cada lar uma Bíblia, e esta ao alcance da bolsa mais modesta". Nós somos um povo de grande maioria católica e nos criamos e desenvolvemos sob o signo da civilização cristã. Entretanto, a leitura da Bíblia é quase "invisível". Apenas os chamados protestantes fazem da Bíblia o ponto de apoio às suas crenças, e têm na Bíblia a explicação e interpretação de todos os fatos e episódios que acontecem no mundo. Entretanto, não há leitura mais rica e cheia de surprêsas, do que a da Bíblia. O Antigo Testamento, ou seja, o Pentateuco com os livros atribuídos a Moisés, a começar pelo "Gênesis", descreve ao leitor tudo o que se relaciona com a humanidade de antes de Jesus. As crenças judaicas, os altares dos sacrifícios, as provas por que Jeová fizera passar os seus eleitos, os milagres da fé, o sofrimento dos israelitas, etc., tudo está ali explicado, muitas vêzes em linguagem lírica, poética, de um misticismo encantador. Com o Novo Testamento, isto é, os Livros dos Apóstolos, ou Evangelistas, os Evangelhos Sinóticos, ou sejam, os que se assemelham entre si, têm os leitores tôda a história da Vida de Cristo, justamente na fonte incontestável de Lucas, Marcos, etc., testemunhas de tudo o que se passou. Inexplicàvelmente, porém, a Bíblia não é livro de cabeceira dos brasileiros. Entretanto, D. Pedro II dizia que lia a Bíblia diàriamente. Os maiores escritores e filósofos também a liam. A leitura da Bíblia é um confôrto. Experimentem.

O DIA DE ZAMENHOF



A 15 de dezembro comemorou-se no mundo inteiro, o 91.º aniversário do nascimento do médico Lázaro Ludovico Zamenhof, criador do Esperanto, a língua auxiliar internacional. No Rio, dentre as comemorações, destacaram-se: a irradiação da Vida de Zamenhof pela Rádio Ministério da Educação, uma solenidade realizada no Liceu Literário Português para a entrega de certificado de alunos que terminaram o curso de Esperanto em diversas instituições, e, por fim, uma conferência por Frei João Batista Kao, na ABI, em esperanto, sôbre a filosofia de Confúcio. Em todos os Estados do país houve comemorações, destacando-se dentre tôdas a que realizou Belo Horizonte, inaugurando o primeiro monumento a Zamenhof, já erguido no Brasil. O Esperanto, como estamos vendo, continua a lutar contra o indiferentismo ambiente. Quando se fala nessa língua artificial, mas imaginada e realizada dentro de conceitos científicos, muitos acham que se trata de coisa inexeqüível, de um sonho de lunático. Nada mais falso. Zamenhof, ao pensar numa língua auxiliar universal, teve aquêle mesmo sonho de Ampère, quando, aos 17 anos, procurou criar uma língua unificada para tôda a humanidade, tendo os olhos na concórdia e na paz. Zamenhof não foi um visionário. Passou dez anos a organizar o Esperanto, a língua da união dos povos. Mas, como não depende de uma só pessoa o êxito de seu empreendimento, se o Esperanto ainda não conseguiu vitória completa, a culpa não cabe ao inventor, e sim à própria humanidade, negligente e incapaz de movimentos generosos para sua própria salvação.

UM CHARUTO PARA CHURCHILL



Ninguém ignora que o grande Churchill é louco por um charuto dos bons, de boa fumaça azulada. Não há caricatura em que não apareça o charutão. Pois é possível que tais popularidades já tenham chegado a outros planetas. Não é de hoje que se divulgam notícias sôbre discos voadores, pires, pratos e gamelas a voejar aí pelos espaços siderais. Até agora ninguém pôde explicar claramente o que significam tais coisas. Só inúteis suposições, ingênuas deduções. Em Nápoles foi visto um disco voador que não era mesmo disco, pois tinha a forma oval. Quem viu a aparição foram alguns oficiais da aviação italiana. Garantiram que se tratava de um corpo luminoso, de forma oval, emitindo luminosidade intensa. Em Londres, porém, a coisa já tomou aspecto mais definido. A 11 de dezembro dêste Ano Santo de 1950, à tardinha, centenas de transeuntes daquela capital tiveram a atenção chamada para o alto dos céus sem "fog". Um barulho de tanques a rolar pelas estradas do céu caiu sôbre a City e todo mundo levantou o pescoço. E lá estava o misterioso agente de barulho! Que era? Disco voador? Prato, Pires? Nada disso. O que viajava pelas alturas era um charuto, enorme charuto de luz brilhante na cauda. Não somos adivinhos nem profetas; mas, com tôda a certeza, essa popularidade de Churchill já atingiu outros mundos e, de lá, mandam gentilmente para o valente ex-Premier, um charutão em sua homenagem

A PERSONAGEM DA SEMANA

NOS fins da semana passada foi a população do Distrito Federal surpreendida por uma notícia que a deixou perplexa. O Major Meneses Côrtes, pedia demissão do cargo de Diretor do Trânsito, sendo atendido pelo Sr. Presidente da República. Não havia muito o demissionário conseguira êste milagre no Rio de Janeiro: resolver o angustioso problema do trânsito de veículos na Capital Federal, diàriamente a apresentar cenas capazes de fazer estalar os nervos de Job. O trânsito no Rio não interessa apenas ao carioca. Êle se estende por tôdas as demais capitais do Brasil, não porque as regras e determinações vigentes aqui tenham de ser aplicadas noutros centros urbanos de grandes movimentos, mas pelo fato de tratar-se da maior cidade do país e aquela que constitui o centro diretor de tudo o que representa um passo para o progresso e a civilização. Qualquer pessoa que vem da província ao Rio e nota, atualmente, o desafôgo das artérias centrais, com especialidade a Avenida Rio Branco em relação ao trânsito de veículos, leva para sua terra uma impressão de adiantamento e disciplina de tráfego, sentindo mesmo uma espécie de orgulho diante dêsse bem-estar geral advindo após a intervenção Meneses Côrtes num organismo enfêrmo como era o do movimento de carros no Rio. Não se pode dizer que sua senhoria não tenha tido êrros na execução dos seus propósitos para corrigir defeitos e hábitos nesse gênero da vida carioca; mas, fôssem quais fôssem os lapsos, estava o Major Meneses Côrtes a impor-se à população e aos motoristas como um homem de grande capacidade e visão de suas responsabilidades. Súbito, porém, demitiu-se. O motivo foi o de uma portaria sôbre regime de taxis, anulada diretamente pelo General Dutra em face de reclamações. Sentindo-se desautorado, o Diretor do Trânsito entregou o bastão de comando. E' pena. Estava a população carioca a beneficiar-se com sua gestão e, possìvelmente, de futuro talvez o Diretor conseguisse disciplinar o serviço de taxis no Rio, através do qual se praticam os mais intoleráveis abusos contra a população. A sua atitude foi coerente e espelha o feitio de seu caráter, qualidades morais já um tanto gastas nos dias que correm. Assim, mais uma vez, é o Major Côrtes, a Personagem da Semana.



Major Meneses Côrtes

REINADO DE RAINHAS

1950 FOI PRÓDIGO EM RAINHAS E TUDO INDICA QUE 1951 TAMBÉM O SERÁ ★ 22 CONCURSOS REALIZADOS ★ TANTO A "BONECA DE PIXE" COMO A LOURA VIRGÍNIA LANE, TÔDAS GOSTAM DE TER UM TRONO E UMA COROA ★ COISAS DE MULHER, NATURALMENTE.

Texto de ABDIAS RODRIGUES
Fotos de DINO GONÇALVES

O ano de 1950 foi pródigo em rainhas e tudo indica que 1951 também o será. Instituidos por vários órgãos da imprensa carioca, assim como por diversas associações recreativas, tivemos no ano próximo passado 22 concursos de rainhas, destacando-se os promovidos pelos jornais "A Manhã", para a eleição da "Rainha do Comércio" e "Rainha das Operárias"; "Diário Carioca", para coroação da "Rainha dos Subúrbios"; e "Fôlha do Rio", que promoveu a eleição de Virginia Lane, como "Rainha da Cidade".

Agora, "Fôlha Carioca" está patrocinando o pleito para a escolha da "Rainha das Atrizes", concurso êste que se realiza todos os anos às vésperas do carnaval. Também a Associação Brasileira de Rádio se movimenta a fim de escolher a "Rainha do Rádio Brasileiro". Devido à grande popularidade dos artistas radiofônicos que se inscreveram, tais como Dalva de Oliveira, Carmélia Alves, Safira, Araci Costa e Isaurinha Garcia, o certame vem despertando grande interêsse no público ouvinte de todo o país.

Araci Costa foi também candidata ao concurso — "Rainha dos Subúrbios", tendo sido classificada em nono lugar entre as dez primeiras colocadas. Agora, como candidata a "Rainha do Rádio Brasileiro" a sua classificação talvez melhore, devido o grande prestigio do seu cabo eleitoral, Luiz de Carvalho — o simpático locutor da cidade. Outrossim, a própria direção da Rádio Guanabara, onde atua, está interessada na sua eleição. Conta, assim, Araci Costa, desta vez, com o apoio dos srs. Paulo Mourão, Ismael Bittencourt e Major Mânis, respectivamente, diretor-presidente, diretor de publicidade e diretor-artistico da popular emissora carioca.

A Associação Brasileira de Rádio, tendo em conta a repercussão do concurso e a projeção dos artistas no país, resolveu modificar as normas que até então eram seguidas, isto é, acrescentou ao titulo *Rainha do Rádio* a



VIRGINIA LANE — a Rainha da Cidade. A graciosa artista do Teatro Recreio sagrou-se rainha no concurso instituído pelo vespertino «Folha do Rio», tendo derrotado, em renhidíssimo pleito, as demais candidatas.





ARACY COSTA — candidata aos concursos «Rainha do Rádio de 1951» e «Rainha dos Subúrbios. Tem grande apoio.



CARMÉLIA ALVES, outra candidata a «Rainha do Rádio». Foi lançada pela Mayrink Veiga, onde atua atualmente.



DALVA DE OLIVEIRA, também candidata à Rainha do Rádio. Sua popularidade constitui temor às adversárias.

palavra *Brasileiro*. Assim, de agora em diante, de dois em dois anos, teremos a eleição da Rainha do Rádio Brasileiro, em vez de sòmente Rainha do Rádio. Ao certame podem concorrer tôdas as artistas que atuam no rádio brasileiro, independentemente da indicação das emissoras. A modificação introduzida dá, portanto, ensejo a que os artistas dos Estados concorram ao pleito. E' o caso, por exemplo, de Isaurinha Garcia, a forte candidata de São Paulo, que vem obtendo expressiva votação nas apurações preliminares.

★

A Associação de Cronistas Carnavalescos, por decisão de sua Assembléia-Geral Ordinária, resolveu patrocinar, a exemplo do carnaval passado, o concurso destinado a eleger a "Rainha do Carnaval de 1951". Tratando-se de um pleito ao qual concorrem candidatas das mais variadas classes sociais, a Associação torna público que não se trata de um concurso de beleza nem de plástica, podendo do mesmo participar representantes do comércio, da indústria, dos clubes sociais, das sociedades carnavalescas, do rádio, do teatro, do cinema e de outras classes, sendo exigido, tão sòmente, como única e indispensável condição, que a candidata possua "espirito carnavalesco".

Como vêem é fácil candidatar-se a "Rainha do Carnaval". Basta que as candidatas tenham "espirito carnavalesco. E isso é peculiar a quase tôdas as cariocas. Daí o grande número de inscrições já registradas, destacando-se os nomes das artistas Maria Helena Reis, conhecida intérprete de sambas e boleros nas "boites" da metrópole, e Lolita Rios, que é, sem dúvida, uma das mais fortes concorrentes. Além da sua popularidade e simpatia, Lolita possui o requisito exigido que é — "espirito carnavalesco". Assim que foi lançada a sua candidatura pela "Boite Flair", onde atua com exclusividade, seus fãs e admiradores diàriamente se transformam em cabos eleitorais, a fim de elegê-la companheira de Rei Momo I e Único. A graciosa candidata está com saudade do carnaval carioca, pois chegou há pouco tempo do Velho Mundo,



LOLITA RIOS — candidata a "Rainha do Carnaval de 1951". Foi lançada pela "Boite Flair".



onde estêve em "tournée" com a Orquestra Fon-Fon, por indicação do Maestro Chiquinho e sob os auspícios da Rádio Nacional. Durante cêrca de um ano e dois meses percorreu a França, Suíça e Itália, viajando também em missão artística pelo Oriente, especialmente pelo Líbano, Egito, Síria e Iraque, onde teve oportunidade de exibir-se em audição especial para o rei do Iraque, no próprio palácio imperial. Além de cantora, Lolita Rios é, também, compositora de músicas populares.

★

Tivemos ainda no ano passado "Rainha do Esporte Amador", "Rainha da Primavera", "Rainha do Cinema", "Boneca de Pixe", que é uma rainha mirim, e outras mais. Nenhum dêsses concursos, como se poderia esperar, é pròpriamente de beleza. Contudo, muitas das concorrentes são bonitas; outras, possuidoras de graça cativante. Estão neste caso as senhoritas Wilma Santos Sérgio, Leontina de Almeida Costa e Marlene Silva, que foram respectivamente princesas no concurso "Rainha dos Subúrbios".

Wilma é filha do sr. Silvio Justo Sérgio e de sua espôsa, sra. Ligia Sérgio. Tomou parte no concurso logo no início e durante muitos meses manteve-se em primeiro lugar. Sòmente nas últimas apurações é que perdeu para Ivana Rodrigues, que se sagrou rainha. Leontina é filha do sr. Waldeviro de Almeida Costa e de sua espôsa, sra. Carmen Alayde da Silva.

No pleito patrocinado pela "A Manhã" foram eleitas Lila Léa Lemos — "Rainha do Comércio", e Eunice Silva — "Rainha das Operárias". Sagraram-se como princesas operárias as graciosas senhorinhas Adail Mendes de Oliveira, Isabel da Silva, Ana Pereira de Queiroz e Anaclair Sorte, que aparecem nas páginas da REVISTA DA SEMANA, graças aos nossos confrades daquele matutino, Henrique de Campos e Mauro Monteiro, que, gentilmente, nos cederam as respectivas fotos.

★

Êste ano vamos ter mais outra rainha. Como é sabido, deverão chegar do norte, ainda êste mês, muitos dançarinos do frevo para se exibirem no carnaval. Nessa ocasião será eleita a "Rainha do Frevo". A esse concurso candidatar-se-á, provàvelmente, a senhorinha Jerusa Monteiro Coimbra, exímia executora da excêntrica dança. Jerusa tem apenas 18 primaveras. E' bonita, simpática, esbelta, vivaz, e tem boa voz, aliás, muito parecida com a da sua irmã Lolita Rios. Já cantou em programas como "Papel Carbono", "Hora do Pato", etc., tendo sido premiada e aplaudida. Não lhe falta vontade de tentar a carreira artística, mas Dona Leolpoldina Monteiro Coimbra — sua mãe — acha que de artista na família já ba ta a Lolita.



WILMA SANTOS SÉRGIO, candidata ao concurso «Rainha dos Subúrbios», certame patrocinado pelo «Diário Carioca».



MARLENE SILVA, candidata à «Rainha dos Subúrbios». Ingressou no final do concurso e derrotou muita gente.



OUTRA PÓSE de Marlene feita quando fôra classificada em 2º lugar. Serena, confiante, espera o resultado do pleito.



LILA, que fôra últimamente «Rainha do Comércio»

SAFIRA, candidata à «Rainha do Rádio».



CANDIDATAS ao concurso «Rainha das Operárias», certame instituido pelo vespertino «A Manhã». Nêste grupo aparecem Ana Pereira de Queiroz (sentada), Anaclair Sorte, Eunice Alves da Silva e uma sua amiguinha.



ANA Pereira de Queiroz em outra pose.

IVANA RODRIGUES, candidata à Rainha dos Subúrbios.

A FESTA DE NAZARETH

(Cont. da pág. 43)

turnas, hospedagem e avião ida-e-volta. Se no Rio e São Paulo o «cachet» é o dôbro e às vêzes mais, lógico que a vinda dêsses elementos constitui até um favor aos que os contratam, e para êles uns dias de férias, longe do brouaha das grandes metrópoles.

LONGE DOS OLHOS, PERTO DO CORAÇÃO DA VIRGEM

Também no Rio de Janeiro os paraenses não esquecem a sua fervorosa adoração pela Virgem de Nazaré.

Ainda êste ano foi comemorado o jubileu da realização das mesmas cerimônias que se fazem em Belém. A colônia paraense atinge a 20.000 pessoas ali residentes que encontra no dia do Círio um lenitivo à saudade da terra longínqua e se reúne, todos os anos, na igreja de São Francisco Xavier.

A emoção é mais forte e intraduzível. Porque, na hora em que a Berlinda passa junto a nós, a lembrança da terra distante e dos entes que também estão longe, a saudade de tudo maltrata, é verdade, mas é um consôlo suavíssimo do espírito. Transportam-se os pensamentos e Nossa Senhora é a fiel portadora de todos os anseios.

A colônia paraense em pêso e quantos já viveram no Pará cooperam para o brilho que todos os anos se verifica. E' justo destacar a abnegação da diretoria da Devoção de Nossa Senhora de Nazaré composta de distintas senhoras e que tem em Raimundo Alves da Cunha Socci a figura mais pertinaz, porque, há vinte-e-cinco anos a sua colaboração é indispensável. A seu lado, êsse paraense digno que é Marcolino Cunha, um homem com vultosos saldos de dedicações, o mais incansável de todos, alma cristã, de fé e entusiasmo inesgotáveis. Essa homenagem a êsses dois paraenses urgia fazê-la. Ambos são despretensiosos e até prefeririam que nada se dissesse.

«SOCIEDADE DO DESCANSO»

E' outra coisa pitoresca nas festividades profanas do arraial. O ilustre engenheiro dr. Bertino Miranda, mantém a tradição que vem de seus avós, apresentando num dos passeios da praça, em frente à Igreja, a «Sociedade do Descanso». Sabem o que significa isso? São cem cadeiras de balanço, cadeiras austríacas de palinha, que iguais não existem mais, as quais são alugadas por assinatura durante a festa ou por noite ao forasteiro que queira descansar um pouco e apreciar o desfile de elegância, e... deselegância. Ali, estadeado, aprecia tudo. Lembra os tempos antigos, pois aliás, vem dos tempos antigos isso, em que se colocava a cadeira de balanço na rua a fim de apreciar a noite. Quase sempre, quem dá preferência à «Sociedade do Descanso», são as famílias ou os grã-finos que não querem rodar na praça, fugindo aos encontros e aos beliscões de algum engraçado e atrevido que aparece nessas ocasiões.

A «Sociedade do Descanso» deveria ser considerada de utilidade pública.

A FESTA TERMINA

As quinze noites nazarenas são vividas. No último dia, que é domingo, o Largo fica entupido de gente até à hora do sol raiar.

Tudo é alegria e sonho. Ali não é o lago de Salusse ou os jardins de Semiramis ou o Conan Doyle, dos Estados Unidos. Aquilo não tem o aparato das festas romanas.

E' apenas a festa dos paraenses. Os fogos de artifício coroam a madrugada, espargindo feixes de luz, adornando as estrêlas e pondo em desassossêgo a lua escondida no fundo do céu.

Deixam, pouco a pouco, de fulminar as luzes feéricas da praça, numa candelária de magia, porque o sol vem chegando, sorrateiramente, para chamar à realidade e à vida. Então a festa acaba. E os corações, cheios de fadigas felizes, murmuram:

— Até para o ano se Deus quiser!

UMA HISTÓRIA REAL...

(Cont. da pág. 21)

cerimônia que se beijam e só aportam em recantos sombrios ou nos bancos de jardins. E' consagrada autora, ainda, de uma bela e rara concepção de D. Quixote e Sancho Pancha, além de outra galeria de personagens célebres de romances imortais e de «charges» fabulosas dos nossos mestres da caricatura Agostini, J. Carlos, Raul, Kalisto, Belmonte, Mendez, Alvarus, Augusto Rodrigues, Rosasco, Nassara e outros ases do traço. E' uma artista. E como poetisa anuncia para breve «Assim Cantei». Só não publicou seus poemas porque um mau amigo, mau poeta também de mau caráter, com ciúme e temendo como compadre do diabo, ficar na sombra, sempre evitou seu aparecimento. Outros amigos, porém, esmagaram a **víbora do despeito** e Carlota vai finalmente aparecer nas livrarias. Falando a êste repórter, após ser premiada, a escultora disse que tenciona continuar porfiando por outras conquistas, rendeu homenagens ao seu pequenino Estado de Sergipe, a Joel Silveira, a Modestino Kanto, a Henrique Pongetti, a Garibaldi Cruz e espôsa, aos membros dos júris, aos seus colegas artistas e sobretudo aos moços do Brasil.

Quisemos saber por que ela começa as figuras pelos pés, afirmou ser o seu «hobby». Indagamos quais eram seus planos, respondeu que não caberiam numa entrevista. Perguntamos-lhe pelos seus trabalhos literários.

— Isto é outra história, como diria Kipling, e fica para quando você vier aqui me ouvir como literata e thomar um uísque conosco, foi a sua resposta.

— Para quando você ganhar o prêmio da Academia Brasileira- — insistimos. E ela:

— Quem sabe lá? Talvez...

MERGULHO NO PASSADO

(Cont. da pág. 33)

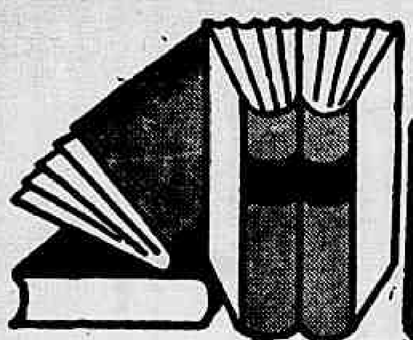
vida no rio Nilo. De vez em quando surgia, na margem, a ruína de um engenho abandonado. Por estar tudo tão calmo, o silêncio quebrado apenas pelo motor da lancha, esperávamos, a todo instante, ver aparecer por entre os coqueiros, pretos escravos, assim como são representados nas gravuras de Rugendas e de Debret. Temos a impressão exata de que por aí o tempo parou. Povoações inteiras devem ter emigrado e os poucos que ainda ficaram continuam com a mesma vida do século passado. Achamos uma profanação, portanto, as explosões do motor e o ruído da busina. De repente nos é apontada uma draga, coberta por uma grande lona. Era o de que mais precisava agora a lagoa para se ver desobstruída. No entanto, há meses que aquela coisa inútil vem insultando a tradicional paciência do caboclo nordestino. Pessoa do govêrno disse-nos que o concessionário da operação de drenagem levou oitocentos mil cruzeiros para nada realizar, abandonando o serviço. Enquanto isso, o Estado paga ordenados pingues aos que cuidam da máquina para que esta não se enferruje.

Através de um bonito canal, chegamos, enfim, à enseada onde está situada a velha capital. De longe, apontam-nos a matriz, o palácio do govêrno, o convento e a cadeia. Nada mais é preciso para definir uma cidade, especialmente se esta fôr colonial, e brasileira. De fato, também nesse pedaço de colonização, como integrante da Capitania terra, fêz-se sentir, desde os primórdios da de Pernambuco, cedida a Duarte Coelho, a ação administrativa do donatário, que fêz desenvolver logo a cultura de cana de açúcar e de cereais, estabelecendo vários engenhos. Terra dos temíveis Caetés, os mesmos que devoraram o bispo Sardinha, Alagoas provou desde o princípio a influência dos jesuítas. Suas costas eram freqüentadas pelos corsários franceses que a despojaram completamente do pau-brasil. A vizinhança do rio S. Francisco polarizou durante muito tempo, a vida de então. Passando a colônia sob domínio espanhol, tomou parte ativa na segunda e mais demorada expedição holandesa, sendo palco dos feitos heróicos dos homens de Albuquerque e Bagnuolo, vivendo durante vários anos sob o govêrno de Nassau. O povoado de Alagoas havia sido, pouco antes, em 12 de abril de 16306, elevado à categoria de vila, conforme pode ser lido na placa do obelisco, na entrada da cidade. Em 1639 foi incendiada pelos holandeses. Voltando ao domínio português, lento foi o seu progresso. E' de lembrar o episódio dos republicanos de Pernambuco, em 1817, que se estendeu e colheu frutos em Alagoas, sofrendo, ali, como no Recife, a vingança dos reinos. Em 8 de março de 1823, foi elevada à cidade. Deve ter sido nessa época que a importância da cidade estêve no máximo, com a designação de capital de Estado. Rezam as crônicas que intenso era o movimento através da Lagoa até à capital e até à cidade de Pilar, bem mais para dentro na profunda lagoa. Com a vinda da côrte de D. João VI, não só o Rio de Janeiro se reformava e progredia. Mas, para Alagoas também chegou o dia de azar. Foi quando alguém se lembrou de transferir a capital para a costa, para a atual Maceió. Razões de melhor situação geográfica, política e estratégica, além dos interêsses particulares, foram aduzidas e finalmente em 11 de setembro de 1939 foi assinada a lei de transferência, após várias peripécias e com o profundo abalo moral dos alagoanos, que estavam quase adivinhando o destino de sua cidade. Sòmente em abril de 1840 foi efetuada a mudança e de então para cá se iniciou a decadência do que fôra o principal centro do Estado. Êsse exemplo não está sòzinho na história do Brasil, bastando lembrar Ouro Preto e Goiás, agora duas cidades museus. Tôdas essas informações devemo-las ao vigário da matriz, igreja de N. S. da Conceição, padre Orman de Carvalho, que percorreu, conosco, a cidade, servindo de cicerone autorizado e gentil. Devemos a êle as visitas efetuadas, tanto na matriz como na igreja do Carmo, no convento, atualmente orfanato feminino, e o ter podido admirar maravilhosas obras em talha, construções de influência holandesa, a centenária corôa de ouro e outras coisas pitorescas e tradicionais da cidade. Subimos ao campanário na matriz e através de suas aberturas, na companhia de velhos sinos de bronze, ficamos a olhar para o deslumbrante espetáculo oferecido pela lagoa, pelos barcos, pela cidade colonial estendida aos nossos pés, pelos telhados em degraus, pelas ruas sinuosas e íngremes, pela ausência quase absoluta de casas modernas, pela falta de luz elétrica, pelo calçamento em grandes lajeotas de pedra e por tudo o mais que lembra um tempo que passou e estagnou. Lembramos Alberto Cavalcânti e a real possibilidade de aproveitamento de cenários nossos para estupendas produções cinematográficas. Terra boa que já foi próspera e que não é estéril, espera nova invasão para se povoar, para dar a quem trabalhe os preciosos tesouros guardados desde o êxodo. A terra é imensa em todos os sentidos; faltam, apenas, braços humanos que a fecundem.

Foi em Alagoas que em 1827 nasceu o que seria depois o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca. Vimos o que resta da casa em que nasceu, na rua dos Mortos: apenas a fachada enegrecida, onde não mais existem portas nem janelas. Uma pequena placa de ferro esmaltado lembra o acontecimento. Quem diria, naquele recuado ano de 1827, que aquela criança seria, depois, eminente figura da política nacional, o fundador da República? E' o destino. Mas bem que os homens poderiam olhar com mais respeito para os relicários da Pátria!

PRESENTE de FESTAS



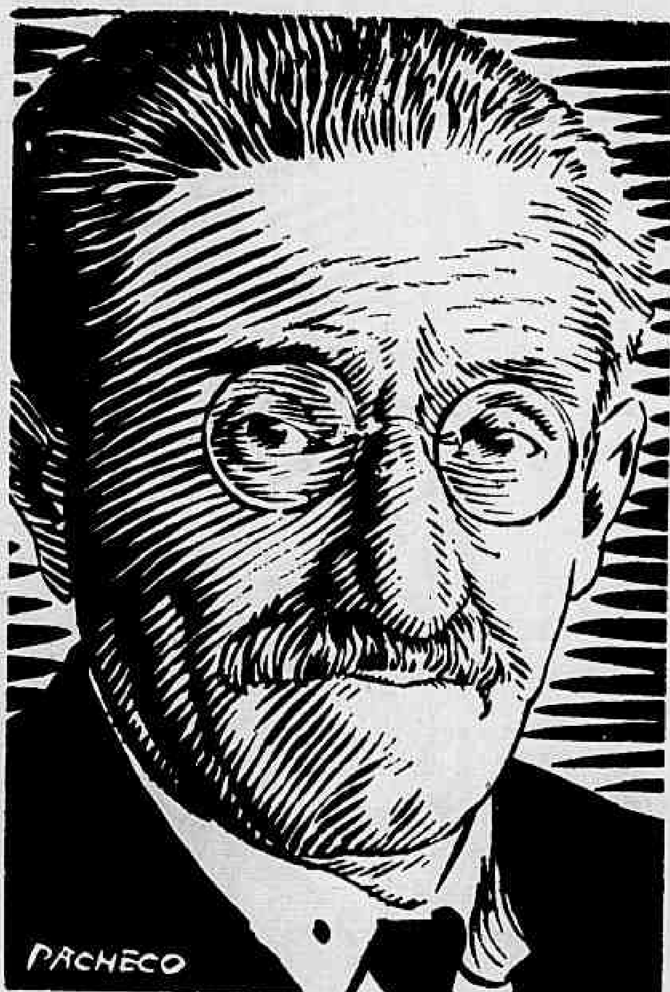


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



ANTÔNIO AUGUSTO DE LIMA

ANTÔNIO AUGUSTO DE LIMA nasceu em Congonhas de Sabará (hoje Vila Nova de Lima), Minas Gerais, em 5 de abril de 1860 Estudou Direito em São Paulo, tendo sido colega, entre outros, de Raimundo Correia, Ciro de Azevedo, Josino Araújo, Firmiano Pinto, Gonzaga Jaime, Guimarães Natal, Silva Jardim, Alfredo Bernardes, Pinheiro Machado e Assis Brasil. Obteve o seu título de bacharel em 1882, tendo, durante o curso, exercido o jornalismo na capital paulista, atividade em que se mostrou propagandista das idéias da República e da Abolição. No terceiro ano — em 1889 — fundara, juntamente com Raimundo Correia, Alexandre Coelho e Randolfo Fabrinho, a «Revista de Ciências e Letras».

Em 18 de dezembro de 1883, foi nomeado promotor de Leopoldina, em Minas, ali ficando até os últimos dias da Monarquia, ocasião em que foi nomeado juiz de Direito de Conceição da Serra, no Espírito Santo.

Ali serviu até 30 de maio de 1890. Nessa ocasião foi nomeado juiz de Direito de Dores de Boa Esperança, em Minas. Não chegou a seguir para o seu pôsto por haver sido escolhido para chefe de polícia do Estado. Agitava-se, nessa ocasião, o problema da mudança da capital de Minas e a tese de Augusto de Lima era que a nova capital devia ser instalada em Curral de El Rei, ponto de vista êsse que era também o do Barão de Lucena, ministro da Justiça. Refere D. Vera de Lima que, por ocasião do afastamento de Bias Fortes do govêrno do Estado, indo tomar parte, como senador, no Congresso Constituinte Mineiro, Augusto de Lima recebeu de Lucena um telegrama nestes têrmos: «Aceita govêrno Estado condições mudar capital Belo Horizonte?» Em resposta, êle telegrafou a Lucena: «Aceito govêrno Estado condições agir inteira liberdade». Foi nomeado governador; mas não quis, por si só, fazer a mudança do govêrno, submetendo o assunto ao Congresso Constituinte, e só dois ou três anos depois pôde o caso ficar resolvido, transferindo-se a capital para Belo Horizonte, o antigo Curral del Rei. Em lembrança da campanha que Augusto de Lima fizera para que a nova capital fôsse em Belo Horizonte, o prefeito Otacílio Negrão, já depois da morte de Augusto de Lima, determinou fôsse batizada com o nome do poeta uma das mais belas avenidas da cidade.

Deixando o govêrno do Estado, voltou Augusto de Lima à sua posição anterior de juiz, servindo na capital.

Por essa ocasião, realizavam os mineiros uma de suas mais velhas e formosas aspirações: a de fundarem uma Faculdade de Direito. Augusto de Lima foi escolhido para ser um dos professôres, indo reger a cadeira de Filosofia do Direito.

Criada a comarca da capital, esperou, como era do seu direito, ir ocupá-la. A nomeação, porém, recaiu sôbre outrem, e Augusto de Lima não se conformou. Intentou ação contra o Estado, obtendo excelentes pareceres de Rui Barbosa, Lafayette, Visconde de Ouro Prêto, José Higino e outros. Perdeu em primeira instância, e foi para o Tribunal da Relação, que se julgou incompetente para conhecer do caso. Resolveu apelar para o Supremo Tribunal Federal, manifestando-se disposto a, logo depois de decidido o feito, abandonar a magistratura, que tantas desilusões lhe havia dado. Informado dessa decisão Silviano Brandão, que acabava de ser empossado no govêrno do Estado, ofereceu-lhe o cargo de diretor do Arquivo Público, que se achava vago pela morte de Xavier da Veiga. Pouco depois, era o Arquivo Público removido para Belo Horizonte e o diretor naturalmente o acompanhava. Como professor e como diretor do Arquivo, trabalhou êle até 1910.

Em 1902, na vaga de Francisco de Castro, concorrera a primeira vez à Academia Brasileira de Letras. Foi eleito Martins Júnior. Um ano depois ocorria o falecimento de Urbano Duarte, e êle novamente apresentou-se candidato à Academia Brasileira de Letras. Foi eleito sem concorrentes, mas só tomou posse em dezembro de 1907, tendo sido recebido por Medeiros e Albuquerque. Foi presidente da Academia em 1928, tendo recebido João Luís Alves, em 1923.

Em 1910 foi eleito deputado federal pelo seu Estado, tendo o mandato sempre renovado, Na campanha política de 1929-1930, da qual resultou a vitória da revolução, teve parte saliente, fazendo então memoráveis discursos.

Foi escolhido para diretor da «Noite», voltando ao exercício do jornalismo, que sempre lhe fôra tão caro.

Em 1934 foi eleito para a Assembléia Constituinte, e dela fazia parte, quando, tendo que se submeter a uma operação cirúrgica, se recolheu à Casa de Saúde de São José. Ali faleceu de um colapso cardíaco, em 22 de abril de 1934.

Augusto de Lima é um dos nomes mais altos da poesia brasileira, digno por todos os títulos de figurar ao lado dos de Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.

Sua obra inclui: «Contemporâneas», «Símbolos», «Laudas Inéditas», «São Francisco de Assis», além de outros livros, todos da mais alta categoria.

MALDIÇAO

(De ALARICO SILVA COSTA)

TU, QUE TE FINGES NOBRE E DADIVOSO,
DISSIMULANDO A LEPRA DA ALMA ESPÚRIA,
RICA SÓ DE MALDADE E EM VIL PENÚRIA
DE QUALQUER SENTIMENTO GENEROSO...

TU, QUE A CALÚNIA TORPE E A TREDA INJÚRIA
DESTILAS, COM COVARDE E ÍNTIMO GÔZO,
E, SOB O ANONIMATO CRIMINOSO,
VERTES O VÍRUS DE UMA SERPE EM FÚRIA...

POR TODO O MAL QUE AO PRÓXIMO TENS FEITO
HÁS DE SOFRER, TORCIDO SÔBRE O LEITO,
A DOR LETAL DE UM CANCRO NAUSEABUNDO

E HÃO DE TE OUVIR, ALUCINADO, LOUCO,
CORROÍDO PELO CÂNCER, POUCO A POUCO,
PEDIR, EM VÃO, MISERICÓRDIA AO MUNDO!

NOTICIÁRIO

Lacuna sensível estão preenchendo as Edições Melhoramentos ao lançar as obras de Gustavo Flaubert numa série de traduções novas. Depois de "A Educação Sentimental", vertida por Mirinha de Lacerda Soares, acaba de ser publicado o famoso romance histórico do mestre francês, "Salambô", cuja tradução, particularmente difícil, a editôra paulista confiou a Aloysio Ferraz Pereira. Ilustrações de L. Specker, feitas especialmente para a edição brasileira e de um traço muito feliz, conferem a êsse volume feição original. "Madame Bovary" está anunciado para breve.

★

Aloysio de Castro vem de ser eleito presidente da Academia Brasileira de Letras.

★

O poeta Antônio Olinto, crítico literário de "O Globo", está representando o vespertino de Roberto Marinho nas comemorações do cinqüentenário do "Prêmio Nobel", em Estocolmo.

★

O escritor "globe-trotter" Richard Katz, autor de dúzia e meia de livros de viagem muito lidos na Europa, naturalizou-se brasileiro e acaba de publicar um livro consagrado a Paquetá (edições Eugen Rentsch, de Zurich). Escrito há nove anos, "Mein Inselbuch" é verdadeira apologia da pitoresca ilha da Guanabara.

★

E editôra Saci acaba de lançar mais um volume, continuando seu programa de atividades culturais dedicadas à infância. Trata-se da obra "No Reino da Bicholândia", de autoria do escritor Mário Cordeiro, já em segunda edição, acrescida de alguns capítulos que tornaram ainda mais interessante sua leitura pela petizada, especialmente os relativos ao Fla-Flu dos bichos e à batalha aérea entre gafanhotos e maitacas, que revolucionou a guerra entre os animais. As ilustrações são de Belmonte, o saudoso e consagrado desenhista, apresentando o livro uma excelente feição gráfica.

★

O quinzenário "Gazette des Lettres", justamente preocupado com o decréscimo das exportações de livros franceses, numa nota amarga enumera as restrições impostas à entrada dessa mercadoria em diversos países. Sôbre a nossa terra, escreve:

"No Brasil, uma taxa especial é cobrada sôbre livros encadernados em pano ou couro. Inventaram-se despesas de manipulação que representam de três a seis vêzes os direitos anteriores. A partir de 10.000 francos, exigem-se faturas consulares, cujo custo eleva-se até a metade do valor dos livros. E por fim — mas isto talvez represente motivo de regozijo no plano da propaganda — nenhum livro ou revista chega às mãos do destinatário se não fôr *registrado*".

★

Está no prelo um novo livro do senador Getúlio Vargas, candidato vitorioso nas recentes eleições presidenciais de 3 de outubro, em cujas páginas encontrarão os leitores brasileiros todos os discursos pronunciados pelo ilustre estadista em sua campanha presidencial. Intitula-se o volume, aliás, "A Campanha Presidencial", e será publicado pela Livraria José Olimpio Editôra, que ainda recentemente apresentou "A Política Trabalhista no Brasil", também do eminente homem público. Dada a enorme popularidade do sr. Getúlio Vargas, e ainda a sua insofismável vitória eleitoral, uma obra dessa natureza adquire extraordinária significação política, principalmente se atentarmos para estas palavras de seu autor: "Todo o meu programa de govêrno está contido nos meus discursos".

★

A Livraria José Olimpio Editôra anuncia, para o ano vindouro, o lançamento de dois famosos romances de Erich Maria Remarque, célebre escritor alemão, hoje vivendo nos Estados Unidos. "Nada de novo na frente ocidental" e "O Regresso", são êsses dois livros, que foram traduzidos diretamente do original alemão pelo escritor José Geraldo Vieira. Ambos os romances serão publicados na Coleção Fogos Cruzados e constituem uma obra das mais fortes e impressionantes de quantas se escreveram sôbre a primeira guerra mundial. "Nada de novo na frente ocidental" e "O Regresso", aliás, já foram aproveitados pelo cinema, numa grande e já antiga interpretação do veterano artista Lew Ayres. Remarque é também o autor do romance "O Arco do Triunfo", publicado em 1948 pela Livraria José Olimpio Editôra, e filmado com Charles Boyer e Ingrid Bergman.

★

O poeta Olegário Mariano concluiu e publicará em breve um livro para crianças. A obra se originou na morte — tão sentida pelo poeta e por seus amigos — de seu cãozinho de estimação.

Fora do Prelo

POETAS E PROSADORES DE JUIZ DE FORA — Almir de Oliveira — Edição do autor.

O escritor Almir de Oliveira teve oportunidade de pronunciar, em uma das sessões comemorativas do centenário do município mineiro de Juiz de Fora, que passou em maio de 1950, uma palestra em que fêz o histórico do desenvolvimento intelectual da cidade de Mariano Procópio, estudando-o através dos nomes que ali escreveram prosa e verso e brilharam na tribuna e na imprensa.

Houve um tempo em que a cidade marginal do Paraíbuna arrogou-se o título de «Atenas mineira», por tal forma ali se cultivavam as letras e as artes. Ao lado do civismo com que a Juiz de Fora sempre se colocou à vanguarda dos grandes movimentos liberais do país, sempre foi de notar-se sua dedicação aos problemas do espírito, sua vocação intelectual. Revendo os anais do município que, a par de sua prosperidade fabril, sempre manteve, na comunhão montanhesa, dando-lhes o maior destaque, os valores da cultura, encontramos, já em passado remoto, a crônica que fala de suas atividades intelectuais e, de certa maneira, justifica aquêle orgulhoso título que, certa vez, lhe deu um forasteiro. Nomes nacionais, na prosa, como Lindolfo Gomes, na poesia, como Belmiro Braga, não foram ali meras excessões. Juiz de Fora é berço ou cenário de outras muitas personalidades de relêvo, no campo das letras, bastando-nos citar aqui, «en passant», Amanajós de Araujo, Mário de Matos, Vicente Jardim, Gastão de Carvalho, Enrique de Resende, Wady Jafeth, tantos e tantos outros.

Propositadamente referimos alguns dos nomes de relêvo nas letras juizde-forenses que o conferencista omitiu em sua obra. Mas, não vai nisso qualquer censura, pois sabemos todos quantos são os riscos em um trabalho assim, feito de um dia para o outro, tendo o autor que fiar-se inteiramente na memória, essa traiçoeira e ingrata serva dos literatos. Estamos acentuando esta ressalva, porque a conferência de Almir de Oliveira é uma obra do maior merecimento. Escritor de recursos invulgares, êle teve o propósito de uma síntese e sente-se, ao lado disso, seu espírito isento, seu senso crítico, a nobreza com que tratou os confrades, sem com isso descer à pura louvaminha. A notícia que nos dá das atividades literárias de Juiz de Fora é a mais completa que se poderia querer, em uma conferência, com ser perfeitamente documentada, imparcial e afetiva, recordando-nos os vultos que fizeram, em vário tempo, a grandeza espiritual de nossa cidade, colocando-a, espiritualmente, no mesmo nível a que a elevaram seus geniais mestres de forjas.

★

ANTOLOGIA DE POETAS FRANCESES — R. Magalhães Júnior — Gráfica Tupy — Rio.

Magalhães Júnior é um verdadeiro monstro de atividade intelectual. Sua obra cresce dia a dia, aumentando sua bibliografia, ao mesmo tempo que êle se multiplica no jornalismo diário, tendo ainda tempo para cuidar de política, e cuidar bem, como agora se viu, com sua merecida eleição para a Câmara dos Vereadores do Distrito Federal. E', sem dúvida, de nossos mais fecundos escritores, com ser dos mais conceituádos, pela categoria da obra que nos tem dado.

Agora, quando supunhamos que o vereador eleito estava apenas tomando fôlego para as futuras atividades na «gaiola de ouro», depois dos árduos embates eleitorais, Magalhães Júnior nos brinda com esta excelente antologia, onde reúniu muitas traduções brasileiras dos poetas franceses mais amados no Brasil.

A antologia insere traduções de poemas desde o século XV aos do século XX e nos oferece traduções colhidas entre as que melhor se trabalharam entre nós, algumas quase tôdas abandonadas por grandes nomes de nossa poesia. E, com isso, muitas constituindo verdadeiras raridades, pois já perdidas em efêmeras ou extintas publicações e nunca aparecidas em livro.

Podemos dizer que apenas se conhecem, entre estas traduções, as modernas, as que se fizeram nêste século e, na sua maior parte, de poetas contemporâneos. Assim, o livro que nos dá de festas, neste Natal, Magalhães Júnior, soma muitos merecimentos, cada qual recomendando a obra, cuja riqueza em informação biográfica é relevante serviço prestado ao público e à literatura da França.

★

QUASE POLITICA — Gilberto Freyre — José Olympio — Rio.

O título dêste livro em que aparecem enfeixados alguns trabalhos da obra parlamentar de Gilberto Freyre, o escritor que, eleito deputado, tanto tem feito o orgulho das letras, como o do parlamento — êste título, diziamos, tem, ao mesmo tempo, um traço irônico e uma significação melancólica. Tão baixo tem descido, entre nós, a política, que um intelectual, quando trata dela, fica com receio de ser confundido. De um lado é êsse o sentido da epígrafe. Do outro, ela nos insinua que não encontraremos aqui o que, comumente, se desandou a entender por aqui como política, simples polêmica partidária, degenerando em geral em ataques pessoais. Assim, desde logo está prevenido o leitor dêste belo livro, editado pelos amigos do parlamentar, que não vão encontrar nem diatribes, nem ofensas, nem escândalos, na obra que terão em mãos. E é a isso que nos referimos, a essa cautela riscada de ironia, como a nota melancólica dêste título.

«Quase política» encerra um total de dez trabalhos parlamentares do deputado Gilberto Freyre, entre os quais, por vários motivos, inclusive o sentimentalismo de montanhês, destacamos seu admiravel discurso no centenário da morte de Bernardo Pereira de Vasconcelos. Mas, todos os trabalhos aqui reunidos valem como uma alta manifestação de inteligência, de espírito crítico, de clarividência, renovando as mais ilustres tradições de nosso parlamento, abrindo uma larga brecha por entre a banalidade e o domesticismo de nossas câmaras.

Foi bem, assim, que os amigos de Gilberto Freyre tomassem a iniciativa desta edição apresentada por José Olympio. Temos nêste livro um protesto documentado contra a mediocridade da obra parlamentar, contra a inoperante demagogia, contra o jôgo de interêsses pequenos, contra o quase unânime silêncio da Câmara Federal. O livro de Gilberto Freyre é, com pouco mais, a ficha de consolação que tivemos e que nos justifica, ao povo brasileiro, de têrmos elegido o último Congresso. Valha pois, não apenas pelo seu conteúdo do melhor mérito, mas, também, como um exemplo para os novos mandatários do povo que aí se louvarão para criar algo acima da simples rotina legislativa e tribunícia.

★

ROSA DESFOLHADA — Maria José Aranha de Rezende — Revista dos Tribunais - S. Paulo

Poesia e poesia feminina, esta, de «Rosa Desfolhada», um livro de versos que consegue a raridade de uma segunda edição.

A autora dos poemas enfeixados nêste livro, de luxuosa apresentação gráfica, cultiva as formas tradicionais do verso e se volta para as doçuras líricas, com a candura e a singeleza de quem busca, na poesia, uma fonte de consolação própria e alheia. Esta a vocação dêste lirismo, como está confessado no pórtico do volume:

«— Ah! se eu pudesse unir os cora-
[ções dispersos,
Assim como juntei, nêste livro, os
[meus versos!!»

Além do gesto sentimental, quase permanente nêstes poemas, com algumas tintas filosóficas e o sabor do cotidianismo das emoções e dos episódios, Maria José Aranha de Rezende, por isso mesmo que possui pendores filosóficos, pratica a redondilha e, nela, sabe vasar tôda a ironia e tôda a piedade, comentando os problemas da vida e de sempre.

★

OUTROS LIVROS

Já citamos aqui a impressão que texto e ilustrações causam em «Nossos amiguinhos de outras terras», obra digna de figurar até nos colégios, pois ensina o que fazem as crianças de vários paises amigos. E' sem dúvida, uma das mais louváveis realizações da Melhoramentos, autora gráfica dum volume de formato originalissimo: «A girafa feliz», pois as páginas equivalem ao meio da capa, de maneira harmônica! Ainda pertencem às Edições Melhoramentos êstes livros, que se recomendam tanto pelo texto quanto pelos desenhos: «Negrinho & Cia.», de Howard Spring, autor de «Meu filho, meu filho»; «A horta do Juquinha», de Renato Sêneca Fleury, em cujos versos a criançada encontra verdadeiras lições sôbre legumes e verduras; «Vida espiritual», de Constâncio V. Vigil: é o volume V desta série.

Autor dos mais apreciados das Américas, Vigil vem sendo lido, no Brasil, graças à divulgação de seus trabalhos feita pela citada editora.

Mas, voltando a «Negrinho & Cia», lembraremos que se trata dum enredo singelo e atraente, profundamente humano, como os sabe arranjar H. Spring.

Oxalá que 1951 seja tão fértil quanto 1950, em matéria de livros para a infância, adolescência e juventude, o que representará benefício para o país, porquanto a boa leitura concorre, decisivamente, para a formação de caráter, além, naturalmente, de estimular o gôsto do estudo e solidificar a cultura.

O ROMANCE DE AMOR DE ANATOLE



Um dos mais famosos romances de amor da história literária é, por certo, o de Anatole France e Mme. de Caillavet. Aqui oferecemos aos leitores um raro desenho que recorda êsse romance: o retrato de Mme. de Caillavet, desenhado por Anatole France.



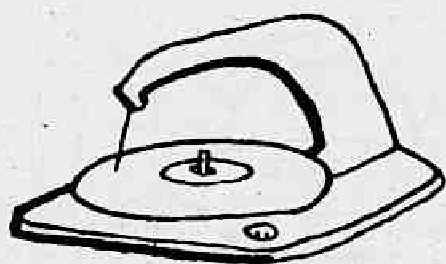
O poeta César Mêmolo Júnior, cujo livro de poemas, «Permanência e Tempo», vem de ser lançado pelo Clube de Poesia de São Paulo.

BIOGRAFIA DE FLORENCE NIGHTINGALE

Muitos têm sido os livros escritos sôbre Florence Nightingale, fundadora dos serviços de enfermagem na Grã-Bretanha, mas nenhum a faz viver tão intensamente como a nova biografia escrita pela sra. Cecil Woodhouse-Smith. Pensa-se em Florence Nightingale como a sentimental "Lady com uma lâmpada", mas a autora, que levou seis anos para escrever esta obra e teve acesso a cartas que nunca foram publicadas, torna claro que fôssem os defeitos da heroína, o sentimentalismo não foi um dêles. E foi justamente por isto que os soldados britânicos a amaram. Quando ficava ao lado de um homem cujo braço estava sendo amputado sem anestésico, não era com piedade que o ajudava, e sim com sua coragem de aço. Era impassível, objetiva, uma administradora extraordinária, tão prática quanto eficiente. Sem essas qualidades jamais teria pôsto ordem no caos e na imundície dos hospitais da Criméia, onde, de minuto a minuto, se defrontava com uma morte horrível (Uma vez, descobriu que um filão de água passava pelo cadáver de um cavalo; não é preciso dizer que deu as providências necessárias).

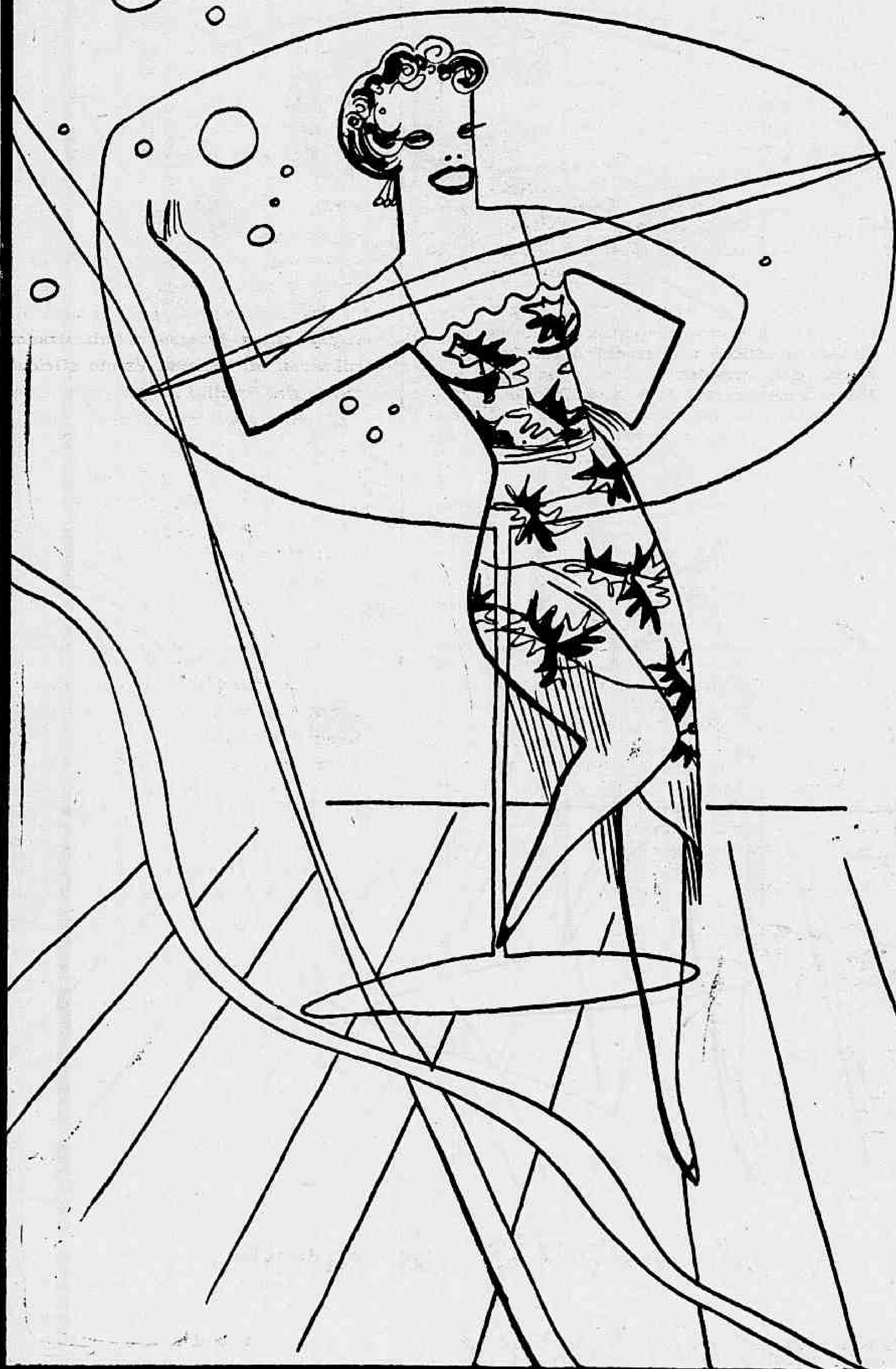
Florence Nightingale não é a única mulher que lutou contra a burocracia, mas deve ter sido aquela que melhor sucedeu, e até as autoridades de Londres tiveram por fim de render-se ante sua tenacidade. O auxílio prestado por Russel, pelo famoso correspondente de guerra do "The Times", por homens altamente colocados na Inglaterra, não é absolutamente subestimado, mas foi nos ombros das mulheres que todo o pêso recaiu. Nenhum dos generais da Criméia jamais havia encontrado mulher que houvesse sido educada com tanto cuidado; sua família era muito rica e aristocrática; não somente estava ela preparada para se defrontar com horrores inenarráveis como esperava que isso se desse. Além disso, não só sua linguagem era ousada, como tinha muito humor. Não é de admirar-se, pois, que os soldados beijassem sua sombra quando passava pelas enfermarias. Essa extraordinária mulher tornou-se a maior autoridade mundial em reforma e sistemas hospitalares, embora, quando voltou para a Inglaterra, se julgasse que fôsse morrer. Mas ainda viveu até 1910, falecendo com 90 anos, tendo, de seu quarto de doente, organizado os sistemas de enfermagem para a Grã-Bretanha e a Índia.

Nicodemus saboreia as delícias de uma VIDA NOVA





NÃO SEI
QUANTOS DIAS FAZEM
SÓ SEI QUE SE INICIOU
UM ANO NOVO
FINDOU UM ANO VELHO
NOVAS ESPERANÇAS
NOVAS LUTAS
CADA UM DANDO O QUE PODE
PARA VENCER NA VIDA ... ISSO É VELHO
DISCO ENFERRUJADO QUE
JÁ
ESCUTO
HÁ
MUITO
TEMPO.



DESLIGUE -
O
POR
FAVOR ...

A MIM
SÓ INTERESSA
LEMBRAR
QUE
NAQUELA NOITE
EM QUE O ANO
FOI PRIMEIRO
E EU IDEM,
AINDA
A VEJO BORBULHANDO
NUMA TAÇA,
LHE DISSE:
MEU BEM
DEIXA
EU ROMPER
VOCÊ
COMIGO
JUNTINHOS
HOJE
O ANO NOVO?

E VOS DESEJEI
COMO VÓS
DESEJASTES A MIM:

BOAS
ENTRADAS ...

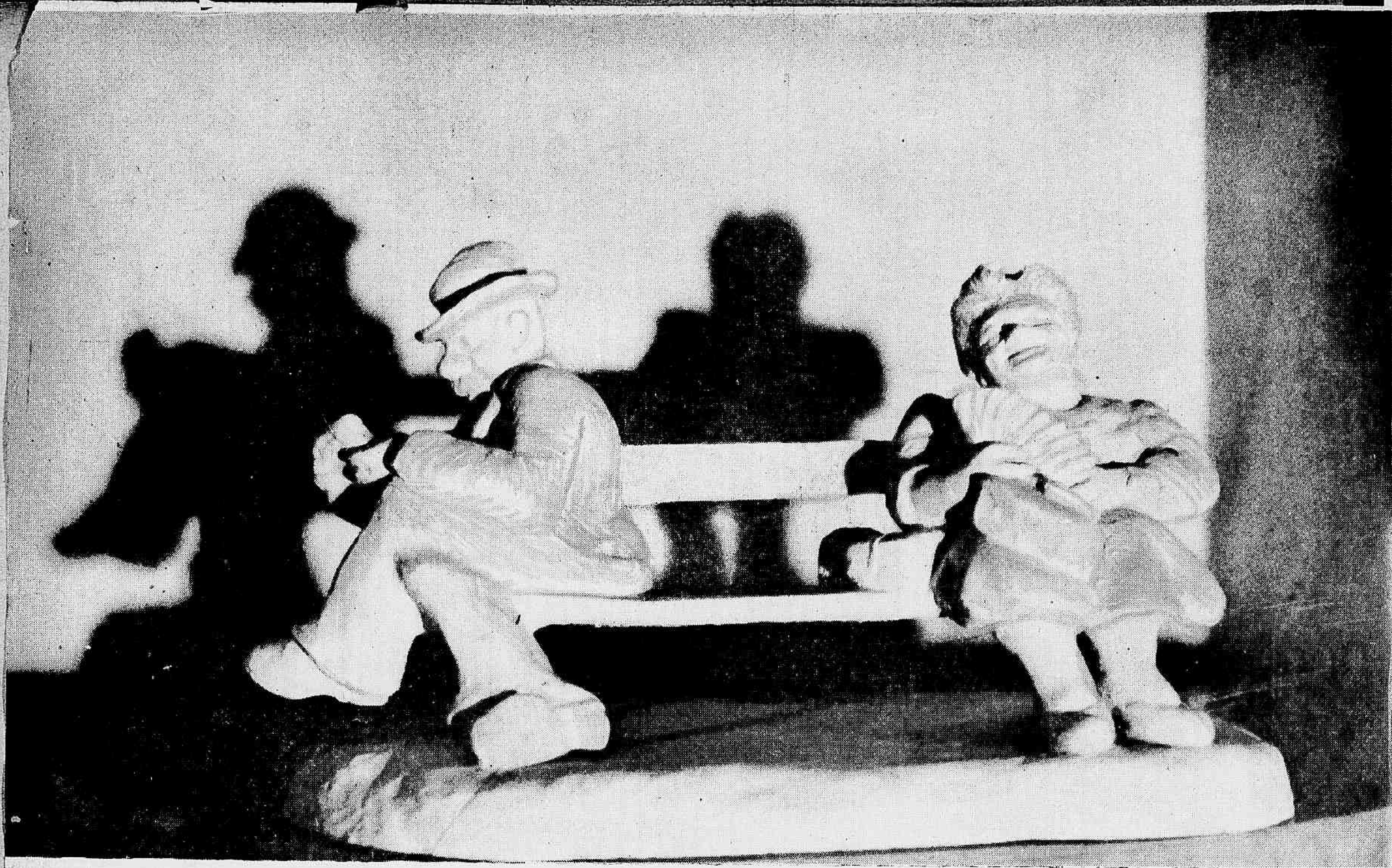
AIR FRANCE

A UNICA EMPRÊSA DE AVIAÇÃO EUROPÉIA
QUE VAI DIRETAMENTE A PARIS



Conheça de perto o que V. S. só conhecia de longe...

Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838



BANCO da Praça Floriano é o nome dêste grupo esculturado. Notem a expressão de naturalidade com que a «senhora» se abana e a displicência do «cavalheiro» no outro extremo do banco

UMA HISTÓRIA REAL PARECIDA COM ROMANCE

Texto de AMANDO PACHECO ★ Fotos de WALTER SALES

HÁ QUASE MEIO SÉCULO UMA ESCULTORA NÃO ERA PREMIADA COM MEDALHA DE OURO... ★ CARLOTA DE CAMARGO NASCIMENTO COSTA, A VITORIOSA DE 1950 ★ NA VIDA HÁ SEMPRE LUGAR PARA O ACASO E AÍ ENTRA O DESTINO ★ ONDE SE COMPARA A HISTÓRIA DA AUTORA DE "E O VENTO LEVOU..." ★ ASSIM CANTEI", LIVRO DE POESIAS ★ SEUS PLANOS

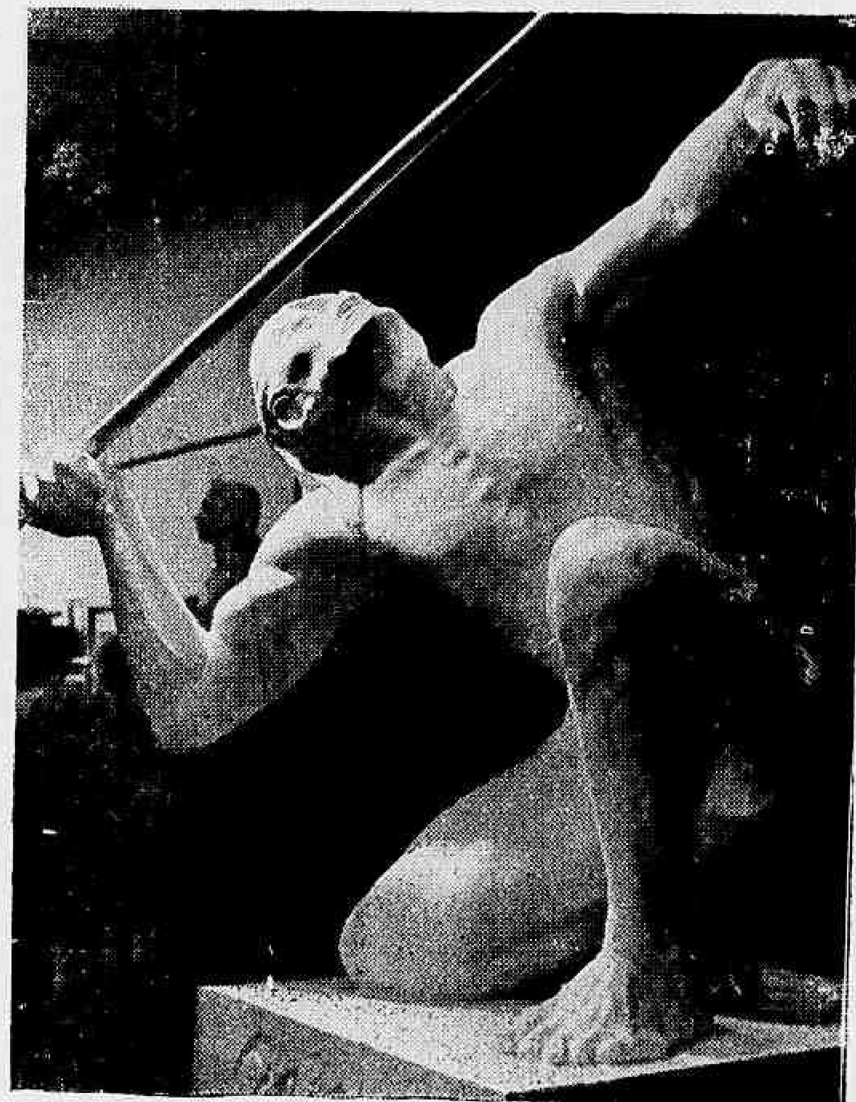
A medalha de ouro de escultura no salão de belas artes de 1950 coube a uma artista sergipana. Carlota de Camargo Nascimento Costa é o seu nome por extenso. Artisticamente é conhecida por Lotty, socialmente Carlota, e na intimidade entre os seus, simplesmente Carlotinha. Também poetisa Carlota promete para janeiro de 51 seu livro de versos «Assim Cantei». Trata-se, por conseguinte, de uma artista completa. O prêmio que ela acaba de conquistar tem duplo valor e significação: pela primeira vez uma filha de Sergipe obtém tão alta consagração e pela segunda vez essa grande láurea é concedida a uma escultora. Isso no decorrer de quase meio século no mundo artístico em nosso país. Da primeira vez, em 1906, a gloriosa Nicolina do Couto Milano consagrou-se rompendo o tabu dos prêmios só



O FUZILEIRO NAVAL, com a sua pose e sua imponência de marchar.



A ARTISTA Carlota de Camargo Nascimento Costa, a laureada de 1950.



CACIQUE, a obra premiada com Medalha de Ouro no último Salão.

então alcançado pelo elemento masculino. E de 1906, há uns bons 44 anos, até o Ano Santo dos nossos dias nenhuma mulher conseguiu o áureo galhardão. A vitoria de Carlota como sergipana e como representante do belo sexo tem sido motivo de júbilo intenso em todos os circulos artísticos e sociais. Compreenderam isso? Bem, então passemos adiante.

HISTÓRIA REAL PARECIDA COM ROMANCE

Um acaso, um contratempo, um quase-nada às vêzes na vida, decide o destino da gente. A história de como Carlota de Camargo Nascimento Costa se tornou escultora é semelhante à história de como Margaret Mitchel se tornou escritora. A autora de «E o vento levou...» estêve longo tempo enfêrma, e, sem sair de casa, sem outra coisa que fazer, começou a remexer uns manuscritos sôbre a guerra de secessão deixados pelo avô. Dessa leitura nasceu-lhe a idéia de escrever um romance, como feriado espiritual ou esfôrço fisico-mental, para matar o tédio inerente a uma inércia física forçada pela doença pertinaz, e essa idéia traduzida no papel resultou numa das mas deliciosas novelas engendradas pelo talento de uma mulher. Pouco tempo depois estava escrito o famoso «E o vento levou...» Porém a novelista nunca mais ligou importância ao fruto de sua criação. Até que um dia entra no meio da história um novo acaso. Um dêsses agentes editoriais ambulantes, tão comuns pelo interior dos Estados Unidos à cata de vocações, passou certa vez por Atlanta, cenário do romance e capital da sua Georgia, e por acaso conversou com Margaret Mitchel. Esta disse-lhe que possuia em casa uma papelada resultante das impressões de guerra civil americana. O homem quis ver. Ela satisfez-lhe a curiosidade. O homem pediu que submetesse seu trabalho aos consultores literários da editora. Margaret concordou, longe de sonhar com o que viria depois. Pois bem, depois veio justamente a glória, a fama, a fortuna. Os originais revelaram uma grande e prodigiosa romancista. Saiu o livro com o título «Gone with the wind» que abafou a banca, constituindo o maior «best-sellers» dos últimos tempos, atingindo uma tiragem de cêrca de cinco milhões de exemplares vendidos. O cinema filmou, isso foi e ainda é outro sucesso. Foi assim a história de Margaret Mitchel. Agora vejamos a da escultora e poetisa Carlota Camargo Nascimento Costa. Descende de um tronco de militantes, literatos e professôres. Todavia, depois de casada, fora das preocupações domésticas à frente do lar, nunca imaginára viver da arte pela arte. Uma maldita enfermidade prendeu-a ao leito e durante os longos dias de sofrimentos e renúncias, para matar a inatividade e salvar sua vida futura ela se dedicou aos trabalhos de modelagem, esculpindo bonecos em barro, plasmando outras vidas na terra-cota. A principio nasceram figuras caricaturais, mais pela forma do que pela intenção. Com certa tibieza e relutância um dia mostrou sua coleção de «criaturas» a alguns amigos seletos. Entre estas pessoas de senso critico honesto que muito a animaram a prosseguir. Exortavam-lhe os bons:

— Modela, Carlota, trabalha que no fim algo te revelará e serás compensada!

Lutou, estudou, quando se sentiu forte no cinzel, vencendo a modestia, já tinha feito coisas imperecíveis. Graças àqueles dificeis dias de solidão e dôr havia se integrado na arte, dando-lhe tanta vida, numa fuga de suas angústias, que seus trabalhos impressionaram e convenceram mesmo. Não faltaram nessa altura os estimulos reconhecendo seu valor. E estava lançada a escultora. Várias vêzes premiada, com obras espalhadas no país e no estrangeiro, hoje seu nome está consagrado. Aí está, como a romancista de «E o vento levou...» a nossa escultora surgiu do sonho e da dôr.

CARLOTA E SEUS TRABALHOS

Carlota é autora de trabalhos sérios em bronze, alguns dos quais (como o «Cacique» que lhe deu a medalha de ouro dêste ano que foi adquirido pela embaixada uruguaia), em museus internacionais. Tem também valiosos bonecos em cerâmica retratando com aquêle vigôr bem seu, tipos populares, criaturas anônimas das ruas, os eternos namorados do Rio, êsses pares sem

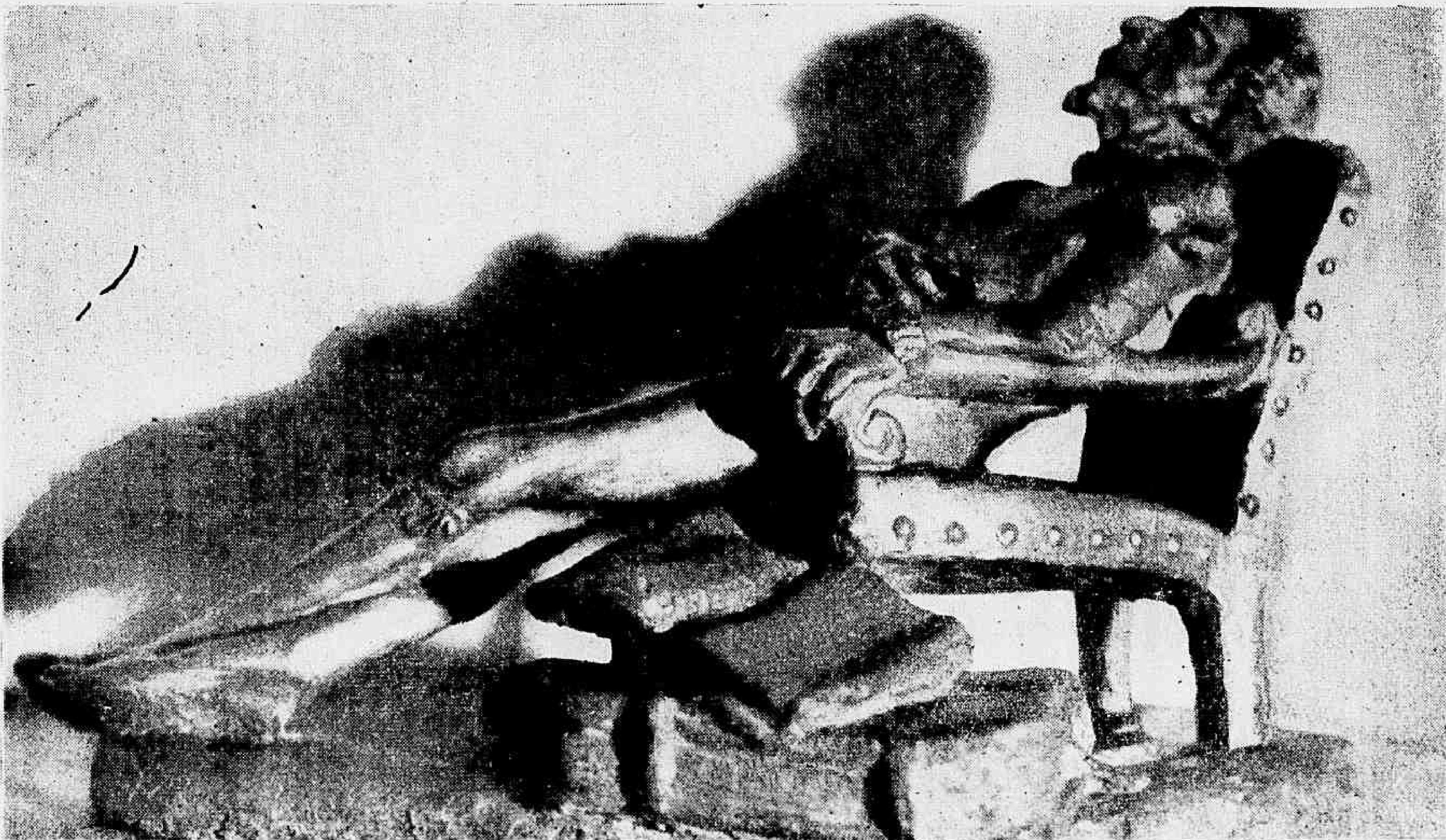
(Cont. na pág. 14)



O TALENTO artístico de Carlota Camargo se afirma nêstes três quadros da vida. Já havia quase um século que uma escultora não



era premiada em nossos «Salões de Artes Plásticas. A vitória alcançada pela nossa patrícia é um acontecimento sensacional.



PAPAI NOEL TEM BOM CORAÇÃO

GRANDE era a azáfama naquele dia, véspera de Natal, no conhecido empório de brinquedos da cidade. Nas proximidades de cada fim-de-ano, o movimento de fregueses aumentava de muito, não havendo mãos a medir por parte dos empregados da casa, no sentido de bem servir a todos. Parado à porta, no seu fardamento flamante e vistoso, vis-a-vis com um Papai Noel de papelão em tamanho natural, sempre solícito em fornecer quaisquer informes a quem pretendesse efetivar compras ali, era de todos familiar a figura simpática do preto Eusébio, velho funcionário da casa, onde já exercia atividades há mais de 25 anos.

Porque o conheciam tão bem é que todos, empregados e a maioria dos fregueses, estranhavam o seu aspecto, naquele movimentado e alegre dia.

Dir-se-ia estar doente ou, então, sèriamente preocupado com algum íntimo problema. Ficava longos períodos de tempo a fitar, meio apalermado, inexpressivamente, o centro do bazar, onde se amontoava uma infinidade de brinquedos os mais diversos. De vez em vez, a voz do patrão ou de alguma das empregadas vinha arrancá-lo daquela pasmaceira.

— Que é isso, «seu» Eusébio? Você parece que nunca viu brinquedo na sua vida!

E era verdade, embora o tom de brincadeira dos que se lhe dirigiam e ainda que ninguém ali se apercebesse, de tal. Êle sempre vira brinquedos, sim, mas nunca os possuíra. E há vinte-e-cinco anos naquela, não suspeitara jamais de que um dia iria tanto preocupar-se, por causa de algum brinquedo. Êle, um homem já envelhecido.

Eusébio tinha uma netinha e afilhada, a Marilu, que havia mais de mês, caíra de cama, gravemente enfêrma. Nada fôra poupado pelo velho preto, a fim de salvar a sua amada netinha das garras da morte, e já há dez dias que ela vinha restabelecendo-se aos poucos. Dias antes, Marilu chamara seu avô para dizer-lhe que havia tido «um sonho tão bonito, vovô, tão bonito que eu nem queria mais acordar».

Ela sonhara que havia ganho de Papai Noel uma linda boneca loura, tôda vestida de bailarina. E que a boneca se casara com um príncipe encantado, igualzinho àquêle das histórias que o avô lhe contava sempre, tôdas as noites, para adormecê-la. E tôdas as outras bonecas da terra haviam comparecido ao casamento da sua linda boneca. «Tinha sido uma festa tão bonita!» E, depois, Marilu lhe fizera várias vêzes a dolorosa pergunta:

— Será que Papai Noel me dará uma boneca assim, vovô?

E a avô, aflito por ver a impossibilidade de dar tal presente à netinha, negando-lhe aquela alegria tão benfazeja quão justa, respondia que sim.

Que Papai Noel tinha bom coração e ela também haveria de ganhar a sua boneca.

Porisso, ali estava o velho Eusébio, naquele para si amargurado dia 24 de dezembro, todo aflição e desespêro.

Olhava horas inteiras para a prateleira das bonecas e suspirava fundo, triste, lembrando-se de que não poderia levar uma só delas para a sua querida Marilu.

Elas eram tão luxuosas, tão caras.

O rostinho querido da netinha doente lhe surgiu ante as pupilas desmaiadas, perguntando-lhe se também ela não iria ganhar uma boneca vestida de bailarina.

Quantas êle já vira sair da loja, naquele e nos dias anteriores.

— Mas que é isso, «seu» Eusébio? — insistiam alguns. — Que é isso, homem de Deus? Você hoje parece não estar bom... Está sentindo alguma coisa? Está aí com essa cara de mosca tonta...

Eusébio então fazia um esfôrço tremendo para momentâneamente que fôsse esquecer, as bonecas e aquela que embora longe, lhe enchia o cérebro todo, com os seus carinhos e suas súplicas infantis.

Orfã de pai e mãe, Marilu encontrara no seu avô e padrinho o único amparo na vida. Por isso, tanto o queria e tanto era amada pelo velho preto.

Afinal, era chegado o fim do dia e os derradeiros fregueses apressadamente ainda tratavam de efetivar suas compras, talvez as últimas para as festas.

As luzes da cidade já brilhavam de há muito em tôda a sua intensidade, emprestando singular aspecto, todo multicor, às vitrines das casas comerciais, enfeitadas com inúmeras árvores-de-natal.

Começavam a retirar-se as empregadas do bazar e de tôdas Eusébio ia ouvindo, meio abstrato, o clássico «Feliz Natal», a que respondia igualmente, embora abichornado, entristecido.

Parecia um garôto que, depois de ver um grupo de crianças ganhar o seu presente, era esquecido.

Mas, enfim, era um preto velho, e sua tristeza, embora ignorada pelos outros, quanto à verdadeira causa, tinha a sua expressiva razão de ser.

Eusébio não sabia como solucionar o seu problema. Como conceder à netinha querida aquêle bocado de alegria, e, amargurado, tonto, nem sabia ao certo o que estava fazendo naquela véspera de Natal.

Seu patrão, ao sair, também o felicitou amistosamente, como era de seu hábito, e, ao mesmo tempo que lhe estendia uma caixa de charutos, acentuou, sorridente:

— Pronto, «seu» Eusébio... se você está triste pensando que não ia ganhar também o seu presente de Natal, enganou-se. Papai Noel tem bom coração e não esquece ninguém...

— Obrigado, patrão, obrigado e Feliz Natal pra o senhor e sua família, — respondeu-lhe o velho, num meio sorriso, pensamento todo na Marilu, que talvez não recebesse a visita do bom velhinho do Natal.

Minutos depois o velho preto se via sòzinho, como habitualmente ocorria, pois era quem fechava todo o estabelecimento e apagava as luzes à meia-noite, depois do que se retirava, também.

E então seu coração se abriu. Era um pobre coração solitário ali, todo ternura e mágua, lembrando a netinha querida e sem saber como ir pra casa naquela noite, sem levar a boneca desejada.

E foi fechando algumas luzes, examinando portas e vitrines, com os olhos não ali, mas lá no seu chalèzinho modesto, onde uma menina de seis anos, pobre como êle, fazia do seu sonho bonito tôda uma vida de felicidade.

De vez em quando Eusébio relanceava os olhos pelas bonecas, ainda tantas, ali existentes.

Êle sabia que uma delas, apenas uma, teria até o dom de apressar o restabelecimento da sua neta. Mas como adquiri-la?

Não tivera a coragem necessária para pedir ao patrão lhe facilitasse uma. Nunca lhe pedira algo semelhante. Sentira-se acanhado.

Depois, a boneca que sua netinha desejava era presente pra gente rica.

Cansado, Eusébio recostou-se num banco, aos fundos da loja, à espera da hora em que deveria fechar tôdas as luzes e logo após ir-se embora para sua casa.

Instintivamente, começou a relembrar então tôda a sua vida de lutas e de tristezas.

Nunca soubera o que tinha sido um Natal, na sua infância longínqua. A pobreza jamais se afastara do portal do seu casebre e seus pais mal ganhavam para o sustento de cada-dia.

Mas não se rebelava com isso. Na vida, para ser vida, é preciso que haja um pouco de cada coisa. Ricos, pobres, remediados. Alegres, tristes, felizes, desgraçados.

Apesar de tudo, êle não se tinha por infeliz. Sempre vivera em boa paz com os homens, seus semelhantes e, se tivera a desdita de perder sua única filha, a mãe de Marilu, ali lhe ficara aquela menina tão meiga, que lhe enchia a vida tôda, fazendo-o viver num verdadeiro céu.

Eusébio sabia bem que só se é feliz com o que se tem e com aquilo de que gostamos, e não com os desejos alheios.

Mas, agora, a impossibilidade de dar aquêle presente pra netinha, fê-lo chorar amarguradamente.

Eusébio chorou, não envergonhado por fazê-lo, porque era sentimental e afinal, as lágrimas eram-lhe um desabafo.

De repente, ouviu um leve ruído perto de si. Esforçando-se por divisar melhor as coisas, viu que Papai Noel se encaminhava para o seu lado.

Preto Eusébio ficou meio assombrado com a visão, pois sabia da inexistência material do bom velho do Natal, mas o vulto amigo o acalmou, falando-lhe fraternalmente:

— Não fique triste, meu amigo. Se é o presente pra sua netinha, que o aflige tanto, e tal o adivinho por seus olhos lacrimejantes, não se amofine. Olhe — e encaminhou-se para a prateleira onde se achavam depositadas as bonecas mais caras do bazar, ricamente vestidas de sêda — você vai levar-lhe a sua boneca, também. Para a sua Marilu, que nos seus sonhos puros e ingênuos tanto me tem pedido uma boneca bailarina.

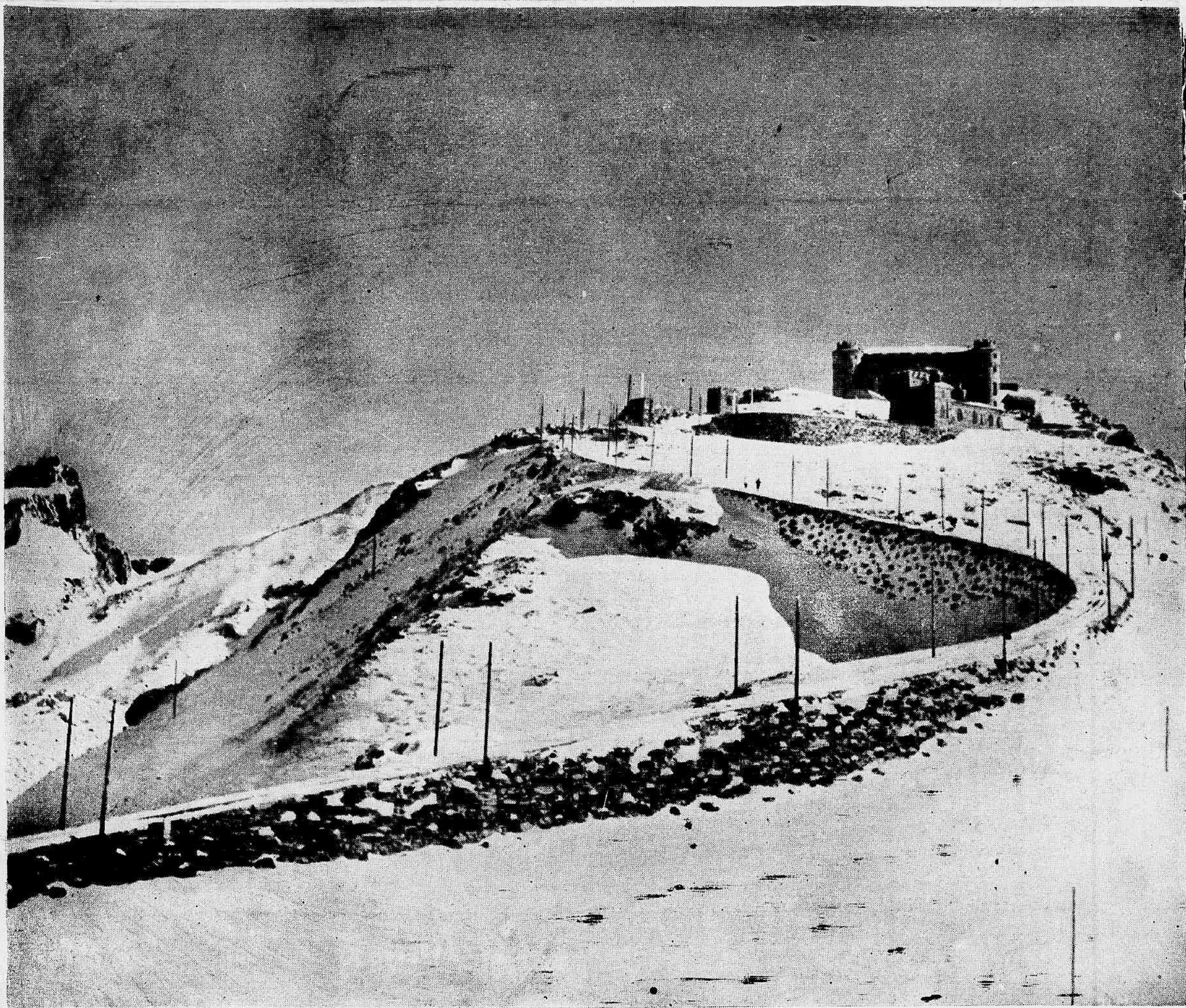
E, agarrando uma delas, ajuntou em voz mais baixa e confidencial:

— Que diabo, amigo Eusébio, o seu patrão é tão rico. Demais, há tantas bonecas aqui que êle não irá dar por falta de uma.

(Cont. na pág. 44)



Conto de HELCINDO CLARK
Ilustração de OSWALDO DA CUNHA



A SUÍÇA não é famosa apenas pelos seus relógios de precisão. Suas montanhas constituem atrativos turísticos a qualquer momento em que se tenha dinheiro, saúde e tempo. Aqui vemos o famoso Hotel Gornergrat, a 3.138 metros de altitude, ponto terminal de uma das mais altas estradas de ferro da Europa. Em baixo: excursionistas galgando os Alpes Suíços.

INSTALA-SE NO PICO DO MONT CERVIN, UM TRANSMISSOR DE RÁDIO -- NOTÍCIAS PARA O MUNDO A 4.482 METROS DE ALTITUDE



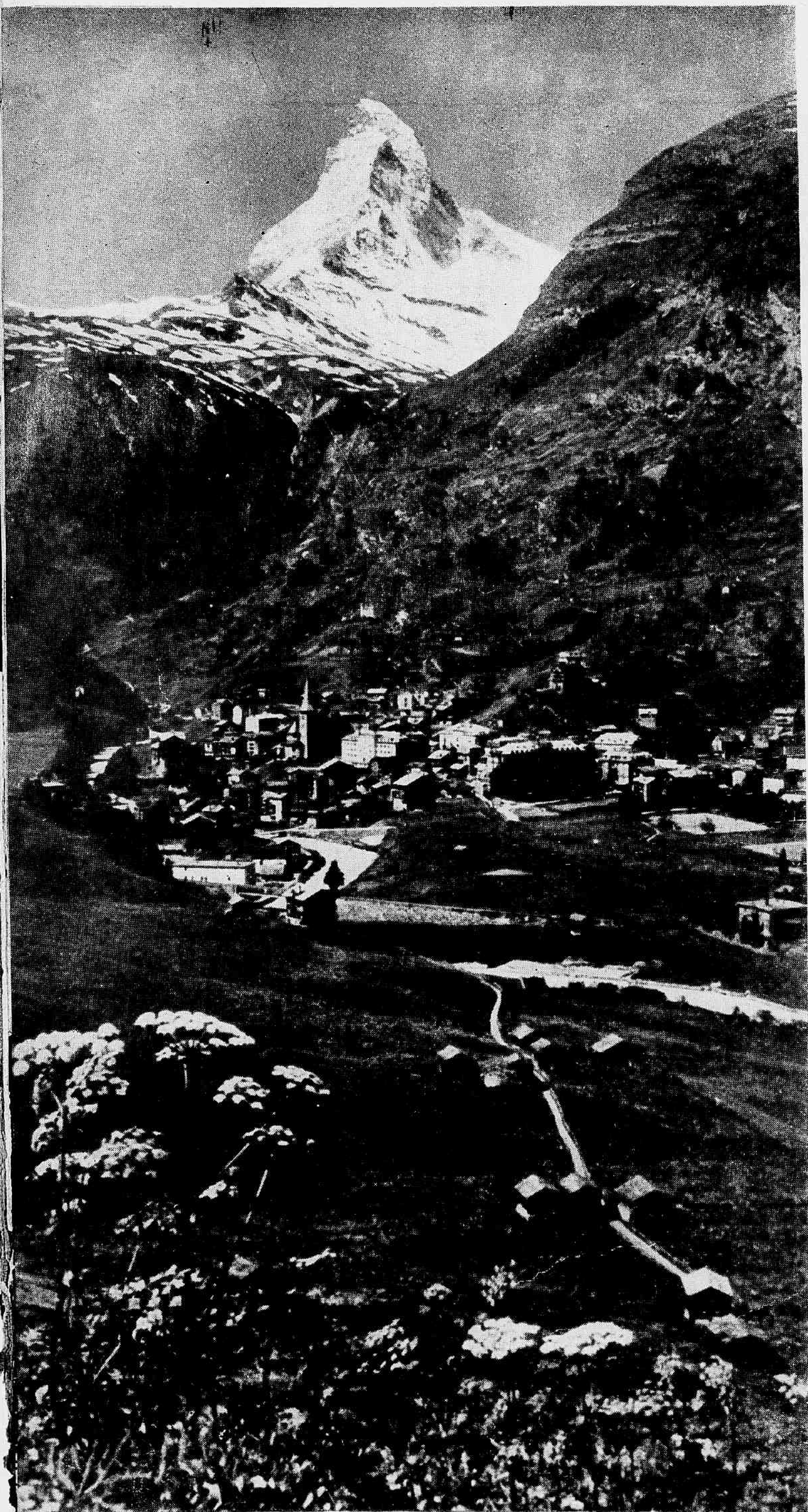
UMA operação radiofônica de caráter excepcional foi realizada na Suíça nos dias 5 e 6 de agôsto. Pela primeira vez o microfone penetrou nos altos Alpes e os ouvintes da emissora da «Rádio-Lausanne» puderam acompanhar uma das mais belas escaladas conhecidas, a do «Mont Cervin», com 4.482 metros de altura.

Trata-se, na realidade, de uma realização técnica sensacional. Na tarde de 5 de agôsto, diversos repórteres, acompanhados de técnicos conduzidos por guias experimentados, para os quais o abismo não tem mais segredos, deixaram Zermatt, a bem conhecida estação de turismo. Na mesma noite, duas emissões foram feitas da pequena cabana do «Hoernli», no sopé do «Cervin», onde a caravana passou algumas horas. No dia 6 de agôsto, desde a madrugada, começou a subida e, de hora em hora, os repórteres davam, pelo rádio, suas impressões, descrevendo o maravilhoso panorama que se estendia aos seus olhos.

Em estreita ligação com a emissora suíça de ondas curtas de Schwarzenburg e as estações de radiodifusão da Grã-Bretanha, da França, do Canadá, da Nova Zelândia, da Índia e do Oriente Próximo, a emissora de Lausanne atingiu um grande número de ouvintes. Vários jornalistas e fotógrafos tinham vindo de diversos países e alguns, acompanhados de guias, efetuaram a ascensão simultaneamente com os rádio-repórteres.

Esta reportagem foi palpitante e, graças ao rádio, milhares de pessoas puderam conhecer as sensações maravilhosas que pode proporcionar uma escalada nos altos Alpes Suíços. O bom tempo assegurou o sucesso dêste empreendimento e do cume do «Cervin» a vista abrangia uma imensa região coberta de neves eternas e geleiras.

O «Cervin» é uma das mais altas montanhas dos Alpes suíços e sua escalada não é das mais fáceis. O feito dos repórteres radiofônicos, além de ser um esplêndido êxito





A RÁDIO LAUSANNE instalada no cume do Cervin, a primeira estação emissora para o mundo, proeza ainda inédita.

da técnica, é também uma bela façanha em matéria de alpinismo. Esta ascensão pode ser feita agora quase sem perigo, embora assim não fôsse o caso antigamente. O primeiro a vencer o Cervin foi o inglês Whymper, alpinista apaixonado que, depois de diversas tentativas dramáticas, chegou finalmente ao cume em 14 de julho de 1865.

Quando do primeiro ensaio em 1861, Whymper havia alcançado uma passagem difícil, donde foi obrigado a voltar. No ano seguinte, teve de abandonar seu plano, depois de ter chegado a 3.900 metros de altitude. Subindo novamente, mas só avançou até quase 4.100 metros em sua ascensão solitária nesses imensos rochedos nus. Na volta, perdendo o equilíbrio, foi caír num precipício de 70 metros de profundidade, do qual, felizmente, saiu com vida, embora sèriamente ferido.

Em 1865, Whymper está de novo em Zermatt, onde, enfim, o acaso favorece seu empreendimento. Encontra aí outros alpinistas que se unem a êle para nova tentativa. Sob a direção do famoso guia Croz a caravana atinge, em 13 de julho, a altitude de 3.400 metros, onde passa a noite em boas condições. No dia seguinte, sobem com facilidade inesperada a grande encosta da vertente do lado de Zermatt até 4.250 metros. De lá é preciso passar sôbre as paredes mais abruptas da vertente norte. Croz acha-se à frente e as passagens difíceis são logo vencidas; diante dêles nada mais há que a encosta de neve fácil, que forma o telhado do «Cervin». Whymper e Croz, já desamarrados, atravessam a mesma correndo, ofegantes de impaciência e de emoção. O mais altivo pico dos Alpes, o «Cervin» foi dominado.

Uma hora mais tarde, no início da descida, o mais jovem dos alpinistas, perdendo o pé, por falta de experiência, levou consigo para os terríveis precipícios da parte norte, dois dos seus companheiros e o guia Croz.

(Cont. na pág. 44)

AO FUNDO, o pico do Monte Cervin, a 4.482 metros de altitude. Os excursicnistas a caminho do ponto culminante.





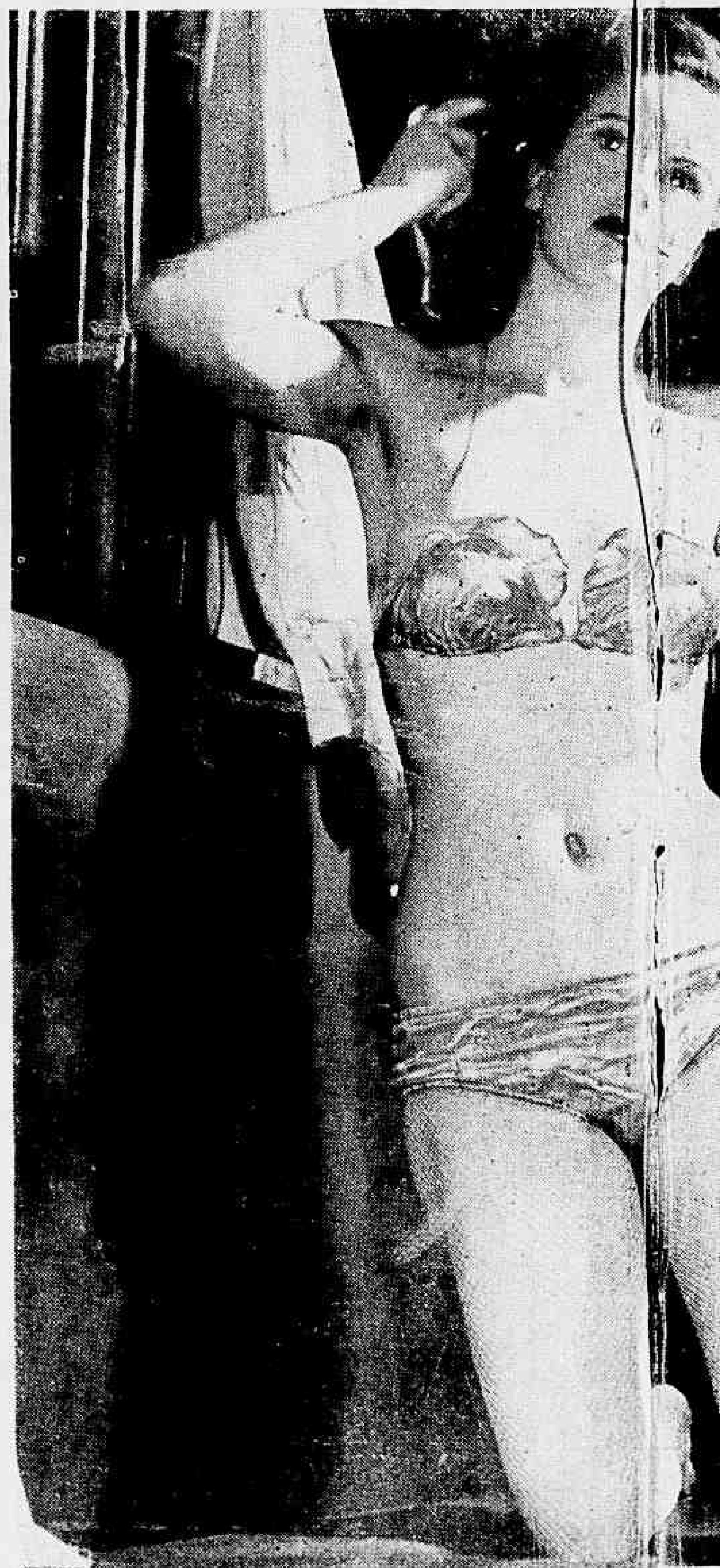
PERFIL DO FAMOSO "Mont Cervin", num dia de sol. Sua escalada é bastante difícil, sendo seu primeiro vencedor, o inglês Whymper, há 85 anos. Na outra foto, um "telérico" original transporta a grandes alturas das encostas geladas, os excursionistas e amantes dos agradáveis e sadios esportes de inverno, sem muita dificuldade, nem quedas, nem habilidades de skis





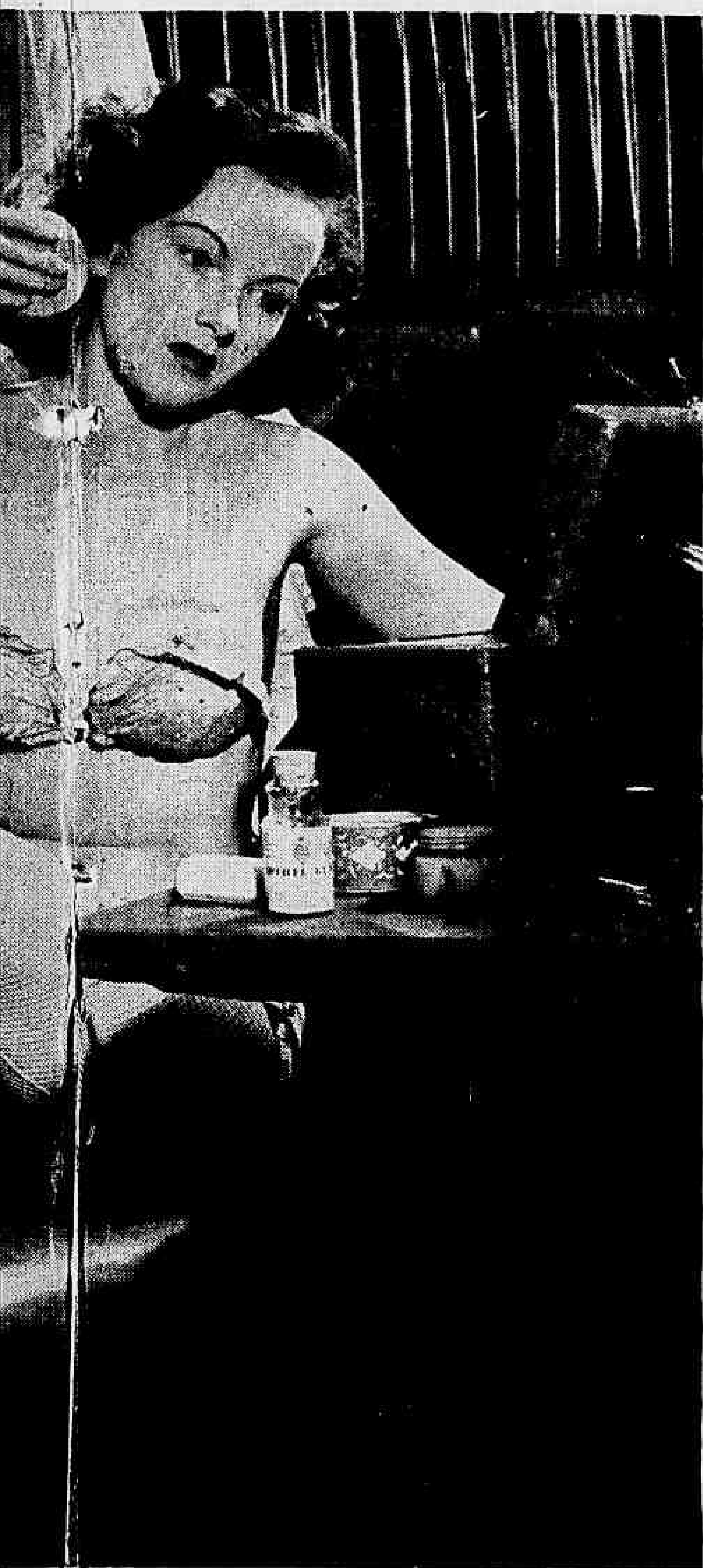


DIVENA é a encantadora "girl" que, num "show" aquático, baixo dágua, ao som de música. Antes, porém prepar

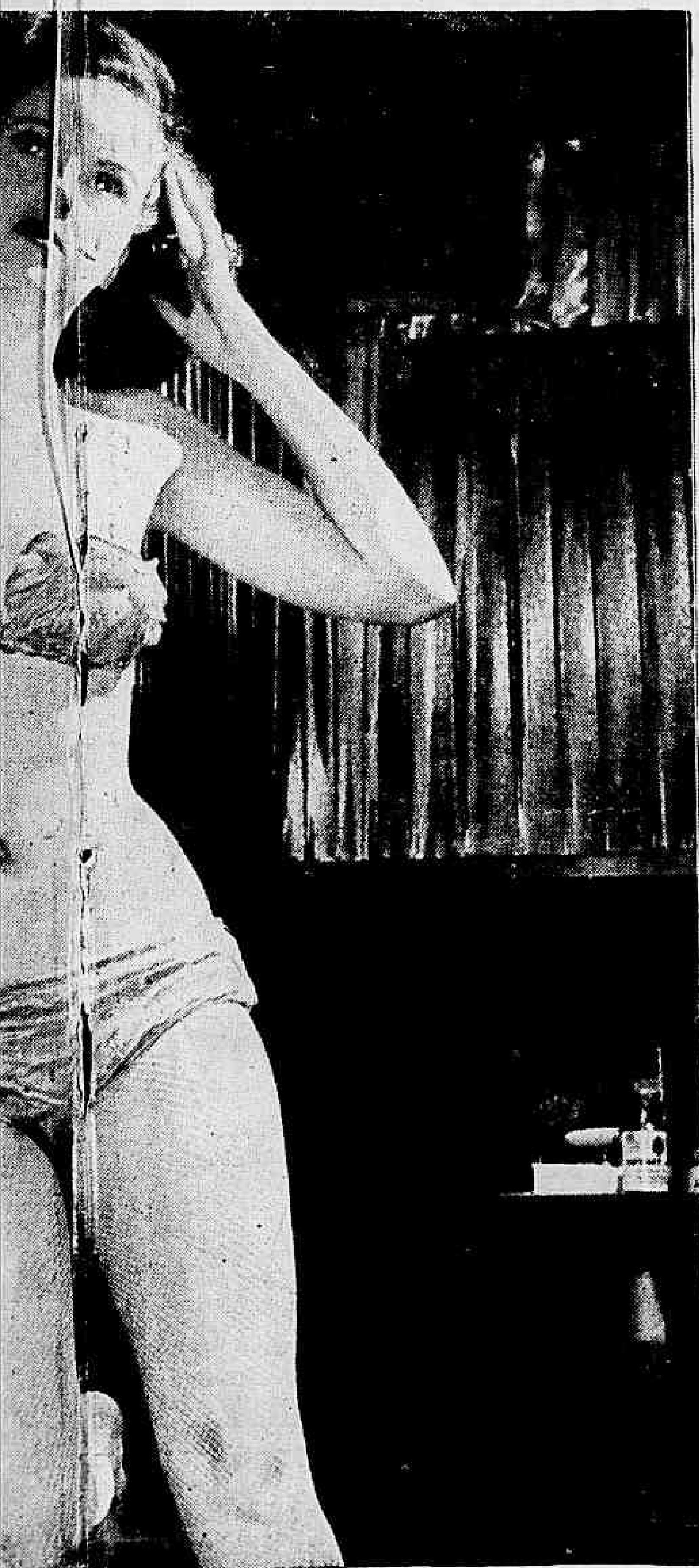




ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA - A MAIS SENSACIONAL BAILARINA AQUÁTICA - UM FENOMENO SEU FÔLEGO - SERÁ FILHA DE SEREIAS?



...w" aquático, mergulha vestida e começa a despir-se de-
...rém, prepara a maquilagem como se fôsse ao palco





PELA primeira vez em matéria de "show", uma jovem entra num tanque feito especialmente para que os espectadores a vejam com a mais absoluta clareza em todos os seus movimentos. O tanque é de cristal, cheio de água puríssima e limpa. Ali dentro, Miss Divena que é mesmo divina, começa a evolucionar graciosamente, realizando números de incrível "ballet" aquático. Ou melhor: sub-aquático. E tudo sincronizado com belas peças musicais. Penetra nágua vestida como se fôsse para o palco. Grandes véus, sapato, meias, enfeites na cabeça. Mas, à proporção que a música vai desenrolando os números programados, ela também vai-se desvestindo à vista do público extasiado. Sua habilidade é espantosa. Como sabemos, ao mergulhar nágua, todos os corpos perdem uma parte do seu pêso específico igual ao da quantidade que deslocou. E' o famoso princípio de Arquimedes. Entretanto, esta sereia moderna contraria todos os princípios de Arquimedes e de outros físicos. Ela se conserva lá dentro como se estivesse em seu quarto de dormir. Seu treinador é Charles Rayburn, que conseguiu uma reeducação espantosa em sua pupila. Ela consegue sorrir, fazer evoluções, retirar a roupa, etc., tudo debaixo dágua, a dançar ao som de música... Mas o empresário já achou um meio de preparar outras sereias dêsse tipo, e já hoje há umas doze "misses" capazes de fazer tais proezas nas águas de um aquário de cristal como essa divina Divena. Seu nome real, porém, não é êste. Chama-se ela Bonnie Blue. Mas isso não vem ao caso, e todos nós achamos mesmo que, com tais privilégios de ser mitológico e anfíbio, Miss Blue é muito mais "Divina" do que "Azul". E estamos certos de que os leitores também pensarão assim. Em que tempo realiza Divena êsses números? O fôlego humano é curto. Mas a artista é perfeita, e, em 45 segundos, ela corresponde à expectativa dos assistentes, sob palmas. Durante duas vêzes por noite, num total de 15 minutos para cada espetáculo, ela se exibe. E ninguém pode contestar o seu grande talento, a sua beleza, a sua graça e impecável performance **até debaixo dágua.**





E AQUI VAI ela começando. No fundo da piscina de cristal, já está retirando as meias como se estivesse em casa.

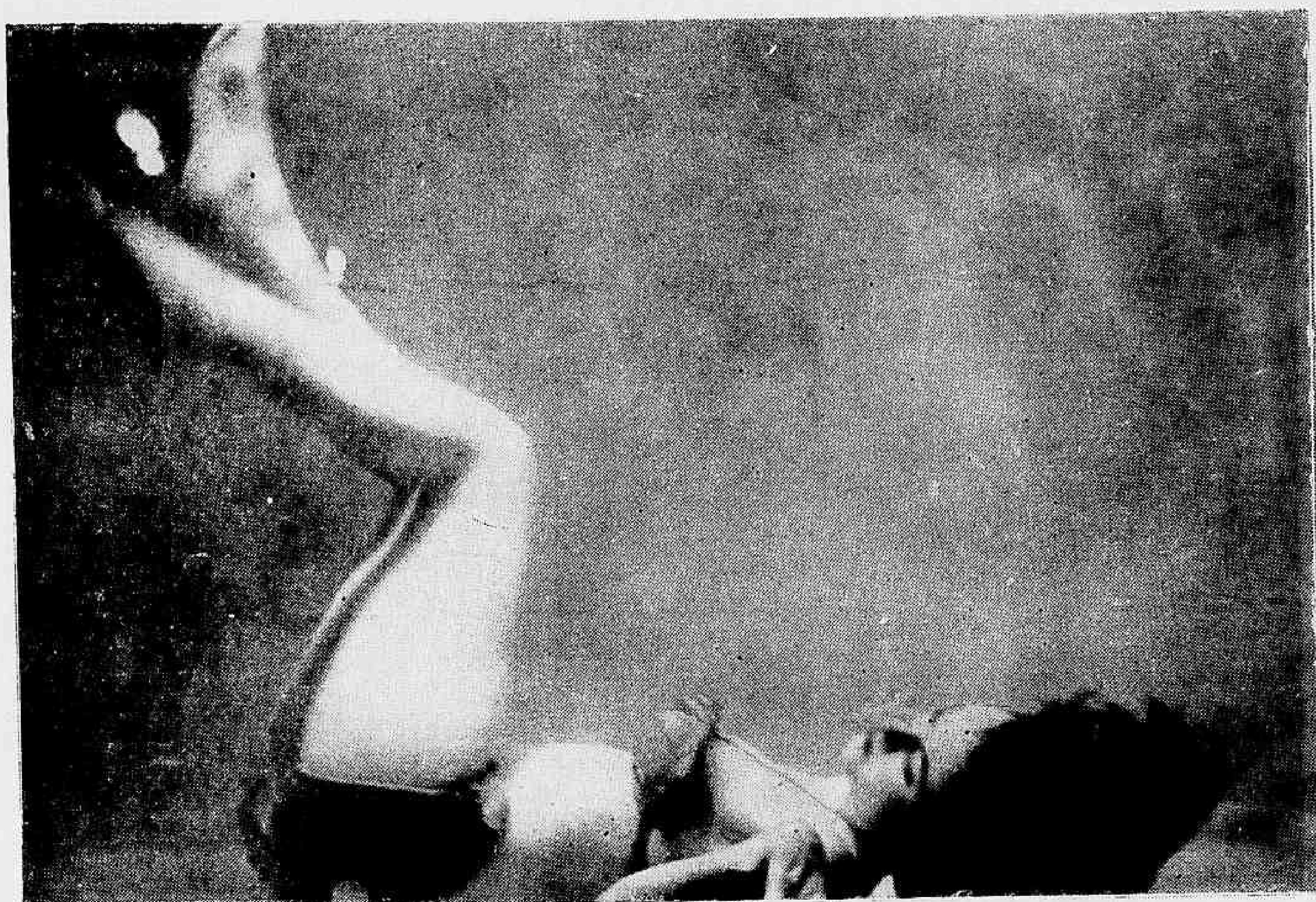
PARA QUE tanta roupa, se os peixes vivem nus? Por isso a divina Divena arranca mais roupas, no fundo das águas

COMO SEREIA moderna e tentadora, a mais estranha das bailarinas mostra suas habilidades até debaixo dágua



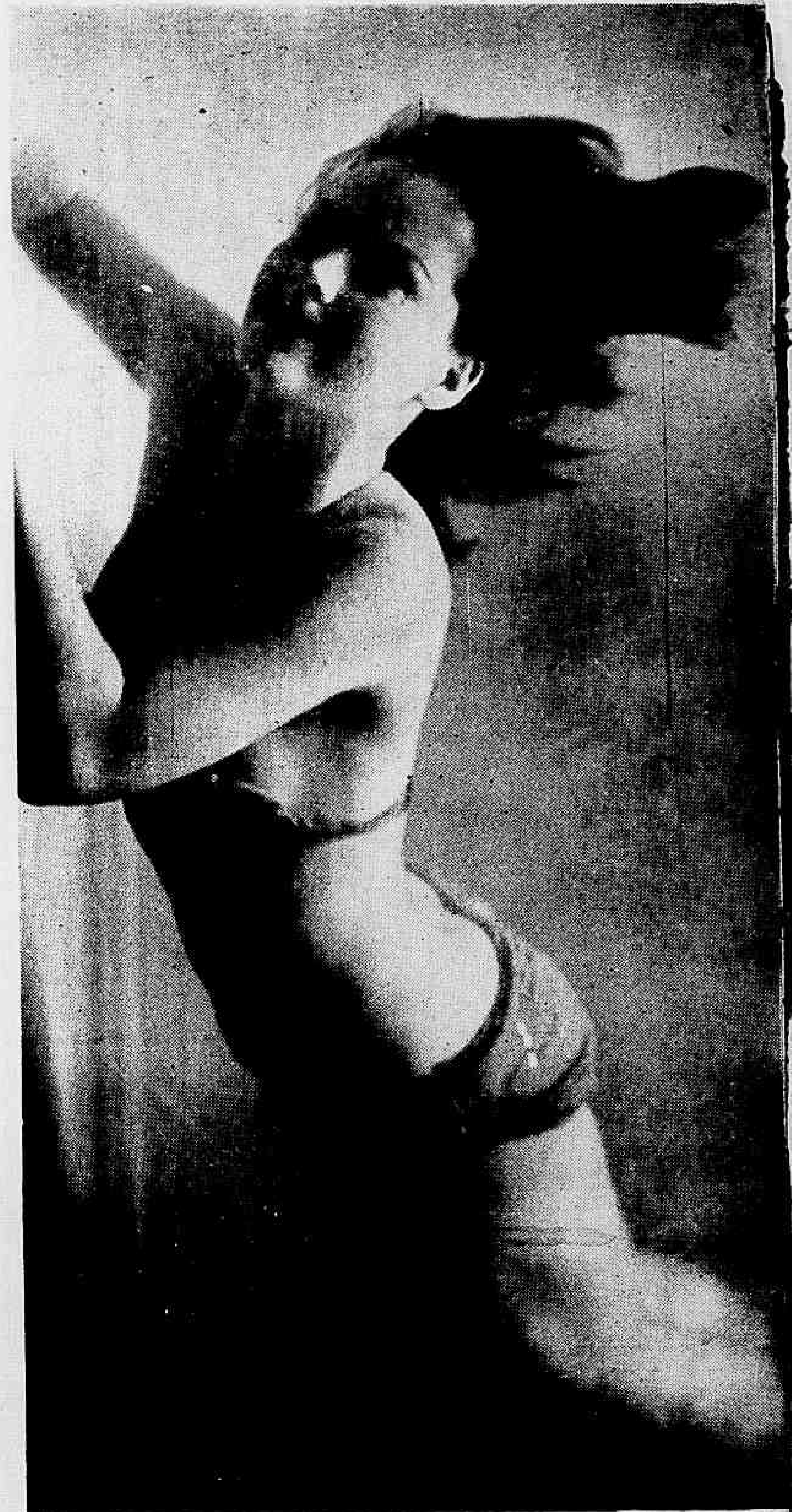


DIVENA SABE entusiasmar os espectadores. Não promete fazer. Faz. E faz com técnica e até com malícia. Quando todo mundo pensa que nada mais há sôbre a pele, surgem estrêlas e sungas, provando que ela não é sensacionalista, no vulgar



do têrmo, mas uma excelente artista do "ballet" aquático, como até agora não houve em parte alguma do mundo. Divena tem fôlego de sete gatos, e, depois que realiza tais proezas, muitos estudiosos ficam sem nada poder explicar.





E DEPOIS de assombrar os fãs, ela sobe à tona, como uma Ninfa que acabasse de sair dos milagres de Anfitrite.





O MESTRE DA LANCHA verifica a altura da água

NA TERRA DOS MARECHAIS

NA LAGOA MANGUABA, assim é feito o transporte de mercadorias. Caboclos queimados pelo sol dobram-se ao empurrar o barco carregado de tijolos. Mais parece um baixo-relêvo egípcio

MERGULHO NO PASSADO

Texto e fotos de SABINO CANALINI



NUMEROSAS são as residências de engenhos, abandonadas



NA ILHA DO CABOCLO — Há uma lenda sôbre índios



A LANCHA deixava os barcos para trás, com um adeus...



A DRAGA, inútil, num sono de dinosáurio fossilizado!



O TETO das lanchas ficou cheio de côcos e utensílios



NO CANAL DE ALAGOAS. Um bando de velas rumo à feira

VIAGEM ATRAVÉS DA LAGOA MANGUABA ★ RUÍNAS E BELEZA DO OUTRORA MOVIMENTADO CENTRO ★ ALAGOAS, A VELHA CAPITAL ★ HISTÓRIA, APOGEU, DECADÊNCIA E INVOLUÇÃO ★ TERRAS, CENÁRIOS E MATÉRIAS PRIMAS À ESPERA DE NOVOS DESCOBRIDORES

— No Ceará não tem disso não.

Foi assim que os pescadores da Lagoa Manguaba receberam, entre risos e comentários, o relâmpago do «flash», quando, às cinco da manhã, batemo-lhes uma fotografia no Trapiche da Barra, em Maceió. Haviam pescado durante a noite, voltando de madrugada ao ancoradouro do Trapiche para vender os numerosos «curimãs» e «carrapedras». No bulício próprio dessas ocasiões, misto de alegria pela boa pescaria e pela perspectiva de ganho, encostavam seus barcos esguios na embocadura do riacho que passa pela Barra, abaixo da velha ponte, em ogiva, que reúne as duas partes do estacionário bairro. Algumas velas foram acesas e prêsas com a cêra derretida, nas bordas dos próprios barcos, oscilando, mansamente, ao fluxo da maré da lagoa. Cestos de vime entrelaçado foram enchidos de peixe, bem arrumados, e entregues às mulheres para que

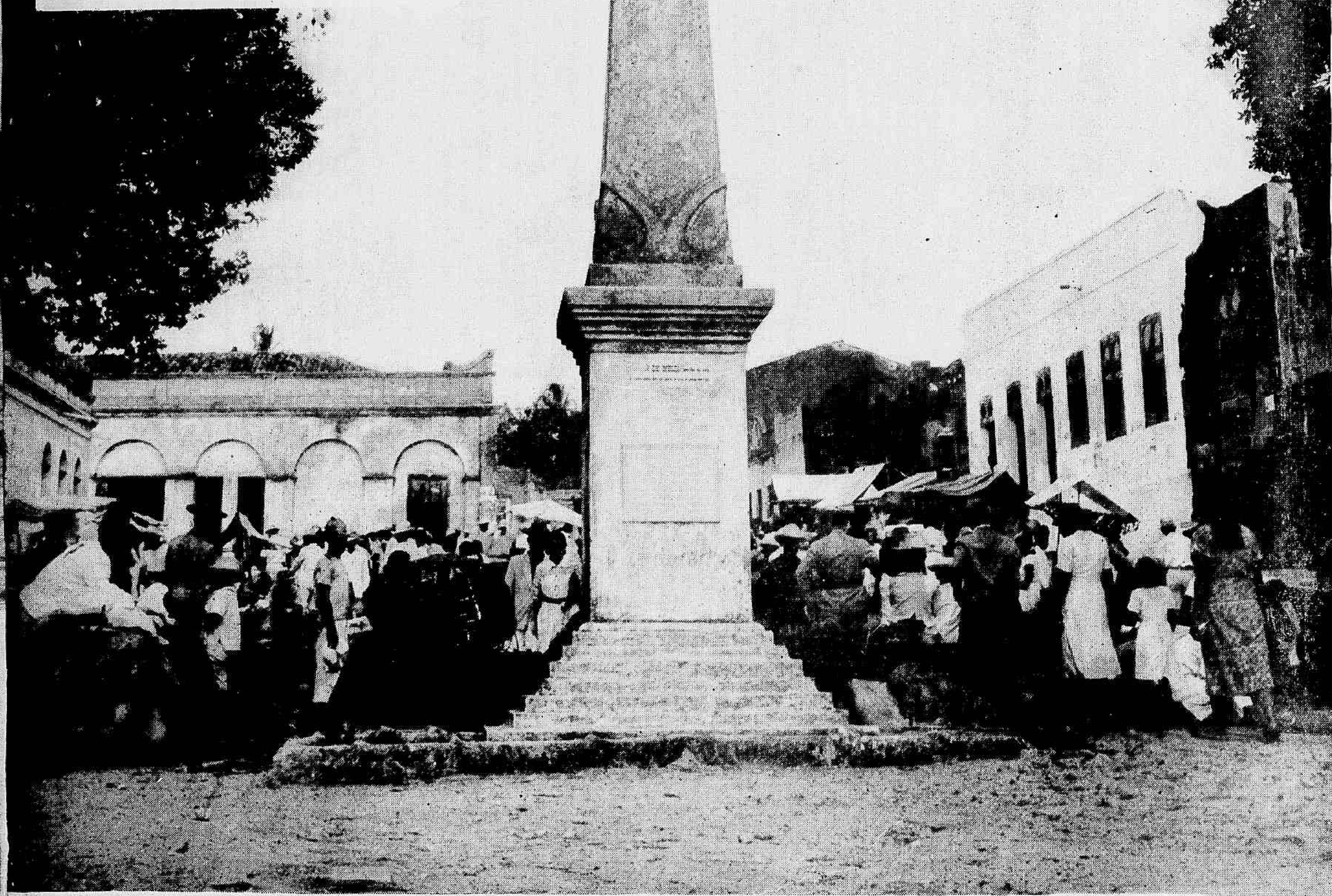
VOLTA DÁGUA, um recanto pitoresco preferido nos passeios. Fica num cotovelo de terra. Conserva a casa antiga, entre coqueiros poéticos que se refletem nas águas mansas



NO TRAPICHE DA BARRA chega o pescado da noite



300 ANOS passaram. A vida é a mesma



ENTRADA DE ALAGOAS. No velho obelisco da praça foi posta uma placa comemorando o tricentenário da elevação do povoado a vila, em 12-4-1636. Em plena invasão holandesa, portanto.



começassem, imediatam nte, a venda. O dia vinha surgindo, e a claridade já era bem forte, no nascente. A lancha, na qual devíamos embarcar, estava com a partida marcada para as cinco e meia, mas ficou esp rando o primeiro bonde que vinha do centro, a fim de ver se havia mais gente para levar, coisa de que não gostou o fiscal da Prefeitura.

Ouvíramos falar em Alagoas, uma cidade velha, quase abandonada em ruínas, antiga capital do Estado, encravada bem no interior da Lagoa Manguaba, onde se poderia chegar após duas horas de lancha. Não podendo esconder nossa fascinação pelas coisas velhas e históricas do Brasil, colhemos m lhores informações, e era por isso que estávamos naquela madrugada, prontos para sair do Trapiche da Barra. Até que enfim a lancha saiu. Bem parecia com as da Frota Carioca, naturalmente não assim possante. No máximo, umas dez pessoas, fora o mestre, o maquinista e um ajudante que se encarregava de cobrar as passagens e os fretes das cargas. A bagagem era empoleirada no teto da embarcação, onde também se deitaram alguns caboclos, talvez para melhor vigiar os objetos que iam vender na feira. A certa altura, porém, o mestre reclamou contra os que estavam na «galeria», ou pelo menos contra o vai-e-vem dêles, pois provocaram o des quilíbrio da lancha que ameaçou virar. Acompanhados pelo pipocar constante do motor, vagarosamente avançamos sôbre águas tranqüilas, claras, apesar de não transparentes. Essa viagem, por longo tempo ainda, ficará em nossas retinas, principalm nte pelas belezas paisagísticas que desfilaram ante nossos olhos. A Lagoa Manguaba, separada do oceano por uma estreita língua de terra, recebe a invasão san adora das águes do mar, o que lhe proporciona condições ótimas de vida ribeirinha, conforme atestam os povoados e os núcleos residenciais nas suas margens. Antigamente a situação era outra: fundas suas águas, desobstruídos os canais, tráfego normal e intenso, de pequenos navios, barcos próprios para viação fluvial, comércio ativo, principalmente de exportação das duas riquezas locais, o côco e o açúcar. Hoje,



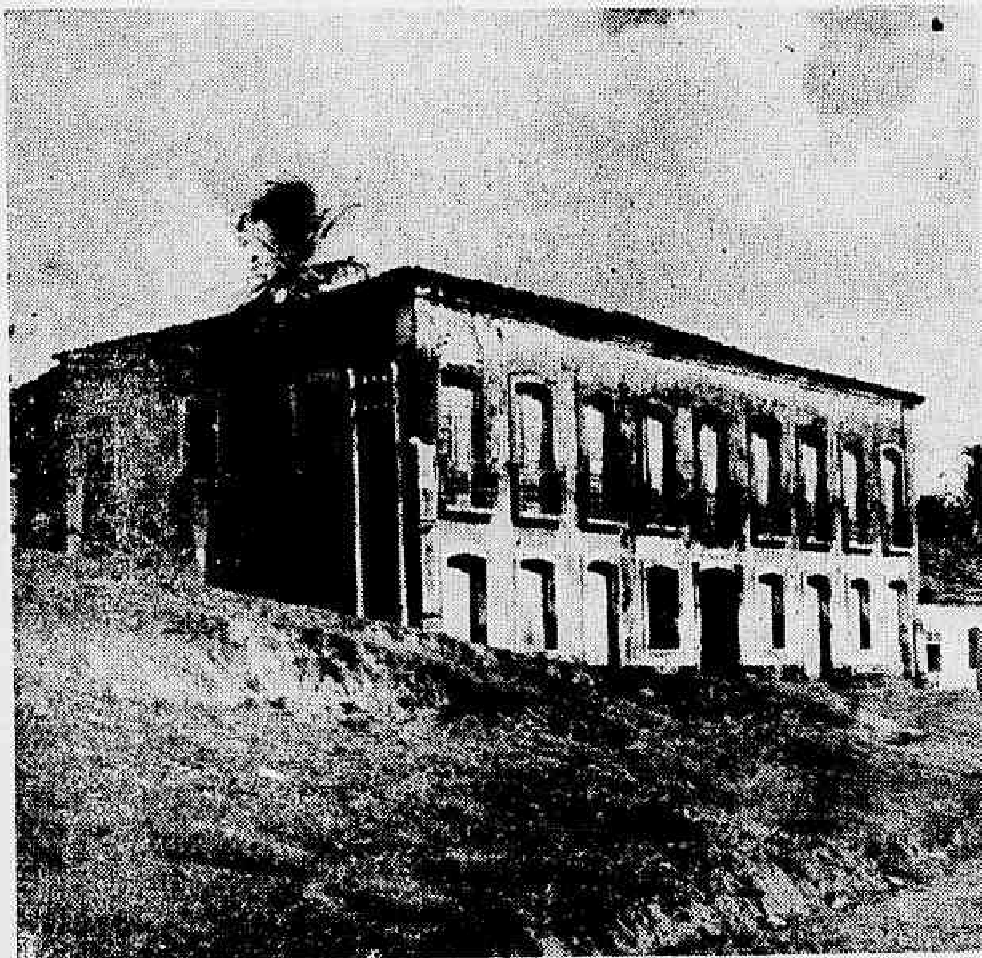
O CONVENTO, atualmente Orfanato de São Francisco



IGREJA DO CARMO, de evidente arquitetura holandesa



A CIDADE, com o seu casario colonial, é ladeirosa.



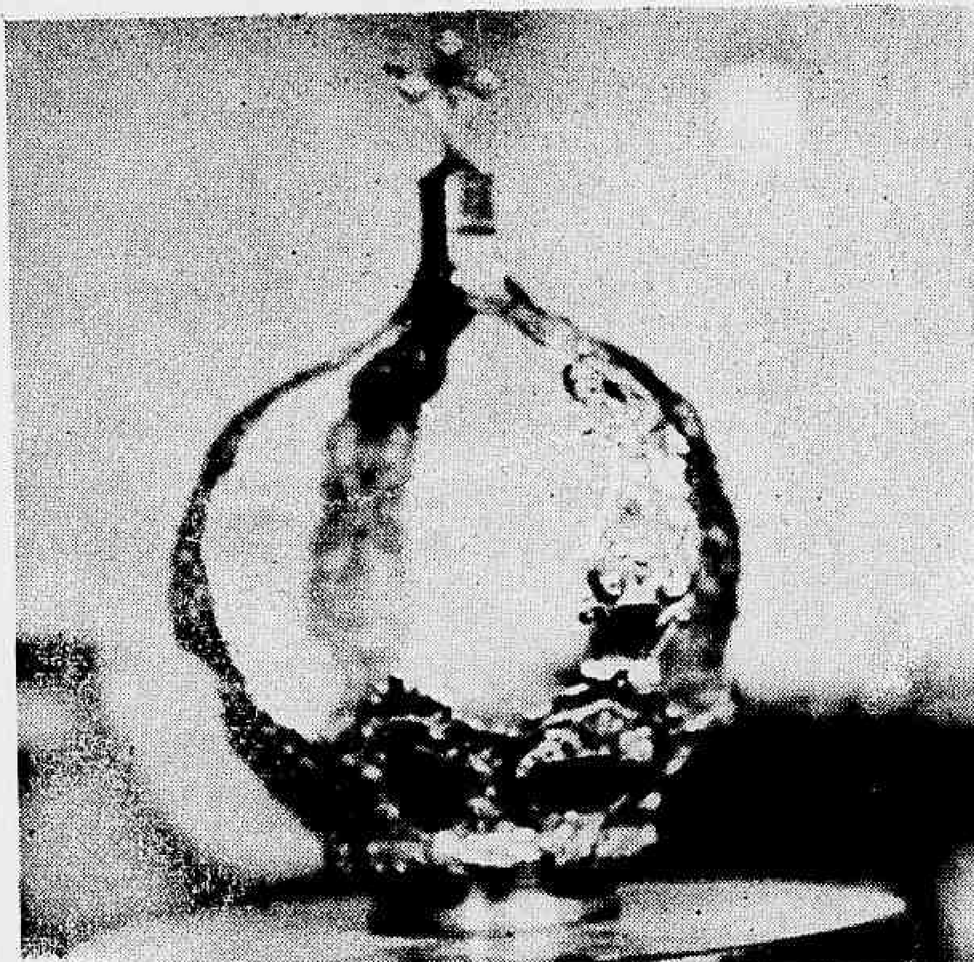
PALÁCIO DO GOVÊRNO. Majestoso em sua ruína. Vazio



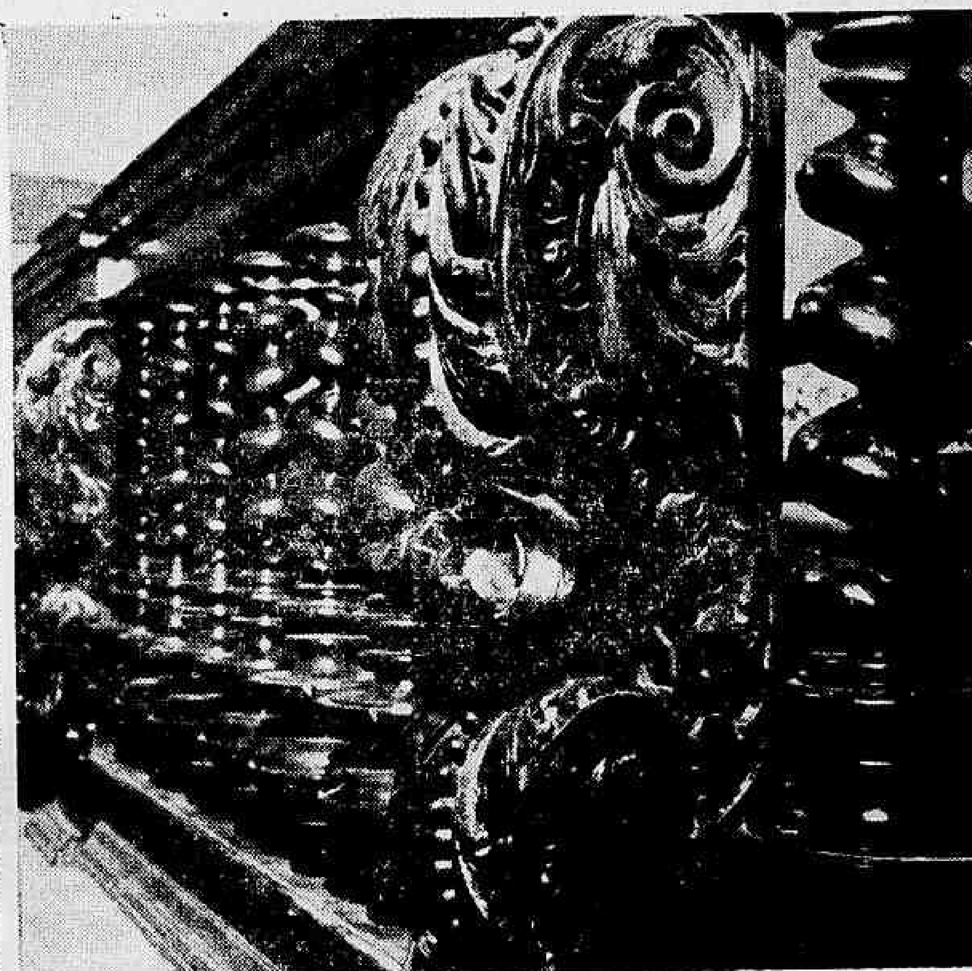
INTERIOR DA CADEIA, que ainda funciona com 5 presos



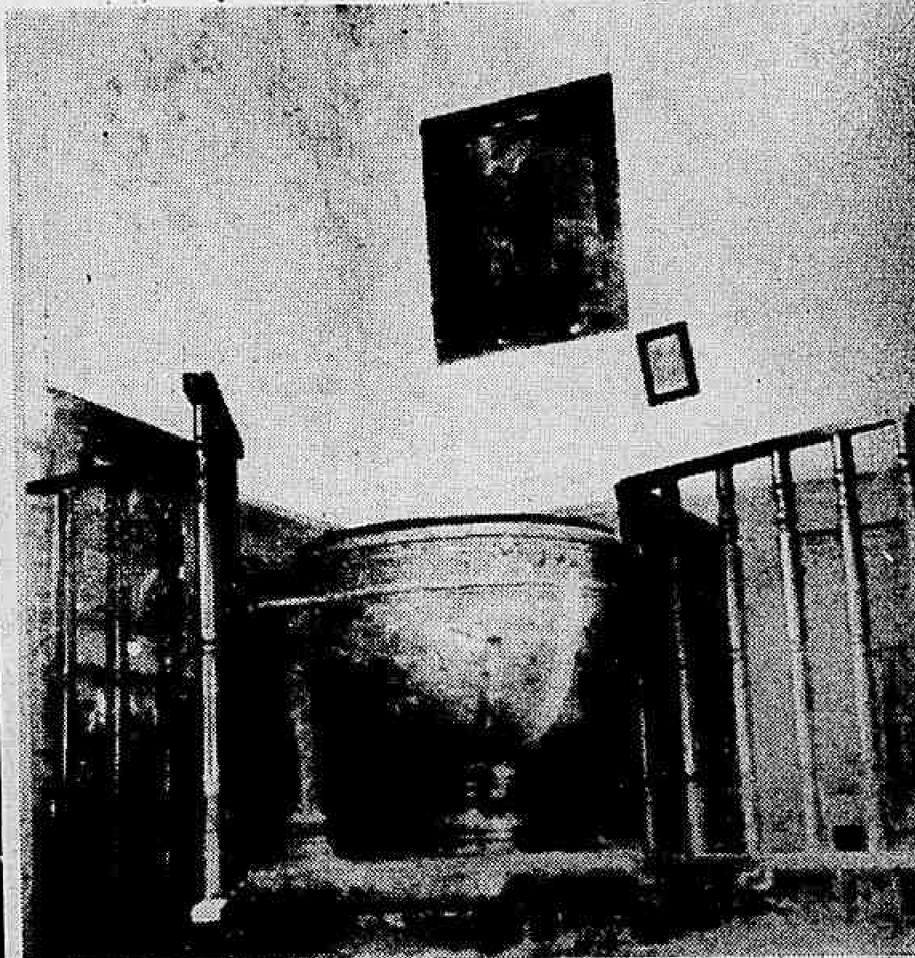
CADEIA — edificação de 1850, com o escudo imperial



COROA DE OURO, de 700 gramas, que custou Cr$ 200,00



NA IGREJA há um precioso balaústre de jacarandá



A PIA BATISMAL, obra colonial em granito, é inteiriça

isso tudo quase não mais existe. A lagoa está sofrendo a ação do tempo, está se entupindo, só pequenos barcos a vela, remos e lanchas de pequeno calado a percorrem. Bancos de areia formam-se em seu leito, assinalados por galhos secos, em volta dos quais a lancha realiza demoradas voltas. Numerosas ilhas, estreitamentos, verdadeiros canais, tudo isso dificulta a navegação, exigindo do mestre atenção contínua. Vai êle na prôa do barco, manejando a roda do leme. Solta-a de vez em quando para empunhar uma comprida vara que puxa do teto da embarcação para merguihá-la nas águas, firmá-la no fundo e fazer fôrça em determinada direção, evitando assim que a lancha encalhe. Fica êle sentado, ora de pé, lembrando um motorneiro de bonde, pois, para completar, tem a extremidade de uma cordinha prêsa em cima da cabeça e que aciona um buzina, com a qual manobra a máquina: para a frente, devagar, parar ou marcha-à-ré, e que serve, também, para avisá-lo quando alguém quer descer. O percurso é feito em contínuos zizuezagues, de um lugarejo a outro, encostando nas várias pontes de embarque disseminadas pelas margens. Conforme a lancha se vai aproximando dessas pontes, as pessoas que querem embarcar se vão aprontando, de modo a apressar a operação, sendo que, para alguns rapazes, a lancha nem chega a parar, pulando êles quando passa raspando a ponte. A viagem poderá ser demorada, mas permite que se observe bem a paisagem, as pontas de terra, as praias pequenas e graciosas, os cáis de pedra ou de madeira, as choupanas de pau-à-pique, os barcos virados para cima para ser calafetados, as rêdes estendidas em varais para secar, as velhas residências coloniais com as grossas colunas de tijolos ou os fortes moirões sustentando as varandas que ainda circundam tôda a casa, os telhados ondulantes, pretos, as janelas desengonçadas, as paredes rachadas, os tetos, caídos as raras pessoas e, acima de qualquer outra coisa, dominando sempre, os coqueiros. Isolados, aos grupos, formando matas, apontando em tôdas as direções, ora saindo das margens para mergulhar nas águas e depois tomar novamente o rumo do céu. Imaginem os leitores, isso tudo se refletindo no espelho parado da lagoa, com todos os seus detalhes, inclusive nas côres. Paisagens que pensávamos só existissem nas ilhas dos mares do sul, tão divulgadas pelo cinema, e que no entanto desfilavam diante de nossos olhos em tôda sua realística beleza. No caminho, encontrávamos ou passávamos por barcos a vela, conduzindo senhoras e moças que se defendiam dos fortes raios solares com guarda-chuvas. Encontramos também longos e chatos barcos de carga, com lenha ou tijolos, habilmente conduzidos por esguios caboclos que os empurravam com resistentes varas fincadas no fundo da lagoa. Alguns cobertos apenas por um largo chapéu de palha e um calção de banho, os músculos retesados pelo esfôrço, apoiados e dobrados em cima dos longos paus, enquanto empurravam com os pés a embarcação que percorriam de ponta a ponta, nas estreitas tábuas laterais. Sistema êsse tão antigo que nos parecia observar figuras de um baixo-relêvo egípcio, em que fôsse descrita a

(Cont. na pág. 43)

PEGGY STONE EM

A PISTA DO CIGARRO

NÃO sei qual será a opinião do leitor diante de minha detective Peggy Stone, cujas aventuras venho relatando através das páginas da REVISTA DA SEMANA. Os que já a conhecem por meio de qualquer de suas aventuras já publicadas, sabem que Peggy é uma jovem de vinte-e-cinco anos, apenas, tendo feito um curso completo de detective e outro de advocacia. Seus cabelos côr-de-cobre fundido fazem inveja a muitas louras e morenas; não mede mais do que um metro e sessenta, o que lhe permite não só metamorfosear-se em megera, apachinete, mulher vulgar, moça de sociedade, como num rapazola de calças curtas ou em elegante cavalheiro do "grand monde"; seu corpo é flexível, porém, de uma resistência surpreendente e isto porque desde cedo que Peggy Stone se vem preparando para a árdua luta contra o crime.

No subsolo de sua casa de campo, Peggy possui o mais bem montado laboratório de um amador. Armários embutidos estão repletos de trajes de todos os tipos, desde o "toilette" mais grã-fino aos andrajos mais sórdidos. Cabeleiras variadíssimas, dignas de figurar nos armários de um estúdio cinematográfico. Outros armários menores contêm frascos e boiões de cremes para todos os fins. Para seu maior confôrto, não lhe falta o ar refrigerado nem uma ótima geladeira. Sendo a entrada secreta, conhecida apenas por sua proprietária, o laboratório constitui, também, um refúgio seguro em caso de perigo. Peggy poderia viver ali por mais de um mês sem precisar sair à rua.

Quem a conhece já, deve lembrar-se de que até sua última aventura, "Detective em Férias", Peggy não dispunha de escritório, trabalhando sempre em seu apartamento. Agora, entretanto, a nossa jovem heroína resolveu alugar uma sala mobilada, onde admitiu como secretária uma antiga colega de curso, Nora. Era confortador ter alguém para abrir-lhe a correspondência, responder cartas e anotar telefonemas. Nessa manhã, Nora telefonara-lhe cedo para o apartamento, avisando-a de que não poderia ir ao escritório no primeiro horário, porque sua mãe passara mal à noite. Abandonando sua confortável cama, a detective foi em pessoa atender às necessidades de sua profissão.

Situada no quinto andar de um edifício de escritórios, a moça perdeu alguns minutos na fila dos elevadores antes de chegar à sua sala. Não se tinha ainda desfeito do casaco e do chapéu, quando o correio lhe entregou a correspondência. Sentando-se à secretária, descalçou os sapatos saltos Luiz XV a que não estava muito habituada, desde que costumava trabalhar de calças e "slaks", acompanhada dos indefectíveis sapatos sem saltos. Abria as cartas calmamente, quando a porta movediça de seu escritório foi aberta violentamente e entrando como um furacão, um rapaz atirou-se para dentro, jogou o chapéu sôbre uma cadeira e segurando Peggy pelos ombros colou os lábios ao dela. Nesse momento a porta voltou a abrir-se silenciosamente e a cabeça de um policial passou pela abertura, olhando furtivamente o interior. Diante da cena que se lhe apresentou, o homem sorriu e fechou a porta com o cuidado anterior e os seus passos ecoaram pelo corredor até perder-se de todo, ao longe.

— Quer explicar o que acaba de acontecer? — pediu a detective calmamente.

— Quase êle me pega — falou o rapaz com um suspiro de alívio. — Você não imagina que susto tremendo, que se poderia ter transformado em cadeira elétrica para mim.

— Vai ou não vai esclarecer êsse assunto? Afinal, deve-me pelo menos a explicação do beijo. Isso jamais aconteceu antes.

O rapaz respirou novamente e acrescentou:

— Eu explico. Imagine que tenho um amigo médico que tem um consultório neste andar. Certo de encontrá-lo já, mesmo cedo, resolvi fazer-lhe uma visita. Toquei a campainha e ninguém atendeu, embora houvesse luz no interior. Empurrei a porta e ela cedeu. Entrei e... apenas encontrei o meu amigo... morto, com um tiro na testa.

— Mas, isto não explica por que invadiu o meu escritório e... beijou-me assim... [illegible]

— Resolvi sair para avisar a polícia, mas no momento em que saía, um policial aproximava-se da porta e quando eu saí êle entrou no consultório. Apressei o passo porque sabia que êle viria em meu encalço e eu não queria complicações. Felizmente, êle não me viu entrar aqui, mas, mesmo assim, resolveu espiar. Creio que espiou em todos os escritórios.

— E, agora, como vai sair daqui?

— Tenho que esperar algum tempo para sair.

— Diga-me qual o número do consultório de seu amigo. Vou dar uma espiadela.

A jovem entrou na sala de espera e passou a examinar as poltronas, e a mesinha do cinzeiro. Tirando um lenço do bôlso do costume Peggy apanhou uma ponta de cigarro e guardou-a dentro do lenço. Seguiu depois para o consultório. Uma mesa para exame, uma escrivaninha e duas cadeiras. Sôbre a escrivaninha estavam o tinteiro, uma caneta, um lápis e o bloco de papel para as receitas. A jovem arrancou as dez primeiras fôlhas do bloco e guardou-as no bôlso. Só então passou a examinar o morto. Tratava-se de um homem com cêrca de quarenta anos, muito simpático e as feições finas estavam contraídas pela surprêsa da morte. O corpo estava estendido ao longo da mesa de exame e pela posição em que se encontrava, Peggy imaginou que o tiro havia sido dado da porta e o médico havia caído de bruços e depois virado para cima. Embora tivesse trabalhado com rapidez, a moça temia ser encontrada ali e essa idéia não a agradava. Voltou, pois, para o corredor e deu a volta para descer em sentido contrário para o seu escritório. Não tinha ainda alcançado a sua porta quando o tenente Cummings, seu velho conhecido e com quem já havia trabalhado em vários casos, saiu do elevador acompanhado do legista.

— Miss Stone! — disse êle com seu sorriso malicioso. — Eu não disse mais de uma vez que onde você está aí aparece um crime?

— Que me está dizendo, tenente? — fêz Peggy inocentemente. — Onde foi que houve crime? Cheguei há pouco ao escritório porque minha secretária não vem hoje.

— Quer dizer que não sabe de nada, heim? Não sabe que um médico foi assassinado e que êste guarda aqui ao lado encontrou o assassino quando saía de lá?

— Tem certeza de que foi o assassino? Se o tenente não se opuser eu irei com vocês até lá.

— Se eu não me opuser! Como me opor logo com quem já me ajudou em tantos casos difíceis. Venha, Miss Stone.

A jovem os acompanhou. O tenente passou a examinar tudo quanto Peggy já examinara e quando encontraram o cadáver o legista tomou-lhe o pulso.

— Êste homem morreu há muitas horas. Possivelmente passou a noite tôda aqui estendido. A causa mórtis está clara: perfuração do cérebro por bala de calibre possìvelmente 38.

O tenente acompanhou os peritos no restante dos exames. Chapas foram batidas de todo o escritório e do morto em todos os ângulos.

— O que me diz dêsse caso, Miss Stone? — perguntou o tenente.

— Ainda não sei. Permite que eu faça uma pesquisazinha a meu modo?

— Pois não! Você tem carta branca.

Deixando o consultório do assassinado, a jovem voltou ao seu escritório e não encontrou mais o rapaz. Um bilhete sôbre a mesa esclarecia a sua ausência: "Tentarei descobrir o assassino do meu amigo. Muito obrigado, Mike". Peggy não conteve um gesto de desagrado. Esperava colhêr algumas informações com o sujeito e êle desaparecia. A jovem fechou o escritório e desceu. Na portaria, perguntou pelo ascensorista da tarde anterior e foi informada de que êle só entraria de serviço depois das 16 horas. Peggy retirou seu carro da área destinada a abrigar os carros dos que trabalhavam no edifício e rodou em direção de sua casa de campo. Deixou o carro na garagem e dirigiu-se para os fundos da mesma. Calcou um botão imperceptível na parede e uma tábua larga afastou-se dando-lhe passagem. Descendo alguns degraus, Peggy chegou a uma parede lisa. Novo botão foi calcado e como por encanto a parede abriu-se ao meio e a moça entrou no laboratório, fazendo a laje voltar à posição primitiva. Tirando sua querida calça e seu "slak" do armário embutido, a jovem vestiu-os e calçou seus macios e confortáveis sapatos sem salto, sentindo-se, só então, perfeitamente à vontade. Tirou o lenço e abriu-o sôbre a mesa. Poderosa lente foi colocada sôbre a ponta do cigarro manchada de baton. Com uma lâmina finíssima, Peggy retirou minúscula parcela do baton e colocou diante do microscópio. Aquêle átomo poderia resolver o intrincado mistério. Apanhando seu mostruário de batons, Peggy retirou um pouco de cada que passou a comparar com o do cigarro. Depois de minucioso exame, a moça separou o baton correspondente ao da amostra e Peggy ficava sabendo qual a marca, o fabricante e a côr. Depois passou às fôlhas do bloco. Apanhando pó de mina de lápis, a detective derramou sôbre o papel e peneirou um pouco, deramando o excedente. Com a lente examinou as palavras que o carvão do lápis tornara legível. "Para Patricia Boc..." e vinha a seguir uma receita. Usando o mesmo processo, Peggy conseguiu saber quais as três últimas pessoas que foram atendidas pelo médico. "George Stan" e "Daise Kraner", além de Patricia. Duas mulheres e um homem.

Sentindo a necessidade de saber mais alguma coisa, Peggy teve a idéia de examinar o cigarro. Colocou o fumo na lâmina de vidro e examinou-o detidamente. Separando um pouco fêz algumas experiências com alguns ácidos e chegou à conclusão de que se tratava de uma mistura especial e só quatro casas especializadas vendiam tais cigarros. Peggy sabia que devia agir com muita cautela e assim sendo, pôs mãos à obra e, uma hora depois uma humilde mulher do povo deixava o laboratório. Rodando para a cidade, Peggy consertou um plano de ação. O diabo era que ela não sabia como descobrir o tal Miky e como única saída a jovem fêz publicar um anúncio em cada um dos maiores jornais da cidade. "Miky, volte ao escritório que o salvou". Parando o carro na esquina do edifício onde morava, Peggy ligou para o garagista pedindo-lhe que fizesse recolher o seu carro. As chaves estavam sob a almofada do assento. A jovem sabia que o garagista era de confian-

(Cont. na pág. 41)



NOVELA DE LYSA CASTRO





CABELOS CURTOS — O corte dos cabelos continua usando-se curto, embora digam que a tendência é para que voltem os cabelos compridos. Principalmente agora, durante o verão, usam-se os cabelos curtos, por serem práticos e evitarem o calor no pescoço. [illegible] mai (Warner) e Andrey Totter (Paramount), apresentam vários penteados para cabelos cur tos, podendo ser usados em diversas ocasiões.

NUMA TARDE ASSIM

— Como a vida é maravilhosa!

E' impossível ser pessimista numa tarde assim, azul e luminosa, como uma imensa bola de vidro suspensa no céu.



Ainda agora, estava olhando a tarde e pensava na alegria da vida, no encanto inefável da existência, tão simples e tão bela, e que algumas pessoas tristes e mal-humoradas tentam inùtilmente estragar... Estava pensando nisto e pensando em ti, recordando a tua voz de fonte, lembrando-me de tuas mãos e de teus olhos, — sentindo tuas mãos e olhando os teus olhos, como em tantas outras tardes que vivemos, que imortalizamos juntos, ouvindo as cigarras zinindo seus ziii-ziii-ziii na sombra macia e silenciosa da alamêda, onde a tarde parece se deter mais um pouco, entre as árvores, nas tuas mãos, nos teus olhos, no silêncio...

— Como a vida é maravilhosa!

Repito a exclamação, sorvendo o ar fino e leve da tarde, sorvendo o perfume verde e excitante da tarde que recorda o teu perfume... A tarde é tôda uma imagem tua, meu amor... E até o vento, que vem do mar próximo, é uma lembrança dos teus cabelos soltos à brisa da tarde, nas nossas longas tardes azuis e luminosas... — LYSE.









Modelos Duas-Peças

OS trajes de duas peças são usados em tôdas as horas, não só os «tailleurs» como saias e blusas, vestidos e boleros, etc. Aqui vão algumas sugestões. Vestido de alças em fazenda de «pois». Casaco franzido, de mangas japonêsas, em fazenda escura. «Tailleur» com casaco sem gola, mais comprido atrás que na frente. Mangas três quartos franzidas, com aplicações de bordado inglês. Costume de linho. Casaco solto de mangas três quartos, com quatro bolsos. Saia justa com 2 bolsos em cima e mais dois na altura dos joelhos. «Tailleur» para noite em sêda pesada. O casaco tem as costas bordadas de pérolas e pedras de diversas côres. Finalmente, dois modelos interessantes para a tarde.











Modelos Jacques Fath

JACQUES FATH, um dos mais famosos costureiros de Paris é o criador dêstes modelos para diversas horas, todos êles simples, mas de muita elegância. Saia de tafetá com bastante roda e corpo de cetim, com babados de renda. Vestido para manhã em sêda quadriculada. Corpo sem mangas e sem gola, com decote em V. Saia com pregas soltas na frente e bolso lateral. Modêlo para tarde em sêda estampada. Saia franzida e corpo de mangas japonêsas, enfeitado com fazenda escura. Elegante vestido em renda. Corpo comprido com grande decote redondo e saia preguecada, com bastante roda.



ESTÁ À VENDA

O Album de "A CENA"

CINEMA-RÁDIO-TEATRO E MÚSICA

À Venda em tôdas as Bancas de Jornais

O ÁLBUM CONTÉM:

— Muitas fotografias coloridas e muitas outras numa só côr, porém tôdas em tamanho grande.
— Fichário completo dos artistas, biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.
— Artigos especiais escritos por Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alberto Conrado e Leon Eliachar.

PREÇO: Cr$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana

R. VISCONDE DE MARANGUAPE, 15

RIO DE JANEIRO



BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Secção Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.





MANJAR DELICIOSO

Sumo de 10 laranjas, maizena. Mede-se a quantidade do sumo das laranjas, acrescentando-se para cada xícara de caldo uma colher de maizena, adoçando-se à vontade. Despeja-se a maizena em um pouco de água, para desmanchá-la e mistura-se com o caldo de laranja. Deixa-se ferver até cozinhar bem. Despeja-se depois em uma fôrma apropriada ou numa tijela e deixa-se esfriar bem. Desmolda-se da fôrma, despejando-se em redor môlho de vinho, que se faz da seguinte maneira: prepara-se uma calda com 2 xícaras de açúcar,



deixa-se engrossar; acrescenta-se um cálice de vinho Imperial, Clarete ou qualquer outro.

FIGOS CRISTALIZADOS

Faz-se êsse doce com figo ainda verde. Depois de descascá-los, deixam-se de môlho uma tarde inteira, mudando a água duas ou três vêzes. Faz-se a calda com 1 e meio quilo de açúcar para cada quilo de figo. Deixa-se a fruta na calda e procede-se como com as passas. Retiram-se do fogo, deixando-se uns 3 dias na calda,, para ficarem bem passados. Levam-se novamente a secar ao sol. Sem passar nó açúcar cristalizado, os figos ficam mais gostosos, embora menos bonitos.

BACALHAU À MILANESA

Lava-se bem o bacalhau, que se deixa de môlho, desde a véspera, tendo-se o cuidado de mudar diversas vêzes a água. No dia seguinte, dá-se-lhe uma pequena fervura e separam-se os pedaços, de modo que não fiquem muito pequenos. Passam-se no ôvo e em farinha de biscoito. Fritam-se no azeite. Servem-se com rodelas de limão e môlho de peixe, com muita cebola, tomate e pimentão.

ARROZ RICO

Leve gordura ao fogo, quando estiver quente, cebolas em fatias; quando dourar, junte pedaços pequenos de carne; deixe tomar côr e junte tomates; quando se desmancharem adicione sal, pouca água. Deixe refogar até cozinhar a carne. Acrescente o arroz, pondo água suficiente. Vendo o arroz quase sêco, derrame sôbre êle duas colheres de sopa de manteiga e duas colheres de queijo parmezão ralado.

MORCELAS DE AROUCA

Faça uma calda grossa com 500 gramas de açúcar, misture 400 gr de amêndoas passadas na máquina e junte 250 gr de toucinho fresco, passado na máquina o mais fino possível, junte 6 a 8 gemas desmanchadas e deixe engrossar, mexendo, em fogo brando até ver o fundo da panela. Vai-se retirando às colheradas e enchendo tripa sêca, amarrando de 15 em 15 centímetros.

FRANGO AMERICANO

Cortar em pedaços um frango novo, temperar com sal e pimenta, passar no ôvo e na farinha de rôsca, colocar em um tabuleiro em cima de cada pedaço uma fatia fina de bacon, molhar no leite, tapar o tabuleiro, levar ao forno. Quando o frango estiver cozido, retirar a tampa do tabuleiro, deixar alguns instantes.

ANGU PAULISTA

Coloque numa frigideira 2 colheres de sopa de gordura. Frite 1/2 cebola batidinha, 3 rodelinhas finas de um dente de alho, uma colher de sopa de salsa batidinha e deixe refogar. Acrescente fubá mimoso e leite até fazer um angu. Sal suficiente. Colocar o angu no centro da travessa e à volta o seguinte cozido: pedaços de carne e linguiça, 2 batatas, chuchu, um pedaço pequeno de abóbora madura, 2 pedaços de espiga de milho verde, um pedaço de mandioca, um de batata doce e 1 de cenoura. Servir, à parte, na molheira o seguinte môlho: gordura, cebola, 4 ou 5 tomates, sal, água e 2 colheres de sopa de sumo de limão. Êsse môlho deve ser preparado no fogo, como refogado.

PETITS SOUFFLES DE SALMÃO

Tome 1 lata de salmão; esmigalhe com o garfo e passe pela peneira. Faça um creme espêsso com 3 xícaras de leite, 2 colheres de fécula de batata, 1/2 colher de manteiga, sal e 6 gemas. Depois misture o salmão no creme e adicione 1 colher de queijo ralado e as 6 claras em neve. Leve a assar em 12 forminhas de porcelana untadas de manteiga e polvilhadas de queijo. Se não tiver forminhas de porcelana leve a assar em forminhas de papel. Pode substituir o salmão por galinha cozida, passada na máquina, e pode juntar 1 pitada de noz-moscada.

FRITADA DE MARISCO

Lave bem os mariscos e deite em água a ferver para que se abram. Retire das cascas e leve a cozinhar num bom refogado com bastante tomates. Depois de ensopados em pouco môlho e grosso, guarde. Bata uns 8 ovos, as claras em neve. Misture a metade aos mariscos e despeje numa frigideira com banha quente ou azeite. Deixe cozinhar ligeiramente, mexendo para não pegar, e depois derrame por cima o resto dos ovos. Vire a fritada para acabar de cozinhar, ou bote brasas numa tampa e cubra, ou leve ao forno. Despeje num prato grande redondo e ponha no centro um galho de agrião ou salsa. Pode fazer também com camarões ou peixe desfiado, em vez de mariscos.

RAVIÓLIS DE QUEIJO

A massa: deite numa vasilha 3 ovos, 1 colher de manteiga, 1 xí-

NA COZINHA

cara de leite, sal, e 3 colheres de queijo ralado. Misture bem e vá juntando farinha de trigo até formar uma massa branda. Abra com o rôlo, como para pastéis, e corte tôda em rodelinhas de uns 6 cm de diâmetro. Tome a metade das rodelas e deite-lhes no centro um pouco de queijo ralado misturado com ovos cozidos picadinhos umedecidos no leite morno. Cubra cada rodela com outra de reserva, ligeiramente umedecida para colar bem. Calque as bordas com os dedos. Leve a ferver em água e sal e jogue dentro os raviólis e logo que a massa fique cozida deite a escorrer numa peneira. Arrume num prato de ir ao forno, polvilhe com queijo ralado, regue com manteiga derretida e leve ao forno por um instante. Sirva simples.

TORRADAS COM MANTEIGA DE AMENDOIM

Corte tiras de pão-de-fôrma, do mesmo tamanho, leve a torrar na grelha ou no forno. Tome 1 xicara de amendoins torrados, bem socados e peneirados, amasse com manteiga e sal e passe uma grossa camada por cima de cada torrada.

PINHA DE AMOR

Tome 12 gemas, 1 colher de farinha de trigo e 500 gr de açúcar cristalizado em calda, misture as gemas com a farinha, sem deixar encaroçar, e com uma colher-de-café vá tirando aos bocadinhos dessa massa e deixando pingar na calda a ferver. Ficam como vírgulas. Depois de bem passadas, deixe escorrer na peneira, e arrume num prato em forma de pinha. Vá enchendo o meio com os pedacinhos que não ficaram perfeitos. Com um ferro ou um prego em brasa, toste as cabeças dos pingos. Se desejar um prato de belo efeito, faça a porção dobrada e pode ser de véspera. Feito com cuidado é um lindo doce.

CIVET DE LEBRE, COELHO OU VITELA

Leve ao fogo forte uma panela com 2 colheres-de-sopa de manteiga e 2 de açúcar. Junte umas 36 cebolinhas bem pequenas e descascadas e quando ficarem bem louras, retire para um prato. Na manteiga que ficou na panela, junte 2 colheres de farinha de trigo, toste um pouco e adicione a lebre, coelho ou dois quilos de vitela; parta como bifes bem grossos, acrescente 1 fôlha de louro, 4 cravos amarrados, 1 copo de água e um copo de vinho tinto. Leve tudo a cozinhar em fogo brando e quando estiver quase pronto junte as cebolinhas de um lado, tape a panela e deixe no fogo até as cebolas ficarem bem cozidas. Antes de servir retire o louro e os cravos.

Está pronto quando o môlho fica com aspecto de chocolate grosso e as carnes bem macias, se desmanchando. Se não tiver ficado assim junte mais vinho e água em partes iguais e deixe mais um pouco no fogo.

PATO COM MANTEIGA DE CÔCO

Tome 2 patos novos, limpe e prepare de véspera, deixando no tempêro. No dia seguinte, parta em 4 pedaços 8 maçãs descascadas e sem sementes e com elas recheie os patos. Leve a assar na panela com bastante manteiga de côco, até ficarem bem louros.

Parta o peito em 4 pedaços, destaque as coxas, e tire o resto da carne para intercalar. Arrume tudo ao comprido de um lado do prato e do outro as maçãs amassadas com 1 colher de açúcar.

CHAPÈUZINHOS

A massa dos chapèuzinhos é a mesma que se faz para o talharim. Estas massas para ficar verdadeiramente boas nunca devem levar água. Devem ser amassadas só com ovos. O recheio dos chapèuzinhos ficará muito mais saboroso se houver carne de porco assada, da véspera.

Passe a carne na máquina, junte uma pitada de noz-moscada ralada e outra de pó-de-rôsca. Torne a refogar essa mistura num pouco de banha quente.

Corte a massa com a bôca de uma xicara (das comuns) de café. Ponha em cada rodela de massa, uma colherinha dessa carne assim preparada e feche muito bem, apertando os bordos dos pastèizinhos, que serão depois enrolados no dedo para tomar a forma de um chapèuzinho. Cozinha-se com qualquer macarrão.

CASSULÉ

Cozinhar o feijão branco com pedaços de vitela e galinha. Deve-se usar o feijão branco miudinho do Maranhão. Acrescentar pedaços de carne de porco. Deixar cozinhar, e temperar de maneira comum: azeite, cebola e tomate. Servir individualmente em panela de barro, acompanhado de môlho-de-tomate.

BOBÓ DE INHAME

Descasque o inhame e cozinhe em água e sal. Calcule a quantidade de água, pois o inhame deve ser reduzido a creme nessa mesma água, que vai secando. Quando a água estiver bem reduzida, junte ½ quantidade de inhame em camarões secos descascados e bem moídos. Mexa bem e junte pimen-



ta e azeite-de-dendê e o sal necessários. A pimenta, na Bahia, não é amassada, é ralada em uma pedra áspera. Deixe secar até ficar com a consistência de um purê de batatas.

COMO DAR AO AZEITE COMUM O GÔSTO DE OLIVA

Junte, para 1 litro de azeite, duzentas e cinqüenta gramas de azeitonas furadas com um garfo de pau. Deixe em infusão e cubra de modo que o ar não penetre durante dez ou doze dias.

"Como é bom ser Kolynos-ista!"



Na fórmula científica de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das cáries. Provas científicas, realizadas por Universidades norte-americanas e europeias, provaram que Kolynos destroi até 92% das bacterias que formam os ácidos. A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Você sabe que em sua boca existem milhões de bacterias produzindo ácidos que atacam os dentes?... Esses ácidos causam cáries dolorosas!*



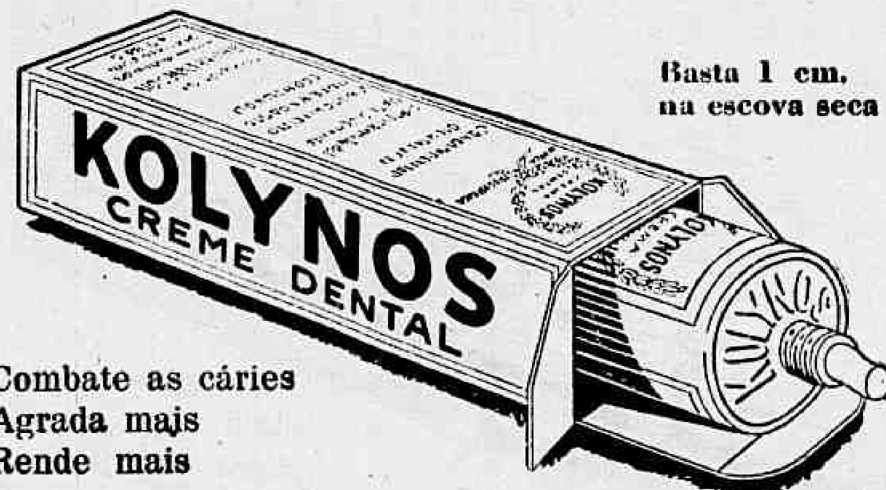
2. *Como acabar com essas bacterias?... Elas são dificeis de destruir... Mas felizmente, todos nós temos um grande amigo que protege os nossos dentes... e a nossa saúde.*



3. ***Sim, senhorita!... Kolynos! O Creme Dental Kolynos - de sabor tão gostoso - destroi essas bacterias que produzem os ácidos causadores das cáries.***



4. ***E, o que é mais, Kolynos clareia e faz os dentes brilhar como pérolas, embeleza o sorriso, refresca o hálito e torna todas as meninas mais bonitas!***



Basta 1 cm. na escova seca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

McCann

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-409-P

A SAÚDE DO BEBÊ

ALERGIA NA CRIANÇA

Dr. SABOIA RIBEIRO

NA infância, os fenômenos de natureza alérgica se mostram principalmente para o lado da pele e do aparelho digestivo, devidos em geral ao fator alimentar. Os fenômenos para o lado do aparelho digestivo atenuam-se, em regra, para a idade da adolescência, enquanto que o estado de predisposição da pele, ao contrário, mantém-se tal e qual em tôdas as idades.

As costumeiras manifestações alérgicas respiratórias, que tão a miúde encontram-se no adulto, sòmente costumam aparecer para a adolescência; e então só após os quarenta costumam fazer sua retirada.

Com êsse resumo, bem se vê que só há pensar em alergia, na criança de tenra idade,

1.º — Quando existem manifestações cutâneas.

2.º — Quando existem manifestações para o lado do aparelho gastro-entérico.

O coriza, a asma, nessa idade, raro reconhecem a origem alergênica — e o exame conduzido com segurança dá quase sempre com outras causas, e no comum as infecções do rinofaringe, agudas ou crônicas, quanto ao coriza; ou as bronquites mal tratadas; ou as adenopatias tráqueo-brônquicas, quanto à asma.

E', portanto, uma falsa asma, pois modernamente só recebe êsse nome — asma — a típica anomalia respiratória que reconhece na sua origem um *alergenio* introduzido por viar espiratória, por inalação, portanto.

Enquanto, na criança, os *resfriados* e as *angústias da respiração*, simulando a asma, nada têm a ver com a origem alérgica, no indivíduo adolescente, já é muitas vêzes a causa responsável; então, a obstrução nasal, com serosidade que não atinge a fase muco-purulenta; espirros, às vêzes ardor e congestão dos olhos e da garganta, são devidos ùnicamente à alergia, por inhação de alguma substância capaz de despertar os referidos fenômenos.

Como então se apresenta a alergia na criança nos primeiros anos?

Como já notamos, são manifestações cutâneas ou ligadas ao aparelho gastro-entérico.

Dentre as primeiras, a urticária é bastante freqüente e uma forma especial dela — o estrófulo.

A *urticária* se constitui de placas claras ou vermelhas, na maioria das vêzes pouco numerosas, mas podendo generalizar-se a tôda a pele, muito pruriginosas. Nos casos graves tornam-se hemorrágicas, persistindo com as transformações do pigmento, durante semanas e até meses, manchas de côr parda.

Sempre que se mostra a urticária em seguida a qualquer modificação alimentar, a causa alergênica deve ser, de logo, responsabilizada e como tal suprimida. E' um fato de freqüente observação dos pediatras que, nas mudanças de albuminas da alimentação, a erupção, sob a forma de urticária, constitui acidente banal.

Numa criança, a mudança para o regime rico de hidratos de carbono é de si muitas vêzes capaz de corrigir essas manifestações da urticária; ao passo que o leite ministrado puro é suficiente para conduzir a êles.

O *estrófulo* é òutra manifestação de origem alérgica, não fôsse uma especial da *urticária*. Comumente, aparece durante o segundo semestre, sob a forma de nódulos e papulas, disseminados ou em grupos, no tronco e nos membros, de coloração vermelho-pálido, tamanho da cabeça de um alfinête até o de uma lentilha. Não dá na face nem no couro cabeludo. Se a disposição constitucional da criança pode ser invocada em certos casos como o elemento responsável, não há dúvida que certos alimentos em outros casos, agem como o fator alergênico.

As manifestações alérgicas para o lado do aparelho gastro-entérico não oferecem nenhum quadro de tipicidade definida, estabelecendo-se a filiação alérgica, quer pela sua coincidência com a mesma causa alimentar desencadeadora dos fenômenos, quer pelos acidentes já descritos, desenvolvendo-se ao mesmo tempo.

Algumas formas de *catarro intestinal* devem-se atribuir à alergia, e máxime se corrigidas pela modificação dêsse ou daquele componente do alimento em uso. Isso ocorre, principalmente, quando succedem em forma de crises, ainda que se possam observar outras fatôres predisponentes como as simples mudanças de tempo.

Antes de se estabelecer o diagnóstico de alergia é preciso eliminar quantas causas possam ser responsabilizadas pelos fenômenos intestinais observados. De um modo geral, quando há febre, exclui-se a alergia; também nas infecções focais (dentes, amigdalas doentes, etc.).

Na criança, estabelecida a filiação dos distúrbios ou da pele ou do aparelho digestivo à alergia, impõe-se em primeiro lugar afastar o elemento entretenedor das crises; a isso se chega, naturalmente pelas modificações do regime alimentar.

E, como está admitido em ciência que é a liberação de histamina ou corpos análogos que faz as crises, a terapêutica chamada anti-histaminica é de prescrição quase obrigatória hoje, mormente na criança, com nitidas manifestações alérgicas.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

R. G. (Barbacena) — Para a idade não deve ser asma verdadeira. Leve seu filho ao médico de garganta e aos raios X.

F. S. (Nesta) — Se desconfia de nova gravidez é razoável pensar que o leite possa estar causando repugnância à criança. Isso, os médicos já têm observado. Como seu filhinho já passou dos três meses a alimentação artificial pode ser levada sem maiores apreensões, todavia, saiba escolher o leite.

E. R. (Nesta) — A dentição nada tem a ver com os fenômenos descritos em sua carta. A causa deve ser coisa muito diferente.

Nota — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir à **REVISTA DA SEMANA**, com menção desta seção, ou seja **"Saúde do Bebê", Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio.**

ALMANAQUE
1951
31.º ANO
Eu sei tudo

O LIVRO DAS MULTIDÕES

à venda

O "ALMANAQUE EU SEI TUDO", o livro das multidões, está á venda em tôda parte, no Distrito Federal e no interior. Preço: Cr. $20,00. Compre, antes que se esgote, o maravilhoso livro dos mil assuntos. Edição da Companhia Editora Americana - Rua V. de Maranguape, 15 - Rio.

A PISTA DO CIGARRO

(Cont. da pg. 34)

ça, mas, mesmo assim, ficou oculta nas imediações até vê-lo guiar para o edifício.

Não foi dificil a Peggy descobrir o endereço de Patricia Roe. Tratava-se de uma modista proprietária de uma loja de grande prestigio.

— Eu desejava falar com madame — disse a mulher modesta para a moça da loja.

— Suba por essa escada ao lado. Madame Patricia deve estar no escritório.

A mulher subiu. Numa sala espaçosa e ricamente mobilada estava um grupo de senhoras de tôdas as idades e tipos que discutiam modas. A mulher dirigiu-se à uma moça de avental branco e perguntou por Mme. Patricia. A moça mandou-a esperar e atravessando a sala bateu à porta que ficava ao fundo. À uma ordem a moça entrou, fechando a porta. Um minuto depois voltava e pedia à mulher que a acompanhasse. O escritório não era muito grande, porém, montado com muito gôsto. Patricia estava sentada diante de uma secretárja e no momento examinava alguns papéis. Erguendo a cabeça, a modista examinou com atenção a recém-chegada.

— Aproxime-se e conte logo o que deseja. Não disponho de muito tempo.

A mulher aproximou-se timidamente.

— Sente-se, faça favor — completou Patricia.

Nesta altura a moça já se havia retirado.

— Estou aqui por ordem do tenente Cummings, da seção de homicidio.

Embora atenta, a mulher não conseguiu descobrir na fisionomia de Patricia nada mais do que uma contração do sobrolho.

— O que deseja de mim êsse senhor?

— Apenas algumas informações sôbre o dr. Melky Reynold, assassinado na tarde de ontem, ou melhor, quase à noitinha.

— Realmente, o dr. Reynold era meu médico, mas não o procura há muito tempo.

— Por êste caminho a senhora irá com muito perigo. Será melhor que conte tôda a verdade... se é que nada tem a temer.

— Não sei por que duvida de minhas palavras. Tem alguma razão para isso?

— E sólida. A senhora foi a última pessoa a quem o dr. Reynold receitou ontem.

— Como descobriram?

— Isso não importa. Conte-me tudo que sabe a respeito do médico.

— Muito bem: Sou... isto é, fui cliente de Reynold durante os últimos cinco anos. Sei que êle era casado mas não vivia feliz com a espôsa. Quase sempre recebia a visita de uma jovem com quem mantinha longa palestra. Sempre desconfiei da atenção exagerada que êle prestava-lhe e quando atendia a um telefonema seu não sabia como tratá-la. Às vêzes, sua espôsa aparecia por lá, mas apenas para discutir com êle. Havia um certo rapaz que muito o visitava. Chamava-se Miky. Não sei por que, mas às vêzes eu tinha a impressão de que êsse Miky estava sempre a procurar alguma coisa.

— Como se chama a espôsa e essa moça de que falou agora?

— A espôsa chama-se Joan e a moça é Martha.

— Sabe por acaso onde mora essa moça?

— Não tenho certeza, mas parece-me que é no hotel Harvey, só não sei qual é o apartamento.

A mulher anotou o que interessava, agradeceu e saiu. Na rua apanhou um táxi e deu o endereço do Hotel Harvey.

— Quer ter a bondade de dar-me o apartamento de Miss Martha?

— Martha de quê? — perguntou o rapaz da portaria.

— Não estou certa do sobrenome. Procure o nome Martha, talvez haja um só.

— Perdão, minha senhora, mas não podemos atender assim.

A mulher abriu a bôlsa e mostrou um distintivo. Logo o porteiro satisfez-lhe o pedido e deu-lhe o número 808.

— Preciso avisá-la, minha senhora. Espere um pouco.

O homem ligou para o apartamento e esperou alguns momentos.

— Parece que não há ninguém. Mas, não é possivel. Estou certo de que ela entrou.

— Alguém procurou-a antes?

— Ninguém. Se recebeu visita foi de alguém já conhecido.

— Sugiro que o senhor acompanhe-me até lá.

Em um minuto tocavam a campainha do 808. Ninguém atendeu e o porteiro virou a maçaneta, que cedeu prontamente. Êle entrou e a mulher vinha logo atrás. A sala estava deserta e tudo em ordem. Passaram para o quarto e o homem estacou quando chegou à porta: Deitada sôbre a cama, vestindo um "negligé" por sôbre um pijama de sêda, a cabeleira revôlta, quase tocava o chão. O corpo estava atravessado e a cabeça pendia inteiramente, mostrando o alvo pescoço onde fôra enrolada uma meia. Os olhos esbogalhados, bem atestavam o pavor que se apoderara da vítima no momento supremo.

— Não toque em nada — pediu a mulher e aproximou-se da mesa do telefone. O homem passou para a sala e neste momento o surdo ruido de uma pancada e o baque sêco do corpo que caia. A mulher largou o fone e correu. A porta acabava de se fechar e o porteiro jazia caido perto de uma cadeira. A mulher abriu a porta, mas sabia que seria inútil perseguir o assassino. Voltou ao telefone e completou a conversa:

— Era o assassino; tenente. Êle ainda estava aqui. Abateu o porteiro do hotel e fugiu. Infelizmente, não me foi possivel segui-lo. Não se demore.

Foi minuciosa a busca que Peggy Stone, a mulher modesta, deu no pequeno apartamento de Martha. No cinzeiro encontrou uma ponta de cigarro, agora sem baton, mas o cheiro era do mesmo que examinara pela manhã em seu laboratório.

Em poucos minutos, o tenente chegou ao apartamento e não conteve a surprêsa ao encontrar uma desconhecida.

— Quem é a senhora? — perguntou. — Onde está Miss Stone?

Uma gargalhada argentina foi a resposta e o tenente ficou desconsertado.

Meia-hora mais tarde, Peggy Stone, agora em sua identidade, procurava o porteiro do edificio de escritórios a quem interrogou.

— Você trabalhava ontem a essa hora, não é mesmo?

— Sim, Miss Stone. Por quê?

— Recorda-se de tôdas as pessoas que deixou no quinto andar a partir das cinco horas? Pense bem.

— Deixe-me ver... Deixei um senhor baixo e gordo... uma senhora com uma criança... uma moça alta e elegante... uma jovem...

— Só? Reflita bem. Não deixou mais ninguém? Pense um pouco.

— Não; para o quinto andar, não. Espere ai — disse como se lembrasse algo. — Ah, não. Êsse pediu cinco e depois corrigiu: queria o seis. Era um rapaz ainda moço.

— Muito obrigada — disse a moça saindo no seu andar.

Nora ficou contente quando a viu.

Epoca

Uma estrada de rosas... sempre desejada...

...mas que todos podem percorrer, experimentando a sensacional e nova coleção Phebo:
pó de arroz, talco e sabonete, em originais embalagens de madeira, próprias também para presente.
Eleja o perfume Rosa de Phebo como seu favorito e passe a sua vida *sobre uma estrada de rosas.*

★ *Nova embalagem do pó de arroz PHEBO, em côres sortidas. Um lindo presente.*

Criações
PHEBO
PARÁ
PERFUMARIAS PHEBO

"As crianças são as vítimas!..."

... porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Nêste caso, friccione logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensivo.

Contra qualquer espécie de piolhos – use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

Beleza fácil
Em sua casa
LIMPEZA DA PELE
1.º Pasta de Amêndoas
2.º Água de Limpeza
3.º Creme de Massagem
RAINHA DA HUNGRIA
Alice Campos
Assembléia, 115, 1.º - Rio
Em nossos salões
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 83 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

— Finalmente, Miss Stone. Pensei que lhe tivesse acontecido alguma coisa. Telefonei para o seu apartamento e ninguém atendeu.

— Estive lá apenas há dez minutos ou pouco mais. Tem alguma novidade? Alguém chamado Miky telefonou?

— Não. Só o tenente Cummings procurou-a.

Peggy não tinha nada mais a fazer ali. Recomendou a Nora que ficasse até a hora normal e saiu. Queria fazer uma outra visita. Folheou o catálogo telefônico de uma farmácia e fèz uma ligação. Deixando a farmácia, guiou até a residência do médico assassinado.

— Mrs. Joan Reynold?

— Exatamente, Miss Stone. Estava à sua espera. Pode perguntar o que quiser.

Mrs. Reynold era uma mulher ainda moça, alta e magra, sem qualquer traço de beleza. As amarguras sofridas estavam estampadas no seu rosto macilento.

— Conte-me tudo quanto sabia sôbre seu marido.

— Melky sempre foi um folgazão. Conquistava a maioria de suas clientes. Eu já estava habituada com suas infidelidades. Ùltimamente, andava caido de amôres por uma jovem da sociedade. Não dei importância porque estava certa de que êle acabaria voltando para mim.

— Sabe de alguém que achasse ruim essa amizade? Alguém que tivesse qualquer coisa com a jovem.

— Não sei. Ela parecia ser moça livre. Teve pneumonia e Reynold foi chamado para vê-la. Ai começou a amizade dêles.

— Sabe quem o chamou?

— Foi um homem que se dizia amigo de Martha.

A jovem agradeceu à senhora Reynold e retirou-se. Uma pequena luz brilhava agora nas trevas do misterioso caso. Havia um homem, possivelmente o assassino e Peggy Stone arquitetava um plano.

Dirigiu-se para a chefatura e pediu para ver o fichário. Queria olhar a cara dos últimos delinqüentes. Durante quase meia hora ficou a examinar as fisionomias nos retratos do arquivo. Finalmente, achou aquela que devia ser quem ela procurava e logo um clarão se fêz em seu cérebro. Apanhou seu carro e rodou a tôda velocidade para sua residência no campo. Deu um telefonema do caminho para seu escritório e pediu à secretária que fôsse encontrá-la ali, levando tôdas as pontas de cigarro que encontrasse no escritório.

Uma chuva miúda começava a cair, bem como a noite que ameaçava ser bastante escura. A luz dos faróis varriam a estrada agora molhada e Peggy Stone segurando a direção com mão firme, fazia as curvas fechadas derrapando por vêzes na estrada escorregadia. Sua testa contraida bem demonstrava a preocupação que lhe ia no espirito. Finalmente, chegou a casa. Deixou o carro na garagem e desceu ao laboratório. Foi diretamente ao armário e apanhou um traje especial. Calças curtas, sapatos de garôto, camisa esporte e boné. A maquilagem apropriada deu-lhe a aparência desejada, a de um garôto grã-fino. Momentos depois chegou Norma com os cigaros pedidos.

— Aqui estão as pontas.

— Quais foram as que você fumou?

Nora separou as pontas dos cigarros que fumou e restou apenas uma ponta. Peggy examinou o fumo e verificou que fôra da mesma marca das duas outras pontas examinadas. Já não havia dúvida. Sua teoria estava certa.

— Acho melhor você ficar aqui, Nora. Use o telefone e avise em casa que não voltará hoje.

— Por que não me deixa ir com você? Ficarei em uma rua que me ofereça condução direta para casa.

— Nesse caso podemos ir.

— Você está perfeita nessa caracterização. Ninguém dirá que é Peggy Stone.

— Dessa metamorfose depende, talvez, a minha vida. Vou apanhar um assassino.

— Trabalho perigoso, hein? Não quer uma auxiliar?

— Não será preciso, Nora. Eu não tenho familia.

Deixando a jovem secretária no local solicitado, Peggy seguiu até uma bomba de gasolina. Mandou encher o tanque e pediu para falar ao telefone.

Fêz cêrca de dez telefonemas, pagou a despesa e saiu.

No edificio onde morava tudo era tranquilo. Quase todos os inquilinos já se haviam recolhido no pavimento onde morava Peggy. Cuidadosamente a jovem abriu a porta. Nada aconteceu. Com um gesto a sala ficou inundada de luz. Peggy sentiu-se decepcionada. Será que sua teoria fôra frustrada? Encaminhou-se para o quarto e ali também nada havia. Uma busca minuciosa fê-la saber que não havia ninguém no apartamento. Sem trocar de roupa a jovem deitou-se, adormecendo quase em seguida, tal o cansaço que sentia.

Só quando um raio de sol entrando pela janela veio brincar nos seus cabelos é que a jovem despertou. Olhou o relógio: oito e trinta. Àquela hora, seus anúncios já deviam ter sido lidos pelo criminoso e Peggy surpreendia-se com a demora do seu ataque.

Apanhando o telefone, Peggy ligou para o escritório e deu certas ordens a Nora, para as quais pediu urgência. Em seguida foi para a cozinha preparar a primeira refeição.

Quando a campainha soou, Peggy teve um estremecimento, mas armou-se de coragem e foi abrir a porta. Um homem que lhe devia parecer desconhecido estava diante dela, com a mão no bôlso e o olhar ameaçador.

— Dê-me passagem, garôto. Preciso falar com Miss Stone.

— Ela não estái foi fazer compras. Entre e espere.

Empurrando o "garôto" para um lado o homem entrou.

— E' coisa muito importante? — perguntou o "garôto" "ingênuamente".

— O que é que você tem com isso?

— Nada não. E' que Peggy me falou que estava à espera de um assassino e que eu tivesse cuidado com êle. Mas não é o senhor, não?

— E se fôsse?

— Ah, não diga! — o "garôto" sentou-se diante do homem. — Conte-me como foi. Eu queria tanto conhecer um bandido de verdade. Então foi o senhor que matou aquêle médico que lhe estava roubando a namorada e depois matou a namorada porque descobriu o seu crime?

O homem deu um pulo da cadeira e agarrou o "gatinho" que se estivera divertindo à sua custa.

— Como sabes disso, garôto infernal? Tua irmã ou o que seja te contou isso?

— Ai.. não torça o meu braço, seu estúpido.

— Estúpido, eh? Pois vais morrer para que não repitas esta história a ninguém.

O homem sacou um punhal e avançou sôbre Peggy. A moça deu-lhe uma cabeçada no ventre e a cabeleira do garôto caiu, descobrindo-lhe os lindos cabelos côr-de-cobre.

O homem recuou para avançar em seguida, mas um golpe de "jiu-jitsu" desarmou-lhe a mão, enquanto a jovem o atirava de cabeça para baixo. Endireitando-se ràpidamente, o homem sacou um revólver e o apontou para a jovem. A bala foi disparada, mas perdeu-se no teto, porque nesse instante exato o tenente quebrara-lhe a mão com um tiro.

— Foi uma sorte que sua secretária tivesse telefonado para minha casa logo após o seu aviso, Miss Stone — o tenente respirou com dificuldade. — Com mil diabos! Por que procura atrair o assasino logo para sua casa?

— Sabia que era mais seguro. Veja o anúncio com que o "pesquei": "Miky, volte ao escritório que o salvou". Êste anúncio saiu nos jornais da tarde de ontem, mas êle não apareceu. Desconfiei e fiz publicar êste. "Miky, descobri o assassino, não adiantará fugir". Previ que êle não iria ao escritório porque daria muito na vista, portanto, só me restava aguardá-lo aqui, certa de que êle descobriria meu endereço. Êsse disfarce foi para ganhar tempo, pois não sabia se o tenente levaria muito tempo a ser encontrado.

Dirigindo-se ao assassino: — Agora fale, rato imundo. Por que matou Reynold e Martha?

— Você nada poderá provar. Contei-lhe como descobrira o cadáver...

— Mas escondeu que estivera lá na véspera, ou seja, quando o crime foi praticado. Sabe como descobri? Pelo cigarro que você fuma. Você estêve lá em companhia de Martha. Ela fumou um dos seus cigarros e deixou a bagana no cinzenro. Foi a primeira pista. Infelizmente, quando descobri Martha já era tarde demais, você a matou, mas não teve tempo de fugir e para o conseguir acertou o porteiro.

— Então era você aquela mulher... Ah, se eu soubesse...

— Prevendo alguma coisa assim é que gosto de trocar de identidade. Mas vou continuar. Naturalmente, você discutiu com o médico e saiu. Martha deve ter saido depois. Mais tarde você voltou, pediu o quinto andar ao acensorista e depois resolveu fingir engano e pediu o sexto. Desceu pela escada, esperou que a última cliente, Mme. Patricia deixasse o consultório, entrou e matou o médico, atirando da porta. Seu revólver devia estar munido de silenciador, para que ninguém ouvisse o tiro. Ontem pela manhã você veio, tal como o criminoso que volta sempre ao local do crime, com o objetivo apenas de ver se já haviam descoberto o corpo e assim você ficaria fora de suspeita. Para seu azar, ninguém havia descoberto o crime e o policial o viu sair. Entrou então no meu escritório e representou a cena que o salvaria, fugindo depois sem me deixar o enderêço. Presumo que você foi em seguida ao apartamento de Martha, discutiu com ela que o acusou do crime e você louco de ódio e ciúme matou-a com a própria meia. Seu olhar de pavor bem dizia do seu assombro. Ai tem tudo como presumo tem acontecido. Negue, se tem coragem.

E' inútil dizer que Miky, ou melhor Michael Simpson, não teve outro recurso senão contar a verdade. Peggy acrescentou que encontrara seu retrato no arquivo da policia, do tempo em que fôra detido como desordeiro. Isto também ajudara sua dedução, embora a pista definitiva tivesse sido o cigarro fumado por êle no apartamento de Martha, no consultório do médico e no escritório de Peggy.

A TRADICIONAL FESTA...

(Cont. da pág. 5)

do-lhe oferendas em retribuição pelos beneficios recebidos.

Morrendo Plácido, coube a um seu vizinho e amigo, Antônio Agostinho, outro homem humilde, continuar a piedosa devoção, que já se tornara popular.

Por iniciativa sua e à custa de esmolas, ergueu-se uma ermida modesta, com um altar de pedra, onde foi colocada a imagem, obra que se concluiu em 1774. Era tôda de palha.

Permitiu o governador que em volta da capelinha se abatesse o mato, formando-se uma pequena praça, com frente para a estrada do Utinga.

Em 1790 assumiu as funções de governador e capitão-general do Estado o capitão-de-fragata Francisco de Sousa Coutinho, o qual, informado do que se dizia sôbre as virtudes da Santa, resolveu ir pessoalmente visitar a ermida, deliberando, a 3 de junho de 1793, que, a partir de 8 de setembro dêsse ano, se realizassem anualmente uma grande feira de produtos regionais.

Deveriam a ela concorrer todos os agricultores, inclusive os indios, providenciando o governador junto aos diretores de vilas e povoações do interior para que "em fins de agôsto de cada ano, se achassem em Belém tôdas as canoas que tivessem subido ao comércio do sertão; e que os diretores providenciassem de modo a ser facultado a oito ou dez individuos, de um e outro sexo, nas povoações grandes, e quatro a seis, nas pequenas, o embarque para a capital, a fim de virem à Feira de Nazaré vender os seus produtos e os de outros que lhes dessem a incumbência de vendê-los". Para alojar essa gente, durante sua estada na cidade, e lhes proporcionar local para a guarda e venda dos seus gêneros, seriam construidas barracas apropriadas.

Constava das recomendações que só fôsse permitida a vinda das indias acompanhadas de seus pais, sendo solteira, e dos maridos, quando casadas, medida certamente cautelosa...

Tudo disposto e previsto, realizou-se a primeira romaria, que havia de ser repetida até os nossos dias.

Na véspera, isto é, a 7 de setembro de 1793, foi a imagem processionalmente transportada da ermida para o palácio do govêrno, de onde, na tarde seguinte, saiu a imponente romaria.

À frente, tôda a tropa da cidade, os esquadrões de cavalaria à vanguarda, seguidos dos batalhões de infantaria e dos de artilharia. Uma fila de seges palanques (os veiculos de luxo da época), con-

duzindo senhoras ricamente trajadas, era ladeada por duas alas de cavaleiros vistosamente engalanados, precedendo uma carruagem onde seguia o bispo, que levava ao colo a imagem da Santa. Êsse carro era cercado pela massa popular, fechando o préstito o governador, ladeado por suas casas civil e militar, e demais autoridades civis, todos a cavalo.

Foi com êsse aparato que se verificou o primeiro cirio de Nazaré. Nos anos seguintes, crescendo o entusiasmo popular e espalhada por tôda parte a noticia da magnifica romaria, foi esta crescendo de imponência. Acrescentou-se-lhe um carro destinado a receber as promessas — o "carro dos milagres" — simbolizando o episódio de que foi protagonista o nobre português D. Fuas Roupinho; adicionaram-se-lhe anjos montados a cavalo; a representação do milagre do brigue "S. João Batista" e tantas outras.

O brigue lusitano saira de Belém para Lisboa a 11 de julho de 1846, conduzindo 28 pessoas, entre passageiros e tripulantes. No terceiro dia de viagem, em consequência de um tufão, que desarvorou o navio, êste sossobrou. Apenas doze náufragos conseguiram salvar-se em um escaler, no qual, à mercê das ondas, foram dar à costa na Guiana Francesa, após 14 dias de lutas, de fome e sêde.

De lá foram transportados para o Ceará, de onde conseguiram volver a Belém, trazendo o bote, que haviam, nas suas horas de aflição, prometido oferecer a N. S. de Nazaré, se se salvassem.

Sòmente a 14 de outubro de 1855, isto é, nove anos depois, foi o bote incorporado à procissão, carregado aos ombros de marinheiros. Essa mesma cena se verificou nas romarias seguintes, encarregando-se espontâneamente da condução, tripulantes de navios, surtos na Guajará.

AS EMOÇÕES DE MENINO

Desde menino eu recordo tôdas as emoções. Tôda criança, a rica e a pobre, teria de estrear no dia do Cirio uma roupa nova para passear no Largo. O espoucar de foguetes de madrugada em todos os recantos da cidade, produzia um certo frenesi de alegria no meu coração. Depois, o povo rumando para a Catedral. E, sob os clarins e fanfarras do Regimento de Cavalaria, que precedia ao Carro Precursor, que até hoje se chama o "carro dos foguetes", porque vai à frente soltando esparsamente um foguete como orientação da aproximação do préstito, êste tinha início. Custava a mover-se, tal a multidão condensada, espremida, transbordando para as ruas vizinhas e transversais. Nas janelas, nos telhados, em tôda a parte, a expansão humana cheia de fé e curiosidade.

Lembro-me, já no meu tempo de criança, que as filas de seges palanques, foram substituidas pelas carruagens então chamadas de "vitórias" e caleches, de capota aberta, nelas se exibindo a melhor sociedade, sobretudo as senhoras com vestidos encomendados especialmente vindos de Paris.

O homem humilde do povo e o do interior do Estado dava preferência ao trajo de marujo, porque simbolizava a fé dos que lutavam no mar.

Cavalos e bois, conduzidos pelos seus donos, vinham cobertos e ajaezados.

E, no fim da extensa romaria, a berlinda da Santa. O povo fazia questão de "puxar a corda". Quer isso dizer, de ajudar a pegar nas cordas, uma das promessas mais penosas, porque sujeita aos pisões, que o natural tumulto provocava.

E, quando a Excelsa Virgem passava, um hino de preces saia de tôdas as bôcas cheias de irreprimiveis anseios.

Nos dias atuais, o Cirio sofreu algumas modificações, abolindo-se parte das tradições. Mas, o que não se modificou nem sofreu restrições foi o fervor religioso do povo. Aumenta dia a dia. E como nos tempos que se foram, ainda a Santa é conduzida em delirio pelas ruas da cidade, misturando-se o capitalista e o operário, a senhora rica e a moça grã-fina que passam ao lado da caboclinha que veio do sitio e trouxe a sua promessa para entregá-la aos pés de Nossa Senhora pela graça alcançada.

A FÉ QUE TRANSPORTA MONTANHAS

Verificam-se, durante o trajeto da procissão, cenas que enternecem a alma humana. Lá vai uma devota. O seu trajo é uma mortalha branca. Ela estêve à beira da morte. Ficou boa. E a promessa foi de acompanhar o Cirio como se estivesse preparada para dormir no caixão mortuário.

Outros carregam pedras na cabeça também porque se viram em transes amargos.

Um casal humilde segue os passos tímidos e espantados da filhinha, que se vestiu de anjo. As asas brancas de cartolina e o mantozinho azul fazem-na um querubim que baixou à terra.

Outra promessa cumprida com sacrificio é dos que se tornam como samaritanas, cheias de piedade. Conduzem água em potes e servem, durante a romaria, aos fiéis que têm o corpo ensolarado e o estômago sêco... Que sêde!

TACACÁ, ASSAÍ, PATO NO TUCUPI

Durante quinze noites a praça Justo Chermont, ponto central dos festejos profanos, é a atração da cidade. Uma verdadeira feira de elegância e também de simplicidade encantadora.

Há as "barracas", cuja renda é destinada às instituições de caridade, confiadas cada noite a uma familia da melhor sociedade e onde um cardápio fino e escolhido constitui a delicia dos glutões.

Outro motivo de atração está em que os fregueses são servidos por garçonetes que constituem a mais alta expressão da sociedade paraense. Moças que no seu lar não mexem uma palha, pelo absoluto confôrto, vão piedosamente, galantemente, servir até o desajustado "tabaréu" ou o burguês de charuto ao queixo, suportando-lhes, às vêzes, exigências que nem se fazem aos garções dos botequins. Elas nos atendem, sorridentemente. A causa é da mais pura filantropia. Há cavalheiros que se servem de um guaraná e deixam em mãos da linda "vendeuse" uma nota novinha em fôlha de mil cruzeiros. Em compensação, existem uns que comem três pratos de pato no tucupi, farófia de tartaruga, casquinhos de mussuan, e pagam na exata. Êsses são os tios Gaspar, os de tôda a parte e de tôdas as épocas...

No fundo do arraial a gente pobre, a menina operária, o rapaz motorista, o anônimo para quem a vida é luta e sofrimento, encontra o oásis acolhedor numa cuia de tacaca ou de assai, bebidas regionais ao alcance de seus bolsos magros e quase vazios. Saboreiam aquilo com a mesma volúpia com que os "gourmets" ingerem manjares requintados.

OS TEATRINHOS NO ARRAIAL

Quando se aproxima a tradicional festa nos tempos presentes, Belém recebe a visita de dezenas de artistas de teatro e rádio que vêm do Rio e São Paulo.

Dantes existia a chamada "prata de casa". Dois elencos compostos de artistas regionais faziam a delicia da platéia. O espetáculo era diferente dos de hoje. Como atualmente no Rio, o que se representava era uma revista de costumes locais, modesta na sua montagem, mas bem arranjada e, sobretudo, bem escrita, sem o grau de licenciosidade de que hoje se usa e se abusa.

O teatrólogo da época era Euclides Faria, um nome que a cidade quase esqueceu e que, no entanto, foi a mais decidida e espontânea vocação de comediógrafo do seu tempo. Sua revista "Tacacá" era levada à cena no teatro Chalé, hoje cinema Moderno, com enchentes incriveis, dando cinco sessões por noite, em espetáculos de uma hora, e, nas noites de sábado e domingo, atingia até oito representações, pois às cinco horas da madrugada ainda havia gente no teatro...

"Tacacá", "Art noveau" e outras ligeiras revistas caiam no gôto da platéia, constituindo no dia seguinte o motivo dos comentários da cidade.

De uns quinze anos para cá, o ambiente teatral se modificou. Veio a era do avião, do microfone e dos "ballets". A "prata de casa" teve de enrolar a bandeira de suas conquistas e "entregar os pontos" à gente nova que traz a etiqueta do "made in Rio".

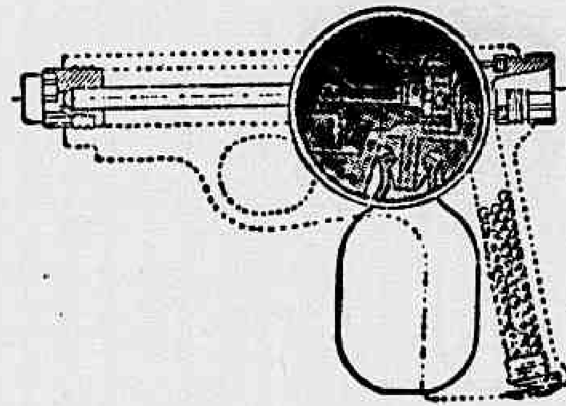
Passou então a cidade-morena a assistir aos maiores artistas de rádio e revistas que são contratados regiamente e tratados à vela de libra pelos senhores empresários. Todos impõem seu preço, que varia de um a três mil cruzeiros por noite para trabalhar no máximo em três sessões no-

(Cont. na pág. 14)

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAISES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

★

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

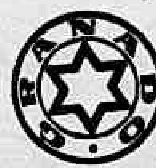
Cr$ 15,00



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



Polvilho Antisséptico GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

PAPAI NOEL TEM BOM CORAÇÃO

(Cont. da pág. 22)

E a entregou ao preto velho, que, mudo de espanto, nada podia dizer.

Depois, a visão foi a pouco e pouco se sumindo, dentro da semi-escuridão que envolvia o interior da loja.

Fortes batidas na porta principal sobressaltaram Eusébio, que acordou meio assustado. Adormecera, quando, cansado da intensa labuta daquele dia, se recostara naquele banco.

Era o guarda-noturno, seu velho conhecido, que estranhara ainda estarem acesas as luzes da casa, quando já passava da meia-noite.

Ainda algo entontecido, extremunhado, Eusébio apagou as demais luzes.

Súbito, veio-lhe à lembrança o sonho que momentos antes tivera. O estranho sonho com Papai Noel.

Sem querer, olhou furtivamente para as bonecas e ainda cuidou de escutar as palavras daquele:

— «Que diabo, Eusébio, seu patrão é tão rico. Como irá êle, ademais, dar por falta de uma boneca, se as há tantas aí.»

Reagiu, porém, à idéia de roubar. Êle, um homem que sempre timbrara pela honestidade, pela decência.

Mas as palavras de Papai Noel lhe redemoinhavam pela cabeça tonta e a imagem de Marilu bailava ante seus olhos.

Num impulso mais forte e irresistível, Eusébio agarrou duma boneca, fechou-a na caixa e saiu pra rua, apressado, como se quisesse fugir dali.

Puxou mecânicamente a porta da frente do bazar e desapareceu no silêncio da rua, nervoso e assustado.

O guarda ainda se achava ali por perto e, ao vê-lo, gracejou:

— Ah! Eu logo vi que você estava era esperando a chegada do velhinho, para também ganhar o seu presente, hein, seu sabido? — e olhou significativamente para a caixa que Eusébio carregava sob o braço.

O preto velho nem soube o que dizer. A menção da caixa, levara como que um choque, mas logo se deu conta de que ninguém sabia daquilo.

Deu um «boa-noite, seu guarda», e rumou pra sua casa, aflito por ser longe dali.

No bonde, parecia-lhe que todos conheciam o seu crime. Olhavam-no — êle o via claramente — como que desconfiados, e Eusébio esforçava-se por não fitar ninguém, ao mesmo tempo que procurava esconder bem a caixa, no canto do banco.

Via olhos que a procuravam e dedos que o apontavam como ladrão.

Suava frio e apertava-se, trêmulo, contra a janela do bonde.

A viagem parecia não ter mais fim. Tinha a impressão de que não chegaria a casa naquela noite.

Finalmente, teve um alívio e suspirou fortemente, quando se viu perto de sua casinha humilde.

Todos dormiam serenamente. Os sapatinhos de Marilu lá estavam sob a sua caminha, à espera da visita do bom velho do Natal.

Ainda suando e nervoso, Eusébio depositou a caixa da boneca sôbre os sapatos da netinha e foi pra cozinha fazer um café. Precisava de um estimulante, algo que o refizesse daquele estado de espírito depressivo em que se achava.

Tôda a noite, porém, o nosso bom Eusébio, consciência intranqüila, coração oprimido pela angústia, mãos tremendo, olhos insones e nervosos, não pôde descansar.

Nunca praticara um mau ato na sua vida tôda e agora ali se via condenado irremediàvelmente para o resto da existência, vítima de um impulso a que não soubera melhor resistir.

A alegria da netinha pela manhã, quando acordou e achou o presente, aliviou-lhe um pouco a tensão nervosa.

Correra ela ao seu encontro, tôda feliz, rosto incendiado pela emoção, irradiando a maior das felicidades:

—Vovô, vovô, olhe aqui o que Papai Noel me deixou — e pôs-se a desembrulhar a caixa, sôfregamente, nem atinando ao certo como abri-la, até ver surgir aos seus olhos arregalados e atônitos a linda boneca dos seus sonhos.

— Que linda, vovô. Bem igualzinha à boneca do sonho que tive.

E logo aduzia, compenetrada:

—Logo, nas minhas orações, hei-de agradecer ao bom Papai Noel, que não me esqueceu.

Eusébio, discretamente chorava, sentindo-se simultâneamente feliz e desgraçado.

Marilu abraçou-se ao avô, também chorando de contentamento, perguntando-lhe a causa de suas lágrimas e o que lhe tinha acontecido.

Eusébio limitou-se a acariciar-lhe a cabecinha junto ao peito.

O preto velho não pregara ôlho a noite tôda. A boneca roubada não lhe saía da cabeça. A vergonha de haver cometido tal crime, êle, que fôra um homem sempre honrado, torturava-o.

E em seu cérebro cansado se baralhavam a idéia do furto, a felicidade da netinha, as suas dificuldades de pobre, a riqueza do patrão, tudo lhe acudia ao espírito atribulado e desorientado.

Mas, no fim, sempre, Eusébio não conseguia conciliar razoàvelmente o seu crime com a tranqüilidade do seu espírito.

E o dia de Natal lhe foi mais amargurado que a véspera. Seus familiares imaginavam-no indisposto. Gente simples, ninguém atentou no valor da boneca que Marilu recebera.

Entretanto, firmemente decidido, afinal, Eusébio assim que chegou ao emprêgo, no dia seguinte, procurou o patrão:

—Patrão, quero confessar-lhe uma coisa. Sei que não tenho perdão, mas pelo menos quero tranquilizar minha vida.

E contou tudo o que ocorrera ao dono do bazar, que o ouvia, cabisbaixo, como se fôra êle e não Eusébio o faltoso.

Eusébio continuava, pausadamente, mas disposto a nada ocultar ao seu chefe, que o escutava enormemente surprêso:

— O senhor pode fazer de mim o que quiser. Sou um ladrão e o senhor tem tôda a razão de me castigar. Mas quero que saiba que fiz isto só por minha netinha, a quem queria conceder uma alegria maior no Natal. Ela está convalescendo e eu não quis contribuir para uma provável recaída no seu estado de saúde. Ela vale tudo para mim na vida. Resume a minha felicidade inteira. O patrão, naturalmente, que nunca sofreu necessidades, talvez não compreenda bem o alcance do que fiz.

— Eusébio — disse-lhe, afinal, o dono do bazar — vá trabalhar. Depois falaremos a respeito dêste caso, com mais vagar.

Êle temia castigar o prêto velho, sem um maior exame do assunto. Estimava-o deveras e até depositava inteira confiança no empregado de tantos anos e não desejava prejudicar de vez, e para sempre, o pobre e humilde servidor.

Eusébio, cabeça pendida para a frente, braços caídos ao comprido do corpo, afastou-se pesaroso e vencido, mas com a consciência tranqüila, depois do seu desabafo.

A tardinha, por fim, o patrão mandou chamá-lo à sua presença.

— Eusébio — principiou o chefe — você me fêz recordar hoje todo um passado longínquo que eu já havia olvidado. Eu também fui, meu velho, um menino pobre, e muitos natais, senão todos os de minha desvalida infância, passei-os sem o enconto de um presente sequer. Eu até pensava, então, que o Natal fôra feito, e era, coisa só para ricos e que Papai Noel não conhecia os bairros pobres da cidade.

E mudando o tom da voz, prosseguiu, paternalmente quase:

— Você nunca deveria ter feito o que fêz. Antes me houvesse pedido. Mas o que está feito não se pode desfazer, e, apesar dos pesares, eu é quem ainda lhe agradece pelo acontecido.

Eusébio olhou, surpreendido, para o seu chefe, mas nada disse, enquanto o patrão continuava:

— Você me deu uma idéia que eu nunca tivera antes. Idéia justa e humana.

E ante a perplexidade do velho prêto, que nada entendia até ali, aduziu:

— Doravante, todos os anos, esta casa vai organizar o «natal do pobre». Afinal, tenho tido bons lucros e nada mais natural que reserve pequena parcela para fazer a alegria daqueles que a não podem comprar, porque não têm dinheiro, nem a têm espontâneamente, porque ninguém dêles se lembra. Papai Noel tem bom coração, portanto deve presentear a todos, indistintamente. Ajudemo-lo, pois, a bem cumprir sua benéfica missão anual.

Eusébio olhava para o chão, sem poder atinar onde queria chegar o seu patrão, que até ali não abordara de frente o caso da boneca roubada por êle..

E o dono da casa, sorridente, finalizou, olhando de frente para Eusébio:

— E você, «seu» Eusébio, de hoje em diante, está promovido a «Papai Noel» dêste bazar, está ouvindo? E não quero mais saber de explicação nenhuma. Anualmente, você será quem distribuirá os brinquedos destinados pela casa à criançada pobre da cidade, não só pelas casas que se inscreverem aqui como para os meninos sem lar, errabundos, que até aqui vieram em busca de um pouco de alegria, de uma migalha de felicidade. E, agora, «seu» Eusébio, aperte aqui esta mão — e estendeu a dextra para o preto velho.

Eusébio não queria acreditar em tudo aquilo. Parecia-lhe um novo sonho, mas a insistência do patrão fê-lo cair na realidade grandiosa.

Meio nervoso, ainda, olhos marejados de lágrimas, tentou beijar a mão que o chefe lhe estendia, mas êste se furtou a tal e o abraçou, comovidamente:

— Deixe disso, meu velho, você me deu um dos maiores presentes de Natal de minha vida: a satisfação de fazer algo de bem pelos infelizes que sobejam por aí, e nada mais justo que você, em recompensa, tenha também o seu natal — a minha compreensão amiga e o meu amparo para o resto de sua existência.

Naquela noite, quando saía do bazar, mais feliz do que nunca o fôra antes, o velho Eusébio não cabia em si de gratidão pela generosidade do seu antigo chefe.

E ao passar pelo Papai Noel de papelão, inda colocado junto à porta de saída, pareceu-lhe ver no bom velhinho um sorriso de significativa satisfação.

Pela rua, o preto Eusébio monologava, baixinho, como que com mêdo de que alguém ou algo lhe roubasse a íntima felicidade:

— «Papai Noel tem bom coração... Papai Noel tem bom coração...»

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

A MAIS SENSACIONAL...

(Cont. da pág. 24)

Mas, desde então, os turistas que sobem ao «Cervin» tornam-se cada ano mais numerosos e os acidentes cada vez mais raros com a segurança e a experiência adquiridas pelos guias.

★

Na época de Whymper era preciso marchar penosamente durante longo tempo para alcançar Zermatt; hoje em dia, chega-se aí da maneira mais agradável, graças a uma pequena estrada de ferro a cremalheira. A linha foi prolongada até ao Gornergrat, a 3.138 metros de altitude, donde a vista envolve um dos mais magníficos panoramas que se pode imaginar. Nesta época do ano, como tôdas as estações suíças de montanha, esta região é o paraíso dos amantes de esportes de inverno, os quais, depois de subir sem esfôrço as encostas que circundam Zermatt, deixam-se deslizar, nos seus esquis, em descidas loucas e vertiginosas, sôbre uma neve fina como pó, cintilante aos raios do sol hibernal.

Um dos fatos que mais impressionou a opinião pública européia, ao tomar conhecimento desta nova façanha dos alpinistas suíços, foi sem dúvida a precisão com a qual a mesma se desenrolou. Com efeito, sabemos que tôda irradiação depende, primordialmente, do horário, e êsse programa que foi irradiado a 4.482 metros, de altura, conseguiu repercutir desde a Suíça até o Oriente Próximo, graças à sua precisão matemática, que assim confirmou a fama de que gozam os relojoeiros da Suíça, sem dúvida os melhores do mundo, e cuja indústria reflete os seus benéficos raios em tôdas as atividades da mais perfeita Democracia do mundo.

VIAGENS AÉREAS



NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

COBRINDO O INTERIOR DO BRASIL, SERVINDO A MAIS DE 50 CIDADES NOS ESTADOS DE MINAS GERAIS — MATO GROSSO — GOIÁS — BAHIA — SÃO PAULO, COM LIGAÇÃO PARA O RIO DE JANEIRO.

Oferece perfeito serviço de

PASSAGEIROS · CARGA · ENCOMENDAS · VALORES · REEMBOLSOS · FRETAMENTOS

RIO DE JANEIRO Passagens: - Rua Santa Luzia, 685-A — Fone 32-7399 — Cargas: Av. Beira-Mar, 514 — Fones 32-6119 e 32-9455.

SÃO PAULO —Rua Conselheiro Crispiniano, 28 Fone 6-3264

BELO HORIZONTE — Passagens: Av. Amazonas, 511 — Fone 2-0818 — Cargas: Rua Goitacazes, 29-loja — Fone 2-0368.

SALVADOR — Rua Santos Dumont, 21 — Praça Municipal, 1 — Fone 4-210.



CONSEGUIRA' WILLA VINGAR-SE DE PHOEBE ROUBANDO-LHE O NAMORADO?















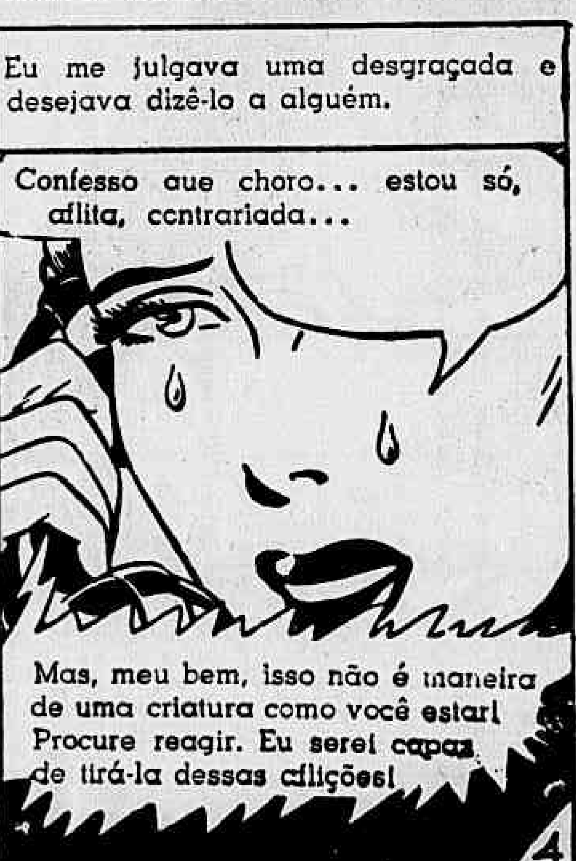








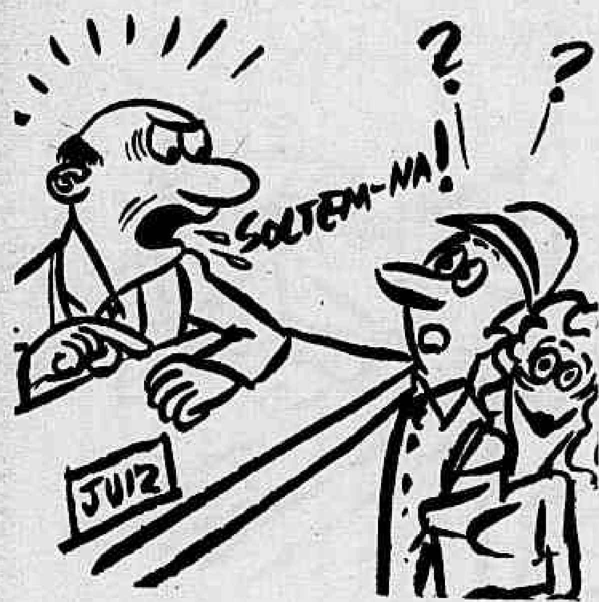




SUA PRIMEIRA CONQUISTA

Tudo isto aconteceu

UM CRIME QUE NÃO É CRIME



MARIA da Glória Gonçalves, enfermeira de profissão, lá por uns tantos desgostos da vida deu para embriagar-se. Não com aguardente ou uisque, que tiram o juizo e machucam o estômago. Ela prefere a Maconha. Liamba, Maconha, tudo vem a dar no mesmo. E' uma erva portadora de terrivel poder tóxico. Aquêle que a fuma umas duas vêzes, não mais poderá livrar-se de sua fascinação. E' como o ópio e outros agentes da destruição da saúde pelos fugazes momentos de sonhos fantásticos que a própria ilusão vai criando. Maria da Glória foi prêsa por estar embriagada e por promover distúrbios num café aí por uma dessas ruas da cidade. Levada ao Distrito verificou a autoridade policial que a pobre mulher estava tonta de tanto pitar maconha. Autuada em flagrante como incursa no artigo 281 do Código Penal, recolheram-na à Penitenciária Central de Mulheres. Feito isto, passou-se ao segundo quadro do drama, o inquérito para que o representante do Ministério Público opinasse. Mas, aí é que se verificou uma surprêsa para a detida e para a autoridade policial: Maria da Glória Gonçalves havia sido prêsa injustamente. Que o Estado a soltasse imediatamente e ainda lhe apresentasse desculpas pelo "engano"... Mas, como? — perguntará o leitor. Essa mulher não estava embriagada pela maconha? Estava, sim, diz o Promotor; mas isso não constitui crime punivel por lei. Só é delito o comércio clandestino ou não da erva condenada, e Maria da Glória não a vendia, nem era intermediária. Apenas fumava o seu cigarrinho... E basta a condenação a que ela própria se sentenciou, para sua auto-punição.

UMA NOSSA SENHORA COMUNISTA



ACABA de ser lançada nos mercados cinematográficos da Itália, uma Nossa Senhora Comunista. Parece absurdo o que dizemos repetindo a notícia que nos vem do país de Dante. Produtores italianos organizaram o argumento de um grande filme sacro, intitulado «Mater Dei» (A Mãe de Deus) e submeteram a provas mais de quatrocentas aspirantes ao papel principal da Virgem Maria, recaindo a escolha, que foi severíssima, na artista Miriam De Mayo, filiada ao PCI (Partido Comunista Italiano) e uma de suas ardorosas servidoras. Ninguém sabia disso, pois o seu nome verdadeiro é Iliana Semova, de descendência búlgara. Quando descobriram que essa Nossa Senhora era comunista e, ainda por cima, excomungada pela Igreja Católica, ficaram perplexos, os produtores. Perguntavam entre si e aos técnicos, se era possivel manter no filme um Mãe de Deus em tais condições. Nesse ínterim, ela se casou civilmente em Campodoglio. Isso veio agravar a situação, uma vez que a Igreja não reconhece o matrimônio civil. Para a Igreja Católica, ela está em concubinato. O inspirador do filme é Monsenhor Cordero, que está atrapalhadissimo com o episódio, verdadeiro abacaxi para descascar à unha. A película conta tôda a história da Santa Virgem, do seu nascimento à tragédia do Calvário. Não se sabe em que vai dar êsse filme, o mais importante filme religioso produzido no Ano Santo de 1950...



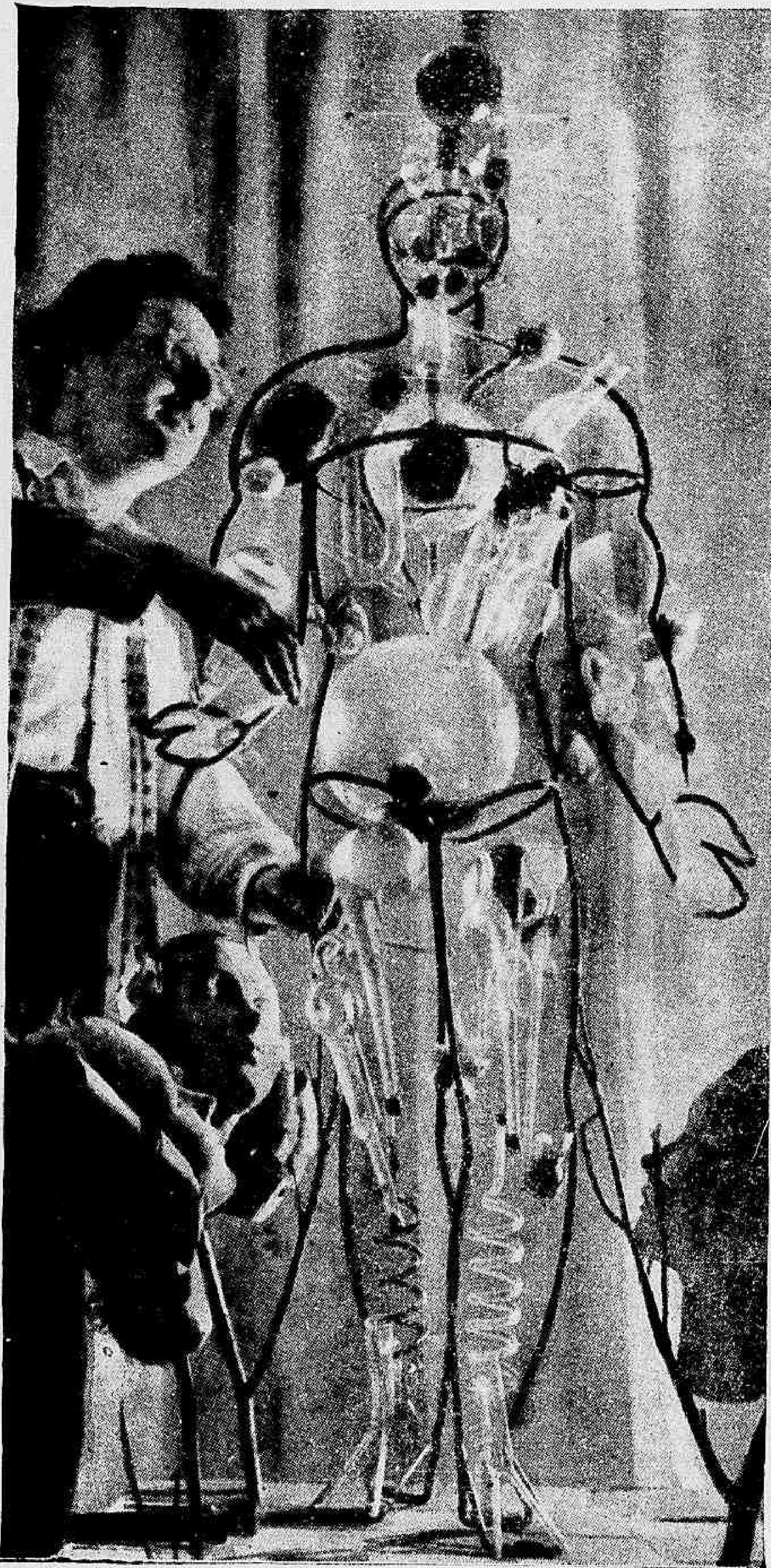


ÊSTE CIDADÃO METIDO em tão estranha vestimenta de capuz branco é Sidi Mohamed Ben Youssef, Sultão de Marrocos, que acaba de visitar oficialmente o Sr. Presidente da República Francesa M. Auriol. A solenidade que culminou com um banquete oferecido pela França ao visitante, compareceram cento e vinte e seis pessoas. A esquerda vemos Mme. Auriol, com o vestido com que compareceu ao ágape em honra ao Sultão. No flagrante à direita, salta do carro, com muita agilidade, o Sultão Sidi, enquanto o Presidente Auriol o segue. O tipo dêsse aristocrata maravilhou os franceses, pois não tem fisionomia de gente de sua raça, mais parecendo ser um europeu. Durante a festa não se aproximou das mulheres, proibido que é pela religião.

O SENADINHO

DESEJAVAM aumentar em São Paulo o Poder Legislativo. Aumentar, não é bem o têrmo; o que se desejava era complicar êsse poder estatal. Como? Com a criação de uma segunda casa legislativa para aquêle Estado: um Senado. A idéia, como todos sabemos, não é nova. Na República Velha, quando cada Estado possuia uma Constituição, muitas vêzes em desarmonia com a Federal, havia senados estaduais ao lado de câmaras de deputados. Senador estadual, deputado estadual, eram coisas comunissimas e perfeitamente legais. O sistema bicameral já existiu neste país e muita confusão provocou, como não podia deixar de ser. Com as surprêsas das últimas eleições gerais no Brasil, muita gente pensava eleger-se ou reeleger-se para os legislativos municipais, estaduais e da União; mas, com as surprêsas do sistema do voto secreto em cabina indevassável, o eleitor "roeu a corda" que o ligava ao "cabo eleitoral" e votou como bem quis. Resultado: derrota geral em tôdas as frentes de combate... Que fazer de tanto órfão politico? Essa gente já estava habituada a não fazer nada. Viver folgadamente às custas de uma cadeira de vereador, deputado ou senador é o maior prêmio que se pode desejar sob a luz do luar, seja de Paquetá ou dos sertões de Mato Grosso. Daí a idéia salvadora: criação de um Senado para São Paulo, sem precisar consultar a opinião pública pelo voto do cidadão. Bastaria que cada Partido organizasse eleitores indiretos. O objetivo seria atingido "diretamente"... Mas, houve uma grita geral. O próprio Govêrno de S. Paulo se revoltou. E, com a consulta ao Supremo Tribunal Federal, essa história de Senadinho morreu mesmo antes de nascer.





Depois que os átomos foram dominados pelos ciclotrons e outros aparêlhos de feroz dinamismo para desintegrar as fôrças ocultas da Natureza, o homem de ciência e até mesmo os simples curiosos passaram a quebrar a cabeça para descobrir meios de converter autômatos em verdadeiros sêres dotados de inteligência e sensibilidade. Em Paris, a física e a química sugeriram a um decorador francês êste manequim atômico, todo êle construido com dispositivos de alambique, sifões, provetes, vasos comunicantes como se fossem veias e artérias, o qual passou a ser considerado a «Fonte da Juventude», parte integrante de uma nova casa para Beleza Feminina.

VERDES MARES BRAVIOS

NÃO há brasileiro que não tenha ouvido falar dos "verdes mares bravios de minha terra natal". Muita gente sabe isso de cor, embora não ligue a frase poética à sua verdadeira origem. Nada mais sugestivo e belo do que uma praia nordestina. Seu ambiente emoldurado de coqueiros, as dunas e as florestas de cajueiros, dão um aspecto de inegável beleza marinha. Mas, o mar do nordeste tem caprichos de "amigo da onça". Vai um cidadão e escolhe excelente e poético recanto de praia para morar. Com sacrifícios de bandeirante, junta recursos e ergue a casa branca da praia. Instala-se, chama os amigos para uma Ipioca com caju pamparra, arma a rêde e dorme tranqüilamente. Mas, os "verdes mares bravios" estão olhando aquilo e preparando-se para o dia do assalto. Uma bela manhã o nosso confiado amigo desperta com o ruido das águas à porta, como se o oceano estivesse sendo despejado de seu leito por uma ordem da Natureza. Olha em volta e se espanta. Acorda a filharada, a mulher, reúne os cacarecos, as galinhas, grita por socorro e abandona o lar, o doce lar à beira-mar plantado. Agora mesmo acaba de suceder dêsses dramas entre pescadores e praieiros cearenses. Desde a construção do pôrto de Mucuripe, as marés de Fortaleza não têm sido de brincadeira. Todos os anos, por êste fim de dezembro, as ondas ficam mais verdes, mais revôltas, muito mais ferozes do que dantes. Acham os supersticiosos que o mar se revoltou contra a construção do cais. A praia Formosa é formosa em tudo. Para ali afluiram centenas de famílias proletárias. Mas o mar está destruindo casa por casa, deixando todos ao desabrigo. Que tenham Boas-Entradas, porque as Saidas não estão lá muito agradáveis.

AGITAÇÃO EM SINGAPURA



DIZEM telegramas vindos de Singapura, aquela famosa possessão britânica da Indo-China inglêsa que possui uma fortaleza julgada inexpugnável até à última guerra mundial, quando os japonêses a atacaram por terra, vencendo pântanos e matas perigosos, dominando, por fim, a famosa praça de guerra. Mas a agitação atual de Singapura não se prende a questões de guerras entre o Ocidente e o Oriente. O episódio de agora é outro, e, até certo ponto, romântico... Durante a luta da segunda grande guerra, uma garotinha de nome Berthe Hertheg fôra adotada por um muçulmano em virtude de seus pais terem sido aprisionados pelos invasores japonêses. A fim de a mesma não cair nas garras dos inimigos do Império Britânico e da Holanda, os seus pais a confiaram aos cuidados de um generoso muçulmano. Sucedeu, porém, que, com o passar dos anos, a menina foi crescendo e se casou com um profesor malaio. Já está ela com seus quinze janeiros. Mas sobreveio um acontecimento inesperado: sua mamãe voltou agora a Singapura, de passagem para a Holanda, e foi buscá-la. Como era de prever, o muçulmano se opôs terminantemente e o caso foi parar no Tribunal Britânico de Singapura. Os Juizes não quiseram reconhecer a maioridade e emancipação de Berthe pelo casamento e anularam tudo. Os muçulmanos se revoltaram contra êsse ato ditatorial e sairam à rua para fazer barulho. Veio a policia com seus gases lacrimogêneos e não conseguiu nada; foi então chamado o Exército e... o choque se deu. E continuam os protestos contra a extradição de Berthe...

★

A JUSTIÇA EM GREVE



ESTA é nova no Brasil. Talvez mesmo em tôda a América. Veio-nos de Belém do Pará. Estavam os trabalhos do Fôro em ordem e boa marcha, quando correu a sensacional novidade por todo o Estado: a Justiça entrou em greve. Os srs. Juizes de Direito daquele Estado da Federação, como protesto contra a falta de pagamento de seus honorários, retiraram a garnacha, penduraram o capelo e deitaram-se em suas redes de bonitas varandas. Não trabalhariam enquanto não fôssem embolsados em seus vencimentos. Também eram gente, tinham familia e obrigações para com fornecedores, empregados, etc. Já meditou o leitor, por um instante que seja, o que significa uma Justiça de braços cruzados? Paraliza tôda a vida da sociedade em que se passar o episódio. Os advogados ficam inativos, os cartórios sem dar vasão aos processos, os meirinhos com sono, os credores sem fôrça para cobrar, os coactos cada vez mais coagidos, as causas em suspenso, enfim, uma calamidade geral. Mas, — pergunta-se — será que um Estado, como o do Pará, chegou a êsse estado de pobreza, a ponto de pasar o calote em seus Juizes de Direito? Deve ter havido algum mal-entendido. E' provável que os intensos trabalhos de eleições e a escrituração atrasada lá pelas contadorias oficiais tenham causado êsse distúrbio sério e imperdoável contra os senhores Juizes paraenses. Mas, se, em verdade, as noticias que nos chegaram são verdadeiras, estamos diante de um fato deplorável. Quando a própria Justiça abandona os seus oficios e dá as costas às instâncias sociais, a máquina estatal está ruindo justamente num dos seus mais respeitáveis poderes.



VEMOS AQUI UM DOS NUMEROSOS cemitérios de automóveis do Estado de Nova York. Esses campos-santos de carros usados e desprezados pelos seus proprietários existem em tôdas as grandes cidades norte-americanas. Mas, segundo as estatísticas, nem sempre todos os veiculos largados assim em meio do mato, são dignos dessa «morte» definitiva. Muitas desses carros poderiam ainda prestar bons serviços; mas, o que sucede é que os seus donos, depois de uns oito ou nove anos de vida intensa a serviço dos mesmos, são considerados imprestáveis. Outras marcas são lançadas no mercado, outros sistemas, outros hábitos. E ei-los ainda semi-vivos, no cemitério fatal.

SAUDOSO CARRASCO



ACABA de falecer em Evansville, em Indiana, Estados Unidos, na idade de 78 anos, o sr. Phil Hanna. Era fazendeiro abastado e sócio em negócios petrolíferos. Entretanto, sua fama e popularidade não vieram de nenhuma dessas qualidades: a de ser fazendeiro ou a de ser semimagnata do petróleo. As glórias, a popularidade, o renome de Mr. Hanna nasceram e se robusteceram pelo fato de êle ser... carrasco. Para nós, brasileiros dêste século, essa história de carrasco não tem sentido algum; mas, para êles lá, carrasco é o cidadão pago pelo Estado para meter o pescoço de um condenado à morte em bem seguro e forte laço e enforcá-lo amàvelmente. Pois, o sr. Hanna conseguiu fama e amizades gerais por ser carrasco. Não há nisso nenhum paradoxo ou incoerência. O nosso fazendeiro e carrasco exercia tais funções de maneira tôda especial. Não era pago pelo Estado. Enforcava os condenados sem receber um tostão. Tudo gratuito. Desde sua mocidade que levava cabeças à fôrca. Tinha disso idéias próprias e de absoluta independência. Sua maior preocupação era a de que os condenados à fôrca não sofressem dor nenhuma no momento culminante da morte. E o conseguiu. Enforcado pelo delicado Mr. Hanna morria com uma corda ao pescoço, mas sem nenhuma dor. Era sua especialidade. Por isso, em Indiana e vizinhanças, seu nome era citado com muita veneração e não havia quem não desejasse morrer com um laço feito pelo fazendeiro. Isto é, os já condenados à morte. Os outros, naturalmente, só invejavam do velhinho sua situação de independência financeira, seu gado e... as ações de petróleo!

★

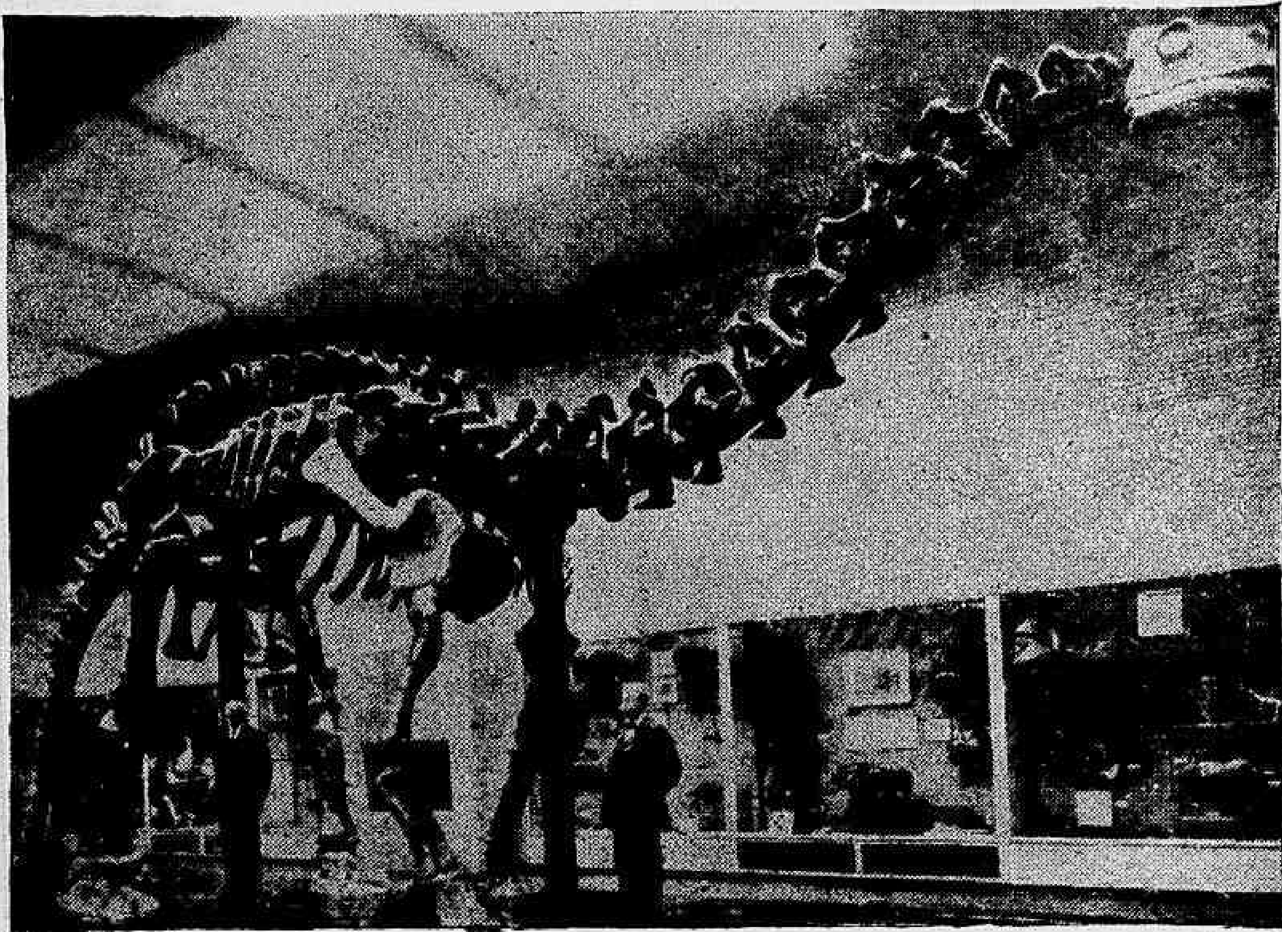
TRISTE NOIVADO



O destino tem caprichos incríveis. Morava em La Paz o sr. José Navarro, advogado e secretário da Caixa Nacional de Seguros da Bolívia. Certo dia, enamorou-se de uma jovem de elevada educação e cultura, filha do embaixador da Colômbia nesta capital. Sendo o enlace de inteira solidariedade de ambas as famílias, Navarro tratou de pôr em ordem os seus papéis e, logo que houvesse oportunidade, viria ao Rio convolar núpcias com a eleita de seu coração. A dezenove de outubro passado, José Navarro tomou uma licença de dez dias junto à administração da Caixa Nacional de Seguros e tratou da passagem para a capital do Brasil. Não se pode imaginar a sua emoção, ao enviar à noiva o aviso de que estava de partida para cá. Mas, com surprêsa para a srta. Teresa Vasquez, os dias se passaram e nada de notícias de Navarro. Os aviões internacionais da carreira chegavam, e êle nada de aparecer. Também não dera mais notícias. Que estaria ocorrendo? De desastre de avião não poderia tratar-se, uma vez que nenhum aparelho fôra vítima de tais acidentes. Por sua vez, passados os dez dias de licença, a diretoria da Caixa Nacional de Seguros de La Paz demitiu à revelia o funcionário faltoso, pois êste estava abusando do estabelecimento e ultrapassava de muito o prazo concedido para vir ao Rio a fim de casar-se. A noiva, aflita, já não sabia a que atribuir tanta demora e tanto silêncio. Mas, agora, tudo se esclareceu. Encontraram o cadáver de Navarro, morto a tiros de revólver num barranco nas cercanias de La Paz. Em seus bolsos Cr$ 5.000,00.



ESTAS TRÊS GRAÇAS não vieram da Grécia e sim dos encantos de Paris, candidataram-se a papeis do filme de Jean Cocteau, «Orpheu», e se exibiram envergando modelos do famoso costureiro Carven. Os chapéus que mostram são devidos à imaginação de outro famoso modista Aubry, o homem que sabe como fazer glorificar" a cabeça das mulheres para perder a dos homens. Tôdas elas são de rara beleza, de simpatia irradiante, e é de esperar que a trinca de beldades consiga classificar-se para interpretação na história de «Orpheu» levada à tela. E' provavel que, depois disso, nossas elegantes patrícias passem a deslumbrar as ruas do Rio com modelos iguais, dos pés à cabeça, para que uns tanjam a lira de «Opheu» e outros «delirem»...



GIGANTESCO ESQUELETO DE BRONTOSAURO, acaba de ser montado e exposto no Museu Al Peabody da Universidade de Yale, em New Haven. Para dar uma idéia das gigantescas proporções do monstro ante-diluviano, o Prof. Lull, diretor do Museu e conhecido estudioso desses bichos desaparecidos, deixou-se fotografar sob suas costelas. O seu comprimento é de 22 metros, da cauda ao focinho. Faz parte de uma família de dinosauros já fósseis e êste foi encontrado em Wyoming, pesando a ossada «apenas» sete toneladas. Calcula-se que o animal vivo pesasse umas quarenta toneladas... A marca de suas patas, deixava o diâmetro de um metro. Dizem os sábios, com o Prof. Luli à frente, que êsse bicho viveu há uns 120 milhões de anos.

CONGRESSO DE NUDISTAS

VEM-NOS de Londres uma notícia sensacional para as pessoas habituadas a usar muitas roupas, especialmente nestes dias de elevado grau de calor. A senhora Sylvia Bassam, secretária em exercício da Associação de Banhistas de Sol da Grã-Bretanha, convocou uma convenção internacional de nudistas a ser realizada simultâneamente com o "Festival da Grã-Bretanha" no próximo verão, convenção esta destinada a atrair turistas e exibir as realizações científicas, industriais e culturais da Inglaterra. A senhora Bassam declarou, todavia, que o ponto culminante do conclave será a realização do Congresso dos nudistas. Para êsse êxito, dois imensos campos internacionais serão abertos em Londres, isto é, nos arredores da grande cidade, onde os visitantes estrangeiros serão recebidos com tôda a pragmática, isto é, sem roupa nenhuma. Atualmente, só há uma dificuldade, a de encontrar número suficiente de intérpretes de ambos os sexos. Não é que faltem em Londres pessoas cultas conhecendo o francês, o espanhol, o alemão, o árabe, o chinês, o esperanto; a questão está em serem êsses indivíduos habituados a viver como Adão e Eva no Paraíso antes de a cobra aparecer na macieira cheia de frutos tentadores. Para muita gente nada mais belo do que uma reunião elegante, onde as mulheres aristocráticas e galantes exibam os últimos figurinos, as jóias mais faiscantes, chapéus e maquilagem cinematográfica. Ora, num acampamento de nudistas, nem chinelos se usam. E, com o uso do cabelo curto, nem mesmo as tranças poéticas para dar que falar às mexeriqueiras...

48 HORAS NA ESTÂNCIA SÃO PEDRO

GRANDE parte das atenções do país, e mesmo do estrangeiro, voltaram-se nestes últimos tempos para a Estância São Pedro, situada em Uruguaiana, Rio Grande do Sul. Desde que o sr. Getúlio Vargas decidiu transferir-se da sua fazenda em Itu, para a dos limites na fronteira Brasil-Argentina, a estância do sr. Batista Luzardo passou a galvanizar as curiosidades maiores da nação, e à medida que os acontecimentos se desenrolavam do período da campanha eleitoral, com a candidatura do senador pelo seu Estado natal, ao resultado muito expressivo em seu favor, do prélio de 3 de outubro, êsse interêsse mais se fêz situar naquele pedaço de terra, que não é pequeno assim, pois abrange 9.100 hectares. Em face de tão pronunciada curiosidade pela pessoa do candidato eleito e do local em que êle ainda se encontra quando redigimos estas notas, resolveu a REVISTA DA SEMANA destacar o seu redator-chefe para uma visita aos domínios do nosso antigo embaixador na República vizinha.

Por espaço de quarenta e oito horas, Celestino Silveira permaneceu na Estância São Pedro, com oportunidade bastante para percorrê-la e fixar, da mesma, bem como de seus habitantes, as necessárias impressões, seu "clima" de vida em comum, e todos os pormenores que a situação de ampla liberdade profissional lhe permitia. Êles culminam, entretanto, na pessoa do sr. Getúlio Vargas, com quem o nosso companheiro manteve, durante êsse tempo, o mais livre e desembaraçado contacto pessoal. Despido de qualquer protocolo, no assíduo convívio com os jornalistas que ali se encontravam, com a família Luzardo e com todos os trabalhadores da Estância, o candidato eleito reafirma-se o homem do campo, simples de atitudes, sempre acessível, entretanto, e procurando mais ouvir do que falar, numa assídua manifestação de interêsse pelos acontecimentos do Brasil e do resto do mundo. Tudo obedecendo a um método de vida, de horários, de trabalho, que lhe permitem, embora tão arredado dos grandes centros, examinar detidamente os magnos problemas cuja solução terá de enfrentar, uma vez empossado no mais alto cargo do país. A primeira dessa grande série de reportagens será publicada em nosso próximo número, com ampla documentação fotográfica. Na gravura, um flagrante do presidente eleito, batido pelo nosso repórter, no "castelinho" da Estância, onde o sr. Getúlio Vargas foge ao assédio dos visitantes que, em legiões, o procuram dia a dia. Nêle se vê s. excia. acariciando seu companheiro inseparável, Sultão, um "cão-fiel" cuja história será também relatada nessas observações recolhidas por Celestino Silveira.

CORREIO DA REVISTA

R.V. — Rio — Seu conto, «Memórias de uma farda colegial» não logrou êxito. O português estava ruinzinho...

E.C.C. — Rio — Não foi aproveitado o seu trabalho «Mesmo Sangue». Não está em forma de conto literário.

Abgail Torres: — Salvador — Bahia — O Curso de Literatura, Estilística e Português tem sua séde na Av. Rio Branco 117, 3º andar, sala 305.

Z.O.T. — S. Paulo — A REVISTA DA SEMANA procura orientar os novos publicando-lhes os contos, mas exige que os originais venham de acôrdo com as condições contidas no aviso que publicamos permanentemente.

Ramon Lago (Belo Horizonte) — Vamos ler o seu trabalho, "Ângela Sonhadora" Aguarde.

Gastão de Alencar (Rio) — Seu conto "Chove no Mar" (Conto de Natal) chegou atrasado para o número de Natal desta Revista. Vamos ver se o incluimos noutra edição.

Pedro Menezes (Belo Horizonte — Minas Gerais) — Já estava encerrada a edição de Natal e os respectivos contos selecionados, quando nos chegou o seu trabalho "A Última Lágrima", que vamos examinar e decidir depois.

Osmar Giampaoli (Rio) — Está muito curto o seu conto "O Presente de Natal" Tenha a bondade de ler o Regulamento dos Contos para esta Revista.

Maria Pia del Monte (Rio) — Está em nosso poder o seu conto "Miss Catarina". Vamos lê-lo com muita satisfação.

C. O. (São Paulo) — Um mínimo de 1 fôlhas, tipo ofício, dactilografadas em espaço duplo. O máximo, umas nove ou dez.

X. da S. P. (Salvador, Bahia) — Sua composição não estava muito recomendável em virtude do mal português. Não basta o fundo, o miolo, o sentido. E' preciso que a linguagem seja regular, bem asseada. Muito sentimos; mas... melhore um pouco seu vernáculo e volte, caso queira.

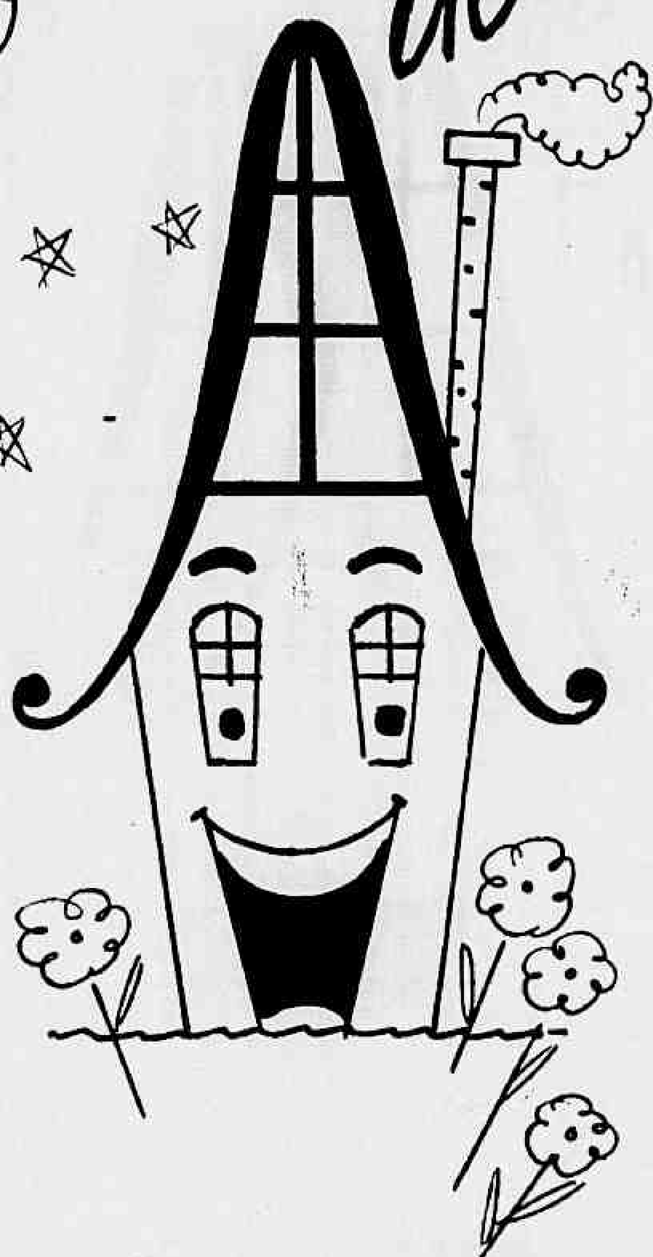
D. B. B. (Recife) — Agradecidos pelas expressões amáveis. Estamos aqui para ajudar os novos e prestigiar os velhos. Pode mandar seu conto, sem nenhum receio.

Respostas ao teste

1—Emoliente
2—Os pulmões
3—Deslocação
4—Contra-veneno
5—1.11.1755
6—D. João V
7—Duas
8—Sebastião de Elcano
9—Ao Govêrno de Castela (por naturalização)
10—Tordesilhas (7.6.1494)
11—A Portugal (D. João II)
12—Em Versalhes
13—O Conde de Bismarck
14—Três (Rússia, França e Inglaterra)
15—Sete (1776 a 1783)
16—George Washington
17—Tsar
18—Pedro, o Grande
19—Luiz XIV
20—Zwinglio.

A NOSSA

Grande venda de aniversário



Proporcionará

ALEGRIA E CONFÔRTO

à sua casa

SEM EXCEDER SEU ORÇAMENTO

MÓVEIS AVULSOS

TAPETES E

NOVIDADES PARA PRESENTES ÚTEIS

BELEZA

ORIGINALIDADE

QUALIDADE

MOVEIS E DECORAÇÕES

CASA NUNES

65 - Rua da Carioca - 67

Quem ama a boa música aprecia Hollywood





A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

H-88.066

um produto SOUZA CRUZ